MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM LETRAS

SILVANA LANGHI PELLIN PEREIRA

A ICONICIDADE E A ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

DOURADOS - MS

2019

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM LETRAS

SILVANA LANGHI PELLIN PEREIRA

A ICONICIDADE E A ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti.

DOURADOS - MS
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P436i Pereira, Silvana Langhi Pellin

A inconicidade e a arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: uma análise na perspectiva da semiótica greimasiana [recurso eletrônico] / Silvana Langhi Pellin Pereira. -- 2019.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Rita de Cássia A. Pacheco Limberti.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio

1. Sinais motivados e imotivados. 2. Efeitos de sentido. 3. Quadrado semiótico. I. Limberti, Rita De Cássia A. Pacheco. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO EM LETRAS

SILVANA LANGHI PELLIN PEREIRA

A ICONICIDADE E A ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Dourados – MS, 26 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Drª. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Letras
Presidente

Dr. Anailton de Souza Gama
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Membro Titular Externo

Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Letras
Membro Titular

DEDICATÓRIA

Dedico estas páginas à comunidade surda brasileira que resistiu e continua lutando pela igualdade de direito linguístico.

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata:

A Deus por ter concedido a mim: vida, saúde e capacidade para a realização desse estudo;

A meus pais, Euzebio (*in memoriam*) e Adelina, pelas palavras de força para que eu pudesse prosperar em minha vida acadêmica;

A meu esposo Edgar pelo apoio e compreensão incondicional quando me ausentei em tantos momentos;

A meus filhos Edgar Jr e Douglas e minhas noras Celma e Juliana pelo incentivo para que eu pudesse vencer os desafios durante minha trajetória acadêmica no mestrado;

A meus netos Eduardo, Raphaela, Nicolly e João Lucas que me enchem de ânimo e vibram com cada conquista da vovó;

A meus colegas surdos do curso de Letras Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), da turma 2008, pelas trocas de experiências as quais contribuíram para nosso crescimento;

Às tutoras Janete e Ayla, do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), da turma 2008, pela dedicação em nos ensinar o aprofundamento linguístico da Língua Brasileira de Sinais;

À Profa. Dra. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti que aceitou ser minha orientadora, mesmo não havendo no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE/UFGD) a linha de pesquisa na área da Libras;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE/UFGD), em especial Rita, Edilaine, Silvia Mara e Marcos Lucio, que muito contribuíram para meu crescimento acadêmico;

A meus colegas de caminhada do Mestrado, pelos momentos em que compartilhamos nossas angústias, superações e conhecimentos;

À Comunidade Surda de Dourados que me oportunizou, pela convivência, aprender a Língua Brasileira de Sinais;

À Pastoral dos Surdos de Dourados pela confiança que a mim depositaram como uma das primeiras intérpretes de Libras da Igreja Católica, tornando, assim, as celebrações e eventos acessíveis aos surdos de Dourados.

“Sem dúvida, há diversos idiomas no mundo; todavia, nenhum deles é sem sentido”.
1 Coríntios 14:10

RESUMO

PEREIRA, Silvana Langhi Pellin. **A ICONICIDADE E A ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS:** UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS.

Esta pesquisa analisa o fenômeno linguístico da iconicidade e arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais. Problematizamos a interseção nesse fenômeno investigando a possibilidade, ou não, dos sinais arbitrários possuírem algum traço de iconicidade. Para tanto, organizamos este trabalho em três capítulos. No primeiro deles discute-se concepções e reflexões acerca dos aspectos da Linguística e da Semiótica que respaldam teoricamente a problematização levantada neste trabalho. O segundo capítulo apresenta algumas perspectivas relacionadas aos fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade, de forma geral e na Língua Brasileira de Sinais. Este capítulo apresenta, também, o *corpus* desta pesquisa. O terceiro e último capítulo aborda a análise dos sinais selecionados que pertencem à categoria de verbos não direcionais, especificamente os ancorados no corpo ou próximos a ele. Nas análises transitou-se pelos parâmetros básicos: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M). Estes são fundamentais para a criação de um sinal, ou seja, de um signo linguístico. Entretanto, não se descartou a possibilidade/necessidade de transitar também pelo parâmetro secundário das Expressões Não Manuais (ENM), haja vista que este complementa as informações mostrando o significado de um sinal/signo linguístico. As análises realizadas segundo o quadrado semiótico de Greimas proporcionaram a identificação de alguns traços de correlação, ainda que remotamente, entre a iconicidade e a arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais. De acordo com esse procedimento *iconicidade vs. arbitrariedade* são os termos contrários cuja relação vai orientar os percursos de sentido: a) iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade; b) arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade. Estão imbricadas nestes percursos de sentido as relações de contrariedade, contradição e complementaridade. Esta pesquisa é também uma forma de contribuir com as discussões sobre os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, considerando-se que as Línguas de Sinais (LSs) tornaram-se objeto de estudo há poucas décadas, o que implica em um quantitativo incipiente de pesquisas nessa área.

Palavras-chave: Sinais Motivados e Imotivados; Efeitos de Sentido; Quadrado Semiótico.

ABSTRACT

This research analyzes the linguistic phenomenon of iconicity and arbitrariness in the Brazilian Sign Language. We problematize the intersection in this phenomenon investigating the possibility, or not, of the arbitrary signals possess some trace of iconicity. Therefore, we organize this work in three chapters. The first one discusses conceptions and reflections about the aspects of Linguistics and Semiotics that theoretically support the problematization raised in this work. The second chapter presents some conceptions related to the linguistic phenomena of iconicity and arbitrariness, in general and in the Brazilian Sign Language. This chapter also presents the corpus of this research. The third and final chapter deals with the analysis of selected signals belonging to the category of non-directional verbs, specifically those anchored in or near the body. In the analyzes the basic parameters were: Hand Configuration (CM), Point of Articulation (PA) and Movement (M). These are fundamental for the creation of a sign, that is, of a linguistic sign. However, the possibility / necessity to pass through the secondary parameter of the Non-Manual Expressions (NMS) was not ruled out, since it complements the information showing the meaning of a sign / linguistic sign. The analyzes performed according to Greimas' semiotic square provided the identification of some traces of correlation, albeit remotely, between iconicity and arbitrariness in the Brazilian Sign Language. According to this procedure iconicity vs. arbitrariness are the opposite terms whose relation will guide the paths of meaning: a) iconicity => non-iconicity => arbitrariness; b) arbitrariness => non-arbitrariness => iconicity. These relations of opposition, contradiction and complementarity are interwoven in these pathways of meaning. This research is also a way of contributing to the discussions on the linguistic studies of the Brazilian Sign Language, since Sign Language (LSs) have become the object of study for a few decades, implying an incipient quantitative of researches in this area.

Keywords: Motivated and Unmotivated Signs; Effects of Sense; Semiotic Square.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplo de Equivalência 23
Quadro 2 - Exemplo de sinal icônico 25
Quadro 3 - Pesquisas existentes relacionadas ao tema 25
Quadro 4 - Ilustração da afirmação anterior 55
Quadro 5 - Representação adaptada da seleção de dedos segundo BHKS 57
Quadro 6 - Exemplos em Libras relacionados à seleção de dedos médio e anular 58
Quadro 7 - Exemplos de empréstimos linguísticos na Libras 59
Quadro 8 - Combinação dos parâmetros primários/expressão não-manual 63
Quadro 9 - Sinais articulados com uma e duas mãos 65
Quadro 10 - Esquema criado por Hulst 68
Quadro 11 - Pares mínimos 70
Quadro 12 - Fonemas/Alofones 71
Quadro 13 - Possíveis construções na Libras 74
Quadro 14 - Sinais com motivações nos níveis: fonético, morfológico, semântico e sintático 80
Quadro 15 - Mudanças morfológicas e semânticas na Libras 88
Quadro 16 - Exemplos de tabelas de configurações de mãos na Libras 89
Quadro 17 - Alguns classificadores e suas categorias segundo Ferreira (2010) 90
Quadro 18 - Sinal relativamente motivado 97
Quadro 19 - Sinais correspondentes ao *corpus* da pesquisa 99
Quadro 20 - Percursos de relação de sentidos 103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Sinal RITA.....54
Figura 2 - Sinal UFGD 54
Figura 3 - Parâmetros 67
Figura 4 - Sinal ÁRVORE em quatro LSs 94
Figura 5 - Modelo legendado do quadrado semiótico de Greimas.....102

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e amigos dos Excepcionais
Art.	Artigo
ASL	Língua de Sinais Americana
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAS	Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez
CL	Classificador
CLG	Curso de Linguística Geral
CLs	Classificadores
CM	Configuração de Mão
CMs	Configurações de Mãos
EaD	Faculdade de Educação à Distância
ENM	Expressões Não Manuais
FACALE	Faculdade de Comunicação, Artes e Letras
FAED	Faculdade de Educação
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
GU	Gramática Universal
L	Local
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Língua Oral
LOs	Línguas Orais
LS	Língua de Sinais
LSs	Línguas de Sinais
M	Movimento
NUESP	Núcleo de Educação Especial
OM	Orientação de Mão
OSV	Objeto-Sujeito-Verbo
PA	Ponto de Articulação

PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
SED	Secretaria Estadual de Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SOV	Sujeito-Objeto-Verbo
Suj. U Obj.	Conjunção do Sujeito-Objeto de Valor
Suj. ∩Obj.	Disjunção do Sujeito-Objeto de Valor
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
TILS	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNAI	Unidade de Apoio à Inclusão dos Portadores de Necessidades Especiais
VOS	Verbo-Objeto-Sujeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

1. REFLEXÕES TEÓRICAS RELACIONADAS À LINGUÍSTICA E À SEMIÓTICA 29
1.1. Concepções e reflexões acerca da Linguística: sua constituição enquanto ciência ... 29
1.1.1. O estruturalismo e o funcionalismo linguístico 33
1.1.2. Lingua(gem): uma retomada conceitual 36
1.2. Um panorama acerca da Semiótica: definições e apontamentos 42
1.2.1. Definições 43
1.3. A semiótica, Hjelmslev e Greimas 45
1.4. O sentido e seus níveis de percurso gerativo 48

2. OS FENÔMENOS DA ICONICIDADE E DA ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS 52
2.1. Língua Signo linguístico/ Libras e Signos não Linguísticos 52
2.2.1. Breve abordagem acerca da língua e do signo linguístico 75
2.2. O fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais: concepções gerais 78
2.2.1. Os classificadores na Língua Brasileira de Sinais e sua relação com a iconicidade 87
2.2.2. Arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais: um breve panorama 92
2.2.3. Arbitrariedade absoluta e relativa na Língua Brasileira de Sinais 96
2.3. O *corpus* da pesquisa 99

3. ANÁLISE SEMIÓTICA DO CORPUS DA PESQUISA 101
3.1. Análise dos sinais com traços de iconicidade e de arbitrariedade 103

CONSIDERAÇÕES FINAIS 108

REFERÊNCIAS 113

INTRODUÇÃO

A língua é um veículo de comunicação pelo qual determinado povo produz enunciados, possibilitando a comunicação e compreensão entre seus membros, constituindo a identidade desse povo. Nesse sentido, a língua tem caráter social; é através dela que os seres humanos manifestam "a capacidade [...] para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social" (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 13).

Partindo dessa concepção, as Línguas de Sinais (LSs) utilizadas pelo povo surdo expressam o jeito surdo de ser, de ver o mundo e de se comunicar. Segundo as autoras, os surdos brasileiros "usam a língua brasileira de sinais, uma língua visual-espacial [...] nos espaços criados pelos próprios surdos, como por exemplo, nas associações, nos pontos de encontros espalhados pelas grandes cidades, nos seus lares e nas escolas". Além dos surdos, há ouvintes que conhecem e utilizam a Língua Brasileira de Sinais. Entre estes estão familiares, amigos, professores de surdos e intérpretes.

Por muitas décadas, as LSs não eram aceitas como línguas, o que acarretou sua proibição e, consequentemente, o não reconhecimento da cultura e identidade surdas. Essas línguas, enquanto objeto de pesquisa, estão inseridas em um cenário muito recente. No entanto, a literatura acerca da linguística apresenta, no geral, uma equivalência entre as LSs e as línguas orais (LOs). Benveniste (2005) já afirmava que o campo de pesquisa dos linguistas ampliara-se e que todas as línguas conquistaram direitos para representarem a linguagem. Para ele, certas categorias são comuns a todas as línguas. Nesse sentido, Gesser (2009, p. 21) assegura que "a língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural".

As pesquisas acerca das LSs ganham visibilidade e credibilidade a partir da década de 1960; década que foi um marco histórico para as pesquisas cujos objetos de estudo concentravam-se nas línguas de sinais. O primeiro linguista a interessar-se por pesquisar uma língua de sinais foi Stokoe, cujo foco de estudos fora a Língua de Sinais Americana (ASL). Segundo Quadros e Karnopp (2004), Stokoe comprovou que a ASL atendia todos os aspectos linguísticos de uma língua natural e, assim, conquistou o *status* de língua. A partir de então, a ASL torna-se referência para pesquisas de outras línguas de sinais como é o caso da Língua Brasileira de Sinais, que doravante grafamos Libras[1].

[1] Na presente pesquisa, a grafia para Libras será apenas com a inicial da palavra em maiúscula. Isso porque, por se tratar de um siglema, isto é, uma sigla com caráter de palavra, a grafia com todas letras em maiúsculas é utilizada somente se cada uma corresponder a uma ideia, termo ou conceito, independentemente de ser a sigla pronunciável ou não (PIACENTINI, 2011).

No Brasil, as pesquisas desenvolvidas no âmbito linguístico da Libras somadas à articulação política da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis)[2] contribuíram para posterior reconhecimento e regulamentação dessa língua. Sua oficialização efetivou-se com a homologação da Lei Federal nº 10.436, de 24/04/2002. Esta é conhecida como Lei de Libras, dispõe sobre ela e está em vigor desde 25/04/2002, data de sua publicação, portanto, há dezessete anos. De acordo com seu Art. 1º é "reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados". É entendida em seu parágrafo único como "a forma de comunicação e expressão, [...] de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil" (BRASIL, 2002, p. 23).

Pouco mais de dois anos depois, o Decreto nº. 5.626, de 22/12/2005, regulamenta a Lei nº 10.436. Esse decreto trata da inclusão da Libras como disciplina curricular, da formação de profissionais para o ensino e tradução da referida língua, da educação bilíngue, entre outros tópicos. Considerando o que dissemos nos parágrafos anteriores, a cultura surda passa a ser, também, reconhecida.

Para entendê-la, muito mais do que conhecer a Língua de Sinais (LS) é preciso a convivência com esta comunidade. Vilhalva (2007, p.1) afirma que "não é suficiente conhecer a Língua Brasileira de Sinais [...] com o Surdo. É também necessário conhecer a Cultura Surda através da participação e vivência na Comunidade Surda, aceitação da diferença e paciência para inteirar-se nela".

As LSs ganham visibilidade em um cenário um tanto quanto recente tanto nas pesquisas linguísticas quanto na sociedade. No contexto da produção acadêmica observa-se que, no Brasil, nas últimas décadas, vem crescendo o número de pesquisas relacionadas à Libras. Estas abordam várias temáticas, dentre elas questões da cultura e da identidade surdas, assim como questões da Linguística.

A notoriedade da Libras vem com os estudos realizados pelas pesquisadoras Marianne Stumpf, Ronice M. Quadros, Lodenir Karnopp, Tanya Felipe, Karin Strobel, Gladis Perlin, dentre outros(as) pesquisadores(as). Esses estudos contribuem para que pouco a pouco essa

[2] De acordo com o site da própria Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), esta é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos de apoio à Comunidade Surda. [...] Surgiu da necessidade de uma organização nacional que representasse os interesses de todas as pessoas surdas do país [...] tem como objetivo a defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, saúde e assistência social para a Comunidade Surda, assim como seus direitos, garantindo assim maior inclusão da Comunidade Surda na sociedade.

língua conquiste seu merecido espaço nas mais diversas esferas da nossa sociedade. Isso propicia a acessibilidade ao(s) surdo(s) e respeito a seus direitos enquanto minoria linguística e enquanto cidadãos.

Retomando o que se afirma sobre a escassez de pesquisas acadêmicas acerca da Libras, isso nos interpela por meio de diferentes discursos e perspectivas, que levam a refletir sobre o muito que ainda há para pesquisar de modo específico sobre a linguística da referida língua. Algumas inquietações surgiram desde meu primeiro contato com essa língua, o qual se deu no final de 2002 quando participei como convidada de uma pequena aula na Igreja Batista Nova Jerusalém, situada no Bairro Cabeceira Alegre em Dourados. Nesta igreja estava acontecendo um trabalho voluntário em que uma intérprete dessa congregação realizava o ensinamento informal[3] de Libras.

No início de 2003, fiz o primeiro curso básico de Libras promovido pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em Dourados, município onde residimos. O curso foi realizado na então sede da SEMED. Posteriormente, participei de outro curso promovido pela Secretaria Estadual de Educação (SED) em parceria com o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS). O objetivo do curso era capacitar professores ouvintes que trabalhavam com alunos surdos. Na época, eu trabalhava na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE); nesta instituição havia um aluno surdo. O curso foi realizado na então sede da Unidade de Apoio à Inclusão dos Portadores de Necessidades Especiais (UNAI), também no município de Dourados. Essa Unidade posteriormente passou a denominar-se Núcleo de Educação Especial (NUESP).

O contexto religioso também teve influência em minha trajetória. Em outubro de 2003, duas famílias de surdos católicos procuraram o padre Duvílio Antonini, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Dourados, com o objetivo de iniciar atividades com os surdos na referida paróquia; nasce aí a Pastoral dos Surdos de Dourados[4]. Eu estive presente desde o início realizando o trabalho de caráter voluntário como intérprete e catequista de surdos. Logo, implantou-se naquela paróquia o curso de Libras com o objetivo de capacitar pessoas para se comunicarem com os surdos e atuarem, voluntariamente, nos trabalhos da pastoral.

[3] Denominamos de ensinamento informal, pois não possuía vínculo com instituições credenciadas pela Secretaria de Educação ou organização civil representativa da comunidade surda. Não tinha caráter de curso/oficina e, assim, não era validado por certificado.

[4] Atualmente, a Pastoral dos Surdos de Dourados está sediada na Paróquia São José Operário.

Ambos os cursos foram ministrados por instrutores[5], pois na época não havia professores de Libras. Esses profissionais começaram a surgir na região a partir de 2012, quando se formou a primeira turma do Curso de Licenciatura em Letras/Libras. Os instrutores surdos eram preparados pelo CAS, que no ano de 2003 realizou, segundo Edileuza Martins (2004, p. 62), "o Curso de LIBRAS em Contexto para Instrutores Surdos". De acordo com a autora, um dos objetivos do curso era "[...] a formação de multiplicadores e instrutores de Língua de Sinal [...]".

Participando concomitantemente desses cursos, a aprendizagem da Libras como segunda língua (L2) proporcionou, em curto prazo, habilidade para me comunicar com os surdos por meio dessa língua. Esse feito colaborou para que eu fosse a primeira intérprete de Libras da rede municipal de educação. Essa função me foi delegada no ano de 2004, em que permaneci até 2008, pois no ano seguinte passei a atuar na Sala de Recursos Multifuncionais com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos surdos, até me aposentar em maio de 2012. Este trabalho atende ao Decreto n º 5.626, no aspecto da educação bilíngue, mencionado anteriormente.

O AEE, de acordo com Damázio (2007), deve acontecer em escolas comuns em um ambiente bilíngue onde ambas as línguas, Libras e a Língua Portuguesa, estão envolvidas nos espaços interativos. Esse atendimento é realizado no contraturno e está organizado em três momentos distintos:

> [...] momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras [...] em que todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares, são explicados nessa língua por um professor [...] preferencialmente surdo [...].
> Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras [...] no qual os alunos com surdez terão aulas de Libras [...].
> Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa, no qual são trabalhadas as especificidades dessa língua para pessoas com surdez [...] (DAMÁZIO, 2007, p. 25).

Em 2006, recebi o convite do diretor de uma escola estadual, situada no mesmo município, para atuar como intérprete de Libras de uma aluna surda matriculada nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse convite fez com que eu deixasse a docência na APAE para ser intérprete na referida escola. Para exercer essa função na rede municipal e estadual, passei, respectivamente, por uma avaliação das equipes da SEMED e da SED. No ano de 2008, obtive

[5] Instrutor de Libras é o profissional surdo que atua no ensino de Libras cuja formação se dá em nível médio. Conforme Art. 6º, "professor de Libras é o profissional surdo ou ouvinte que possui a formação acadêmica de Licenciatura em Letras – Libras". De acordo com os Art. 4º e 5º, "ambas as formações estão garantidas e regulamentadas pelo Decreto 5626, de 22/12/2005".

a aprovação no Exame Nacional de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras, conhecido como Prolibras, que foi implementado pelo Ministério de Educação/Secretaria de Educação Especial como medida emergencial, atendendo à política inclusiva, e que vigorou de 2006 a 2016. O Prolibras tinha por propósito certificar profissionais para trabalharem no ensino de Libras ou como intérpretes de Libras para a Língua Portuguesa e vice-versa; esses profissionais poderiam atuar do ensino fundamental ao ensino superior, conforme seus níveis de aprovação no exame. Após o período de vigência do Prolibras, a certificação para o ensino e a tradução/interpretação passa a ser expedida, respectivamente, pelos cursos de Letras/Libras – Licenciatura e Bacharelado. Permaneci na função de intérprete até o final do ano letivo de 2012. Em janeiro do ano seguinte, aposentei-me. O trabalho na área da educação de surdos somado ao trabalho voluntário frente à Pastoral dos Surdos de Dourados, também como intérprete e catequista de surdos, contribuiu para meu aprimoramento e para habilidade linguística. Assim, fui me familiarizando cada vez mais com a língua e com a comunidade surda local; isso me levou a uma busca incessante pelos estudos de aprofundamento da Libras.

Na perspectiva da formação profissional, em 2008, ingressei via vestibular no curso de Licenciatura em Letras/Libras no polo de Dourados. Esse curso, na modalidade a distância, foi uma parceria da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); esta aderiu ao Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência[6]. A partir de então, as universidades criariam seus cursos (licenciatura e/ou bacharelado) na modalidade presencial ou a distância, como é o caso do Curso de Licenciatura em Letras/Libras-Língua Portuguesa da Faculdade de Educação à Distância da Universidade Federal da Grande Dourados – EaD/UFGD.

A implantação do curso Letras/Libras Licenciatura e/ou Bacharelado atende ao Decreto nº 5.626, que regulamenta a Lei nº 10.436, como citado anteriormente. O capítulo III, especificamente em seus artigos 4º e 5º trata da formação do docente de Libras, enquanto a formação do tradutor intérprete de Libras é tratada no capítulo V.

Antes da Libras ser reconhecida e regulamentada, tanto o ensino da língua quanto o trabalho de tradução e interpretação eram realizados de forma leiga e voluntária. O trabalho de caráter voluntário dos primeiros intérpretes, segundo Moral (2005, p. 27) tinha uma visão "puramente assistencialista, sem maiores compromissos com a técnica". À medida que os surdos foram conquistando seus espaços linguísticos surge a necessidade do conhecimento aprofundado da língua e o compromisso com a técnica. Isso implicou em questões de formação

[6] Esse plano foi instituído pelo Decreto nº 7.612/2011, sendo conhecido como Plano Viver sem Limites.

e legalização profissional. Com relação ao Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (TILS), a Lei nº. 12.319, de 1º de setembro de 2010, estabelece o exercício da profissão.

Em minha trajetória profissional, trabalhei no Ensino Superior como tutora, docente e intérprete. Em 2013, fui tutora da disciplina de Libras no curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil da Faculdade de Educação a Distância da Universidade Federal da Grande Dourados (UAB/EaD/UFGD), no polo de Bataguassu (MS). De meados de 2014 a meados de 2016, atuei como docente substituta do Curso de Letras/Libras, que até então era o único curso institucional da EaD/UFGD. Ao término do contrato como docente, passei a ter vínculo como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para ser intérprete na mesma instituição; permaneci nessa função até agosto de 2018. Atualmente, não tenho nenhum vínculo com esta ou outra instituição.

A experiência profissional na educação de surdos e a atuação na Pastoral dos Surdos de Dourados me fez refletir sobre as questões da linguística da Libras. Algumas inquietações emergiram e me instigaram a pesquisar sobre o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade dessa língua.

Segundo Camargo (2015, p. 22), "a iconicidade nas línguas de sinais é influenciada [...] pela modalidade viso-espacial". Isso implica dizer que nas LSs a iconicidade é motivada. Ao analisarem a origem e a motivação de alguns sinais da Libras, Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 15) relacionam a iconicidade com o aspecto da "transparência do signo e do significado e seus limites". Com relação à arbitrariedade, Silva (2011, p. 42) afirma que para Saussure "a relação que une um significante ao significado é arbitrária. A arbitrariedade, por sua vez, se opõe à motivação [...]". Linguistas da linha filosófica saussureana colocam em evidência a questão da arbitrariedade dos signos linguísticos enquanto a iconicidade é deixada de lado (COSTA, 2012, p. 25).

Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 10) declaram que, no aspecto do fenômeno da arbitrariedade, "a palavra (signo linguístico) é arbitrária porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua. As línguas de sinais apresentam palavras em que não há relação direta entre a forma e o significado". Gesser (2009, p. 28) esclarece que as línguas têm a característica da arbitrariedade, estabelecendo-se por meio de acordo com regras específicas.

Nesse sentido, Gesser assegura que "não é possível saber o significado de uma palavra somente a partir de sua forma ou representação linguística. Na língua portuguesa, não há relação entre a forma e o significado da palavra 'conhecimento', da mesma forma que não há

essa relação na LIBRAS". O conceito de arbitrariedade na perspectiva saussuriana, segundo Costa (2012) estabelece

> [...] um laço natural que une significante e significado pode ser compreendido quando observamos a língua de sinais e a motivação que parece integrar todos os sinais, quer sejam considerados arbitrários e/ou icônicos em relação similar a descrita por Saussure ao nomear as imagens acústicas como significantes que por sua vez designam significado (conceito) na formação do signo linguístico [...]. Todos os signos, que sejam considerados arbitrários e/ou icônicos permitem que uma nova observação proponha um novo olhar principalmente na análise das línguas de sinais que podem propiciar novas descobertas (COSTA, 2012, p. 24-25).

Nesse sentido, propus verificar a existência de um ponto em comum entre a iconicidade e a arbitrariedade dos sinais que formam nosso *corpus* de pesquisa, para contrapor a questão de oposição entre ambos, possibilitando novas interpretações de sentidos. Realizei um estudo voltado para tal fenômeno com o intuito de responder às indagações: os sinais arbitrários têm ou não a arbitrariedade isenta de alguma correlação com a iconicidade? Os classificadores (CLs) na Libras são totalmente icônicos ou há também aqueles que são arbitrários? Em caso de haver CL arbitrário, sua arbitrariedade é isenta ou apresenta certo nível de iconicidade?

Buscando responder a alguns desses questionamentos, presumi que os sinais arbitrários relacionados a verbos de estado como, por exemplo, ENTENDER tenha, em sua arbitrariedade, certa correlação icônica devido ao fato de serem sinalizados na cabeça ou próximos a ela. Para realizar esse estudo, optei por fazê-lo com fundamentação na Linguística e na Semiótica Greimasiana. Esta oferece o modelo do quadrado semiótico de Greimas e, de acordo com esse modelo, "busca-se determinar [...] uma rede fundamental de relações" (PIETROFORTE, 2017a, p. 13). O modelo do quadrado semiótico formaliza a rede de relações dos termos contrários (iconicidade e arbitrariedade) que norteará os percursos de sentido. Aquela, na concepção de Cunha, Costa e Martelotta (2009, p. 21) "tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, nos casos da língua dos sinais)".

A linguística se relaciona com outras ciências, dentre elas a semiótica ou semiologia. Conforme os autores, a linguística é

> [...] primordialmente, uma ciência descritiva, analítica e, sobretudo, não prescritiva. Para tanto, examina e analisa as línguas sem preconceitos sociais, culturais e nacionalistas, normalmente ligados a uma visão leiga acerca do funcionamento das línguas [...] É difícil delimitar o campo de atuação da semiologia, mas costuma-se caracterizar esse campo de pesquisa como a ciência geral dos signos [...] não se interessa apenas pela linguagem humana

> de natureza verbal, mas por qualquer sistema de signos naturais [...] ou culturais [...] (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2009, p. 20-22).

Nessa perspectiva, a língua, sistema convencional de representação de signos, é usada pelos membros de uma determinada comunidade, seja ela de ouvintes ou de surdos. Na concepção de Benveniste (1989, p. 48), a língua é o principal sistema que expressa ideias. Ele afirma que o signo tem a função de representar, ocupa o lugar de outra coisa substituindo-a. Segundo o autor, os sistemas de signos têm em comum o aspecto da significância, ou seja, a propriedade de significar.

O signo linguístico possui o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade, haja vista que há uma equivalência linguística entre as línguas de modalidade oral auditiva e as de modalidade visual gestual; tais fenômenos estão presentes nas línguas de ambas as modalidades. Na percepção de Teixeira (2015, p. 2), "a iconicidade será as características semelhantes que o ícone tem em comum com o objeto que representa". Isso significa dizer que um signo tem sua iconicidade fundamentada na ideia da relação estabelecida naturalmente entre os elementos linguísticos e seus sentidos através de uma motivação. A autora salienta que a Libras, por ser "uma língua de modalidade vísuo-espacial, a iconicidade está presente em grande parte dos sinais [...], pois a relação entre a 'forma' e o 'sentido' é mais visível". Pietroforte (2017b, p. 11-16) declara que a semiótica greimasiana concebe o sentido baseado na relação.

Essa relação de sentido é observada nas onomatopeias presentes nas LOs e nos sinais cuja configuração de mão e/ou movimento nas LSs remete ao referente, à coisa em si. As onomatopeias e as configurações de mãos ou movimentos expressam, respectivamente, uma similaridade entre o som/imagem e o sentido.

Retomando a equivalência entre as línguas aqui abordadas, Felipe (2006) faz uma analogia entre a mímica, incorporada à estrutura das línguas de sinais, com as onomatopeias, presentes nas línguas orais. Segundo a autora, essa incorporação é uma forma linguística cujo referente é representado iconicamente pela configuração sígnica e, também, pela sintaxe dessa língua. Isso significa dizer que, para representar um signo, cada LS utiliza configuração de mão distinta; também é distinto o aspecto que cada LS toma do referente para representá-lo. O mesmo ocorre com as onomatopeias nas LOs, porque para representar ruídos e sons em cada língua, há palavras distintas para fazê-lo.

Quadro 1- Exemplo de Equivalência

Línguas Orais		**Línguas de Sinais**	
Ruído de algo caindo na água		Liquidificador	
		Libras	Língua de Sinais Chinesa
Em Inglês **Splash**	Em Português **Tchibum**		

Fonte: Dicionário de Língua de Sinais online *Spread The Sign* (2018).

As LSs, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 47-48) são "línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos". Essa concepção remete à expressividade dos gestos corporais, visto que o corpo como um todo também fala/sinaliza. Greiner (2013) afirma que nos gestos se fundamentam as experiências produzidas pelas mãos.

Nessa perspectiva, implica dizer que na Libras as atividades das mãos são essenciais para a articulação ou produção dos sinais e, consequentemente, para a comunicação entre os interlocutores. Pimentel e Fares (2014, p. 2) fazem uma alusão a Zumthor (2005), quando dizem que o corpo é "o condutor vivo e voraz onde se inscrevem todos os movimentos, cores, gestos, [...]. No corpo se ouve a voz de todas manifestações e extensões do plano material e imaterial".

Em seu livro *O Corpo: pistas para estudos indisciplinares*, Greiner (2013) discorre sobre as principais teorias do corpo. Entre outras, apresenta um estudo realizado por Bolens, em 2000. Nesse estudo, a autora fala sobre o corpo envelope e o corpo articular. Greiner destaca que, na concepção de Bolens, o corpo envelope é aquele cuja organização parte da coerência interna e externa; em contrapartida, o corpo articular está relacionado ao jogo produzido pelas articulações como do pescoço, dos punhos etc. Esse jogo é fundamental nas LSs, pois a produção dos sinais ou signos linguísticos, em sua maioria[7] é articulada pelas mãos, isto é, são as atividades das mãos a que mencionamos anteriormente.

Nesse sentido, Gediel (2010) declara que

[7] Existem sinais que são produzidos sem as mãos, ou seja, sem o parâmetro configuração de mão (CM); esses são sinais articulados utilizando os parâmetros expressões-não-manuais (ENM) e ponto de articulação (PA) como, por exemplo, ROUBAR, cuja articulação, segundo Capovilla (2008, p. 1154) se dá passando "a ponta da língua para frente, no canto direito da boca semi-aberta, distendendo a bochecha, várias vezes".

> [...] a possibilidade de perceber o mundo já está implicada no próprio corpo, visto que ambos – percepções e corpo – são partes de um só movimento[...] Dessa maneira, sugiro pensar sobre a corporificação dos sentidos, em que as experiências de mundo das pessoas Surdas ocorreriam no corpo e por meio dele (GEDIEL, 2010, p. 29).

Baseada em Merleau-Ponty, Gediel (2010, p. 109) assegura que "o corpo é o primeiro elemento de percepção e comunicação com o mundo". Ela alega, também, que "o corpo é sujeito e objeto da cultura simultaneamente porque toda a relação com o mundo se dá por meio dele e devido a ele". A autora ressalta que gestualidade e LSs não são sinônimas, pois esta "utiliza-se das sincronias dos Sinais em conjunto com os gestos e as expressões corporais que dão sentido a determinada palavra". Ela reitera, ainda, que "de forma equivocada, a LS é vista e utilizada por alguns ouvintes, como um elemento gestual, tal como a mímica" (*Idem*, p. 234).

A modalidade visual-gestual das LSs faz com que muitas pessoas pensem que na Libras todos os sinais são completamente icônicos e universais. Dizer que esta é uma língua estritamente icônica devido à sua modalidade, é uma crença[8]. Segundo Gesser (2009, p. 23), "há uma tendência em pensar assim, e essa visão relaciona-se ao fato de [que] a língua de sinais [...] quando sinalizada, fica mais 'palpável', 'visível'. Nesse sentido, relações entre forma e significado parecem ser mais questionadas [...]".

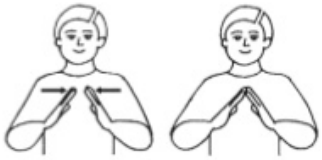
Quanto à LS ser universal, a autora revela que esta é outra crença, pois "uma vez que essa universalidade está ancorada na ideia de que toda língua de sinais é um 'código' [...] é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo". Gesser declara que assim como cada país tem sua LO, também cada país tem sua LS, embora "se possa traçar um histórico das origens e apontar possíveis parentescos e semelhanças [...]" (*Idem*, 2009, p. 23).

A iconicidade como elemento da língua(gem) se apresenta com motivações distintas entre uma língua de sinais e outra, como já citado anteriormente, o que implica em questões relacionadas à língua e à cultura surda de cada país. Nesse sentido, Bernardino, Silva e Passos (2015) vêm salientar que cada língua capta aspectos diferentes do mesmo referente por meio dos sinais, já que cada povo tem uma maneira diferente de ver os objetos, as coisas.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), na Libras a iconicidade torna o sinal transparente e de fácil identificação e a relação entre os elementos linguísticos e seus sentidos ocorre através da configuração de mão (CM), movimento (M) e/ou relação espacial do referente. Para ilustrar essa afirmação, tome-se como exemplo o signo a seguir:

[8] Gesser (2009) utiliza o termo crença, enquanto Quadros e Karnopp (2004) utilizam o termo mito.

Quadro 2 - Exemplo de sinal icônico

Em Libras	**Em ASL**
 CASA	HOUSE

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 371); Dicionários de Língua de Sinais online *Spread The Sign* (2018).

Na Libras o signo CASA tem a CM aberta com os dedos dispostos juntos, lado a lado; essa CM tem um movimento (M) em que os dedos se tocam em um espaço neutro em frente ao corpo representando o telhado (parte da casa); esse mesmo signo HOUSE, na ASL, representa, além do telhado, as paredes laterais que são representadas pelo M das mãos, de modo que elas fiquem na horizontal com as palmas voltadas uma para a outra.

Percebe-se nas pesquisas acadêmicas que há carência de estudos relacionados ao fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Libras. Entretanto, os estudos que teóricos e pesquisadores já realizaram têm contribuído, significativamente, com a área desse objeto de estudo. Apresenta-se a seguir um quadro do "estado da arte" envolvendo alguns estudos relacionados ao tema da iconicidade e da arbitrariedade nessa língua.

Quadro 3 - Pesquisas existentes relacionadas ao tema

Título	**Autor**
Os Sinais dos Surdos: Uma Análise a Partir de Uma Perspectiva Cultural.	Isabelle Lima Souza; Ana Luisa Gediel
A Iconicidade e a Arbitrariedade na Libras	Vanessa Gomes Teixeiera
A Motivação Relativa na Libras	Vanessa Gomes Teixeira
Iconicidade e Corporificação em Sinais de Libras: Uma Abordagem Cognitiva	Valéria Fernandes Nunes
Análise Semiótica das Línguas de Sinais	Elisa Pivetta; Daniela Saito; Carla Flor; Richard Perassi
Iconicidade e produtividade na Língua Brasileira de Sinais	Victor Hugo da Costa
Rediscutindo as Noções de Arbitrariedade e Iconicidade: Implicações Para o Estatuto Linguístico das Línguas de Sinais	Laura Amaral Kummel Frydrych
Iconicidade em Sentenças Transitivas da Libras: Uma Motivação Formal e Conceptual	Daiana do Amaral Jeremias
Transferências Visuais: Um Recurso Indispensável na Comunicação da Libras	Marcelo Porto

Construção imagética do texto: Contribuições da teoria da iconicidade verbal para uma tradução intermodal e intersemiótica/interlingual	João Paulo da Silva
A Construção dos Sinais e Sua Mobilidade Específica	Neiva de Aquino Albres
Ícones Metaforizados e Iconicidade em Libras	Cristian Santos
Corpo e Classificadores nas Línguas de Sinais	Bruno Gonçalves Carneiro
Classificadores: a relação entre o icônico e o arbitrário nas Línguas de Sinais	Rafaelle Assis de Camargo
Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos	Ana Regina e Souza Campello
Language from the body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language.	Sarah F. Taub
Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).	Fabiane Elias Pagy
Iconicité des Langues des Signes. In: *Faits de langues*	Christian Cuxac
Iconicity and arbitrariness in French sign language – highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity.	Christian Cuxac

Fonte: Dados elaborados pela autora (2019).

Os trabalhos mencionados fazem parte, como dito anteriormente, do "estado da arte" relacionado ao tema desta pesquisa. Alguns dos autores, devido a seu foco de pesquisa não ser a iconicidade e a arbitrariedade propriamente ditas, abordam incipientemente sobre esse fenômeno na Libras, enquanto outros o fazem de forma mais detalhada: trazem definições e classificações distintas. Grande parte desses estudos não tem a Semiótica como sua norteadora; já esse estudo está ancorado à Semiótica de Greimas. Mesmo com teorias e caminhos distintos, no decorrer dessa investigação ocorre o diálogo com algumas das discussões propostas por alguns dos autores citados, pois se percebe que sinais arbitrários guardam alguma correlação quanto à iconicidade. Isso despertou o interesse em pesquisar sobre a intersecção/correlação entre iconicidade e arbitrariedade na Libras, tema que será investigado à luz do modelo do quadrado semiótico de Greimas.

Diante das instigantes observações expostas, esta pesquisa tem como objetivo geral problematizar o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Libras. Estabeleceu-se como objetivos específicos: 1 - identificar os traços de correlação entre os fenômenos da iconicidade e da arbitrariedade na Libras; 2 - analisar os traços da iconicidade e da arbitrariedade na Libras em uma perspectiva semiótica; 3 - situar os fenômenos da iconicidade e da arbitrariedade na Libras de modo que não sejam tomados como isolados e estanques.

Nessa concepção, essa pesquisa é uma forma de contribuir com as discussões sobre os estudos linguísticos focados nessa língua. Meu projeto de pesquisa, cujo título é *A Iconicidade*

e a Arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais-Libras: uma análise na perspectiva da semiótica greimasiana tem uma relação estreita com minha atuação profissional na área da educação de surdos e está vinculado à linha de pesquisa "Estudos de Língua(gens) e Discurso", bem como ao projeto de pesquisa "Cultura, Intolerância e Identidade: as fronteiras do discurso", da professora Dr[a] Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti, a orientadora dessa dissertação.

A linha de pesquisa na qual o projeto de pesquisa da professora está vinculado concentra-se na área da Linguística e Transculturalidade do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGL) da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)**.**

Mesmo não dispondo, ainda, de uma linha de pesquisa voltada para uma língua de modalidade visuo-espacial, o PPGL da UFGD já conta, em seu acervo, com dois trabalhos vinculados à Libras. Isso revela que as pesquisas nessa área vêm crescendo dentro do programa. O ingresso de duas mestrandas no processo seletivo de 2017 aumenta o leque de estudos na referida língua. Um dos projetos é o citado anteriormente e a teoria semiótica, escopo teórico do projeto e linha de pesquisa da orientadora, norteará este trabalho.

Desse modo, como outrora Benveniste afirmara que o campo de pesquisa dos linguistas ampliara-se, atualmente, percebe-se que os horizontes se abrem aos pesquisadores que se debruçam em aprofundar os estudos relacionados à Libras, como é o caso do PPGL/UFGD.

No percurso deste estudo, buscou-se pressupostos teórico-metodológicos da Semiótica para, assim, compreender como se dão as relações da iconicidade e da arbitrariedade na Libras. A Semiótica greimasiana nos ajuda a identificar os sinais arbitrários com maior ou menor índice de características de iconicidade. Quanto à metodologia, optou-se pela investigação em uma abordagem qualitativa, a qual, de acordo com Pinto (2013), tem seu foco na investigação buscando soluções para as questões que destacam como a experiência social tem significação. O caráter exploratório está presente nessa abordagem que, segundo Gil (2002), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Recortes de sinais extraídos do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua Brasileira de Sinais* (2008) compõem o *corpus* dessa pesquisa. A partir de então, os respectivos sinais são analisados de acordo com a teoria semiótica acima mencionada.

Esse trabalho está organizado sistematicamente em três capítulos. O Capítulo I apresenta algumas concepções e reflexões sobre os aspectos da Linguística e da Semiótica. As reflexões acerca da Linguística respaldam-se nas abordagens estruturalista e funcionalista, enquanto as da Semiótica se embasam no enfoque greimasiano, trazendo alguns conceitos e

discussões sobre signo, iconicidade e arbitrariedade em que se procura estabelecer uma comparação entre as LOs e as LSs.

O Capítulo II é constituído por duas seções nas quais são discorridos os fenômenos da iconicidade e da arbitrariedade. A princípio, há uma reflexão sobre esses fenômenos de um modo geral e, em seguida, na Libras, especificamente. Também são desenvolvidos nesse capítulo algumas considerações sobre os classificadores (CLs), haja vista que, de acordo com alguns autores, a maioria dos CLs nessa língua são icônicos.

O Capítulo III trata das análises dos sinais/signos do *corpus*. Essas análises estabelecem relação entre teoria e objeto de pesquisa e estão vinculadas ao modelo do quadrado semiótico de Greimas – modelo que permitiu o traçado de dois percursos de sentido: **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade e **(b)** arbitrariedade = não-arbitrariedade => iconicidade. Esses percursos permitiram verificar a existência, ou não, de uma correlação das características da arbitrariedade e da iconicidade na Libras.

Finalizando este trabalho, tecem-se as considerações finais nas quais revela se a hipótese foi ou não confirmada, se o objetivo foi ou não alcançado. Apresentam-se nesta etapa, também, os desafios, bem como, algumas sugestões de futuras investigações na área da Libras.

CAPÍTULO I

1. REFLEXÕES TEÓRICAS RELACIONADAS À LINGUÍSTICA E À SEMIÓTICA

Este capítulo é constituído de duas seções de discussões, cujo objetivo é apresentar algumas concepções e reflexões acerca dos aspectos da Linguística e da Semiótica que respaldam teoricamente a problematização levantada neste trabalho. Aqui as reflexões relacionadas à linguística estão fundamentadas nas abordagens estruturalista e funcionalista, enquanto aquelas relativas à semiótica se embasam no enfoque greimasiano.

A primeira seção trata, inicialmente, de algumas concepções da linguística, fazendo uma breve retomada teórica do período precedente à linguística como ciência (da linguagem). A seguir, aborda o movimento estruturalista e funcionalista destacando o pensamento de Saussure, que contribuiu de forma significativa com a linguística na atualidade. Finalizando esta seção de discussões, apresentam-se aspectos sobre língua e linguagem, esta como fonte do conhecimento empírico e da cultura; aquela como sistema semiótico de expressão do pensamento.

Na segunda seção versa sobre alguns conceitos da semiótica francesa, também conhecida como semiótica greimasiana. Para Pietroforte (2017), esta tem herança no pensamento de Ferdinand Saussure; Barros (2002) e Beividas (2005) acrescentam a essa herança saussureana o pensamento hjelmsleviano.

1.1. Concepções e reflexões acerca da Linguística: sua constituição enquanto ciência

Os apontamentos e reflexões que se propõem não se restringem apenas à linguística, pois tratar desta, necessariamente, leva a explanar também sobre a língua e a linguagem; ambas estão estritamente co(relacionadas), e não se pode refletir sobre uma sem que se pense sobre a outra. Nesse sentido, apresentam-se a seguir concepções de alguns estudiosos da linguística, da língua e da linguagem.

Muitos pesquisadores, entre eles linguistas e filólogos, descobriram semelhanças entre inúmeras línguas indo-europeias. Os estudos linguísticos comparativos dessas línguas, ocorridos no final do século XIX e início do século XX, possibilitaram aos linguístas daquela época organizar essas línguas por famílias linguísticas, haja vista a proximidade e o parentesco

entre si. São exemplos as línguas românicas (francês, espanhol, italiano, português etc.) e as línguas germânicas (inglês, alemão, holandês etc.).

Antes de a linguística ter o *status* de uma ciência autônoma, Saussure (1971, p. 24, grifo nosso) a apresenta como vinculada à semiologia que, no seu ponto de vista, é uma ciência geral. Conforme o autor, "pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social* [...]; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos".

No início do século XX, mais precisamente a partir da publicação póstuma dos estudos do linguista Ferdinand de Saussure, concebido por muitos como o pai da linguística moderna, é que a linguística tem seu reconhecimento enquanto ciência. De acordo com Saussure (1971, p. 11), a linguística "deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo das línguas românicas e das línguas germânicas". Essas línguas fazem parte das línguas chamadas de indo-europeias; na concepção desse linguista, os estudos românicos favoreceram à linguística uma proximidade com seu verdadeiro e único objeto, que é a língua.

Sapir (1969) dialoga com Saussure afirmando que a linguística enquanto ciência tivera suas origens na comparação entre as línguas. Para ele, também, a cientificidade da linguística deu-se a partir da comparação entre as línguas indo-europeias. O autor reitera que

> [...] a linguística começou sua carreira científica com o estudo comparativo e a reconstrução das línguas indo-europeias. No correr de suas minuciosas pesquisas, gradualmente desenvolveram os linguistas indo-europeístas uma técnica que é, provavelmente, a que mais se aproxima da perfeição entre as de todas as ciências que tratam das instituições humanas. Muitas das formulações dos linguistas comparativistas indo-europeus têm uma nitidez e uma regularidade que lembram as fórmulas, ou as chamadas leis, das ciências naturais (SAPIR, 1969, p. 17).

Não se pode negar que os métodos desenvolvidos pelos linguistas indo-europeus têm papel muito importante para o estudo dos demais grupos de línguas. Por meio desses métodos e da sua gradual ampliação pode-se "esperar chegar a inferências, com significação histórica, a respeito de relações mais remotas entre grupos de línguas que apresentam poucos sinais aparentes de origem comum" (*Idem*, 1969 p. 19).

Em seu artigo *A posição da lingüística como ciência,* Sapir (1969) assinala a importância de conexões da linguística a outras disciplinas científicas, assim como menciona que, é salutar discutir em que sentido a linguística pode ser chamada de ciência.

> Há muito que se reconheceu o valor da linguística para a antropologia e a história cultural. À medida que se procedia à pesquisa linguística, ia se

> verificando quão útil instrumento é a linguagem nas ciências do homem e como, por sua vez, ela requer e recebe luz e esclarecimentos por parte das restantes dessas ciências. [...] não se pode deixar de participar de alguns ou de todos os interesses interdisciplinares que ligam a linguística à antropologia, à filosofia, e, mais remotamente, à fisiologia e à física (*Ibid.*, p. 19).

Mounin (1970, p. 6) declara que "a linguística geral viu a luz do dia com *Cours de Linguistique gènérale* de Ferdinand de Saussure". Portanto, para o teórico, "a linguística geral é uma ciência extremamente jovem". Isso não significa dizer que a humanidade não teve, desde épocas mais remotas, interesse em refletir acerca dos fenômenos da linguagem. Apesar de tal interesse, os séculos que precederam o século XIX, conforme afirma Mounin, não deixaram seu legado. Corroborando as ideias de Sapir (1969) e Mounin (1970), Bez e Aquino (2011, p. 8) asseguram que a linguística é diferente das demais ciências, mas que se insere nestas por elas fazerem uso da língua ao tratarem seus objetos de estudos. A linguística utiliza-se da língua para tratar dela própria – seu objeto, enquanto as outras ciências, para tratarem de seus objetos, também fazem uso da língua.

A partir do momento que a linguística se constitui como ciência Cunha, Costa e Martelotta (2009) alegam que ela reivindica sua autonomia em relação às demais ciências como, por exemplo, a Filosofia que detinha o estudo da linguagem. Entretanto, Lyons (2013, p. 36) declara que "dizer que a linguística é uma ciência não é negar que, em virtude de seu objeto de estudos, ela esteja estreitamente ligada a disciplinas eminentemente humanistas como a filosofia e a crítica literária".

Puech (2011, p. 31, grifo nosso), apresenta uma transformação da visão de mundo exclusiva de Saussure. O autor assegura que, para Saussure, essa visão de mundo é uma estrutura carregada de sentido, pois "o homem falante vive em um universo desde sempre semantizado, revestido por *formas* das quais ele é inseparável. [...]. Saussure soube provar o valor epistemológico de seu postulado, aplicando-o a uma ciência particular do homem, a linguística [...]".

Com relação ao início da linguística moderna Cunha, Costa e Martelotta (2009) confirmam o que Mounin já havia declarado, ou seja, ele está vinculado à

> [...] publicação do *Curso de Linguística Geral* (marco inicial da chamada linguística moderna), obra póstuma do linguista suíço Ferdinand de Saussure, instaura-se uma nova postura, e os estudiosos da linguagem adquirem consciência da tarefa que lhes cabe: utilizando-se de uma metodologia adequada, estudar, analisar e descrever as línguas a partir dos elementos formais que lhes são próprios" (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2009, p. 21- 22, grifo dos autores).

Mounin (1970, p. 15), menciona que “do ponto de vista próprio da época, constitui também aquela necessária reorganização e reavaliação, com as suas próprias luzes e segundo os seus também próprios interesses metodológicos e teóricos, que cada época deve fazer da sua herança linguística”. Nesse sentido, encontra-se o novo acordo ortográfico da língua portuguesa que, para atender os interesses atuais da língua, passou pelo processo de reavaliação e reorganização.

A linguística, conforme Lyons (2013, p. 37), em uma abordagem descritiva “tenta descobrir e registrar as regras segundo as quais se comportam os membros de uma comunidade linguística, sem tentar impor-lhes outras regras ou normas, de correção exógena”. Em outras palavras, a abordagem descritiva da linguística é o estudo de como determinada língua funciona, independentemente da sua formalidade.

Quanto às línguas de sinais, entre elas a Libras, Ferreira (2010) sustenta que se a linguística prima pelo conhecimento da faculdade da linguagem,

> [...] não poderá ignorar as línguas de sinais em sua investigação, pois só assim poder-se-á encontrar os verdadeiros universais linguísticos e compará-los com especificidade acidentais de cada língua e com restrições devidas à modalidade de língua. [...].
> Além das contribuições à Linguística propriamente dita, as pesquisas sobre as línguas de sinais reafirmam que há grande inter-relacionamento desta com várias outras disciplinas [...] (FERREIRA, 2010, p. 11-12).

As pesquisas acerca das LSs, como mencionadas na introdução, despertaram o interesse de linguistas a partir dos estudos realizados por Willian Stokoe, um linguista americano que pesquisou nos anos 1960 a língua de sinais americana (ASL). Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 30), Stokoe “percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”. Desde então, esta se torna referência para pesquisas de outras línguas de sinais como é o caso da Língua Brasileira de Sinais.

Anteriormente, questionava-se: de que maneira a linguística era aplicada às línguas de sinais e aos estudos sobre a aquisição dessas línguas? Atualmente, questiona-se justamente o contrário, ou seja: de que maneira as línguas de sinais e os estudos sobre o processo de aquisição delas podem contribuir com os estudos linguísticos? Para Quadros (2009, p. 144-145), essa mudança “aparentemente sutil, abre novos caminhos investigativos no campo da linguística buscando explicações para o que é diferente entre essas modalidades”.

Desse modo, as pesquisas das línguas de sinais mostram que além das contribuições linguísticas que estas favorecem, também vêm confirmar a relação intrínseca, isto é, a interface

com outras áreas as quais excedem as esferas da linguística enquanto ciência que se ocupa do sistema da faculdade da linguagem de modo mais abstrato.

Diante do que foi apresentado, discute-se, a seguir, duas tendências linguísticas conforme supracitado no início deste capítulo.

1.1.1. O estruturalismo e o funcionalismo linguístico

Na primeira metade do século XX surgem várias correntes/tendências ou teorias linguísticas; no entanto, apresenta-se aqui somente o estruturalismo e o funcionalismo. “Se se entender por estrutura toda organização regular, a pesquisa de estruturas linguísticas é tão velha quanto o estudo das línguas. Desde que estas se tornaram objetos de descrição, [...] percebeu-se que cada uma delas possui uma organização” (DUCROT, 1968, p. 24). A história do estruturalismo linguístico foi muito diferente daquela que, segundo Ducrot

> [...] pôde conhecer nas outras ciências humanas. [...]. O Estruturalismo do século XX não terá, portanto, de introduzir, em Lingüística, a noção de estrutura, que nela se encontra desde o começo. Sua originalidade será antes estabelecer, pela reflexão acerca das línguas, uma nova significação para essa palavra [...]” (*Idem*, 1968, p. 25-26).

Ao ler o artigo *Estruturalismo*, de Costa (2009), percebe-se que ele concebe o termo como sinônimo de sistema. Para o autor, o sistema nada mais é do que o resultado tanto da aproximação quanto da organização de certas unidades. Essa aproximação são características similares, as quais obedecem a determinados princípios de funcionamento tornando “um todo coerente, coeso [...]. Descrever cada um desses sistemas significa revelar a organização de suas unidades constituintes e os princípios que orientam tal organização” (COSTA, 2009, p. 113).

Assim como outros autores, Costa (*Idem*, p. 114) afirma que Saussure foi o precursor do estruturalismo. Para ele, Saussure aborda a língua enquanto um sistema. Essa corrente estruturalista concebe a língua como “[...] formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas [...]”. O teórico diz que nós temos todas as regras da língua internalizadas, desde quando adquirimos a linguagem; é esse conjunto de regras que norteia o funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico.

De acordo com Benveniste (2006, p. 32), "Saussure viu que há [...] dois eixos no modo de ver a língua, que ele denominou *sincrônico* e *diacrônico*. Nós [...] quando falamos: agenciamos palavras, [...] os elementos destes agenciamentos representam cada um uma escolha entre várias possibilidades". Isso, na concepção de Benveniste, é a chave do que se chama estrutura, e para atingi-la é necessário isolar os elementos distintivos de um conjunto finito e estabelecer a combinação de tais elementos.

Saussure (1971, p. 7) aponta que a "ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual seu verdadeiro e único objeto". Segundo o autor, a 1ª fase é a gramática, um estudo "baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa".

A 2ª fase da qual Saussure fala é a filologia; esta diz que a língua não é seu único objeto de estudo, pois se ocupa também com os estudos "da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; [...] usa seu método próprio, que é a crítica". Ele assegura que quando a filologia tratava de questões linguísticas era meramente para "comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura".

A 3ª fase se dá no momento que a simples comparação de textos, de épocas distintas é substituída pela comparação das línguas entre si; essa fase é denominada por ele de Filologia ou Gramática comparada (SAUSSURE, 1971, p. 7-8).

Cunha, Costa e Martelotta (2009, p. 16) alegam que, assim como em outras ciências, a linguística apresenta "diferentes escolas teóricas que diferem na sua maneira de compreender o fenômeno da linguagem". Desse modo, para o procedimento do estudo científico da linguagem, na concepção dos autores,

> [...] é necessário que se construa uma teoria geral [...]. A partir dessa teoria, criam-se métodos rigorosos para a descrição das línguas [...].
> O estatuto científico da linguística deve-se, portanto, à observância de certos requisitos que caracterizam as ciências de um modo geral. Em primeiro lugar, a linguística tem um objeto de estudo próprio: a capacidade da linguagem, que é observada a partir dos enunciados falados e escritos [...].
> Em segundo lugar, a linguística tende a ser empírica, e não especulativa ou intuitiva, ou seja, tende a basear suas descobertas em métodos rígidos de observação (*Idem*, p. 20).

Essa tendência empírica da linguística é tratada por Sapir (1969) quando ressalta que tanto o ambiente físico quanto o social influenciam na cultura. Segundo ele há

> [...] uma forte tendência a atribuir muitos elementos da cultura humana à influência do ambiente em que se acham situados os participantes dessa cultura, e há até os que tomam a posição extremada de praticamente reduzir todas as manifestações da vida e do pensamento humano a influências ambientais (SAPIR, 1969, p. 43).

O autor relata, porém, que não se pode alegar que apenas o ambiente físico influencia os aspectos da cultura humana. Quanto ao termo "ambiente", ele diz que, de modo geral, ele é utilizado comumente para se referir às influências de ordem física, as quais independem da vontade humana. Em se tratando de língua, esses fatores ambientais estão relacionados, também, às influências de ordem social. Estes, de acordo com Sapir, "são as várias fôrças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo [...] a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte" (*Idem*, 1969, p. 44).

Esses dois grupos de fatores ambientais, os de ordem física e os de ordem social, ambos, "no que concerne a língua, tôda a influência ambiental se reduz, em última análise, à influência da parte social do ambiente" (*Ibid.*, p. 45). Para ele, a língua pode sofrer influência lexical, fonológica e gramatical. No entanto, o léxico da língua

> é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; e por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos aí inferir, em grande parte o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. Não é difícil encontrar exemplos de línguas cujo léxico traz assim o sinete do ambiente físico em que acham situados os seus falantes (*Ibid*., p. 45).

O funcionalismo, outra corrente linguística pós-saussureana, opõe-se ao estruturalismo e gerativismo (que não será abordado nesse estudo). Essa corrente de oposição teve duas vertentes: uma europeia e outra norte-americana. O funcionalismo europeu estuda a relação da estrutura gramatical das línguas, bem como os contextos nos quais as línguas são usadas. Para Cunha, Costa e Martelotta (2009, p. 159), mesmo sendo contrastado com o estruturalismo, o funcionalismo surge "como movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas: na fonologia, o papel dos fonemas [...] na distinção e demarcação das palavras; na sintaxe, o papel da estrutura da sentença no contexto".

A escola de Praga destacou-se no âmbito dos estudos da Fonologia. Entre os mais importantes nomes estão, conforme Cunha, Costa e Martelotta (*Idem*, 2009, p. 159-161), os russos Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson. A autora esclarece que "os funcionalistas [...]

enfatizaram o caráter multifuncional da linguagem, ressaltando a importância das funções expressiva e conotativa [...]. A influência da escola de Praga foi duradora e profunda".

Já a corrente funcionalista norte-americana teve influência formalista e etnolinguísta que se concretizaram, respectivamente, com Leonard Bloomfield e Franz Boas, Edward Sapir e Benjamim Lee Whorf. Distintamente das teorias formais, o funcionalismo, consoante Cunha, Costa e Martelotta (*Ibid.*, p. 163), "pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação [...]".

Isso significa dizer que discurso e gramática estão vinculados, pois a comunicação e a interação dependem da estratégia que os falantes utilizarão no momento discursivo; a linguística, do ponto de vista funcionalista, "procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso" (*Ibid.*, p. 157).

Câmara Jr., em notas do tradutor (1969), afirma que Edward Sapir e Leonard Bloomfield tiveram papel fundamental para o desenvolvimento da escola linguística norte-americana. Ambos têm em comum

> [...] a concepção antropológica da linguística, [...] procuraram incorporar na linguística o exame das línguas indígenas da América do Norte, e dessa experiência ampliaram o campo da filosofia da linguagem e da metodologia de seu estudo. Enquanto Bloomfield [...] se concentrava neste último setor, [...] Sapir se interessou mais de perto com os problemas filosóficos que a linguagem envolve (SAPIR, 1960, p. 7-8).

Por se interessar pelos problemas filosóficos da linguagem, Sapir realizou uma exploração em diversos sentidos de modo ímpar. Ele rompeu com os limites da linguística estruturalista de Saussure e é apontado, ao lado de Bloomfield, "como o autor clássico da linguística norte americana" (COSTA, 2009, p. 125).

1.1.2. Lingua(gem): uma retomada conceitual

Apresenta-se, a princípio, um histórico sucinto sobre a linguagem baseado nos paradigmas de Chomsky e de Piaget, respectivamente, teoria gerativista e teoria piagetiana.

A abordagem gerativista ou inatista pressupõe haver um mecanismo inato, o qual é "responsável pela aquisição da linguagem". Essa teoria é, também, conhecida como Gramática

Universal (GU). Quadros (2008, p. 45) assegura que, de acordo com Chomsky, essa teoria "caracteriza-se pela busca de elucidação da natureza das línguas naturais, mais especificamente do que consiste o conhecimento de que o ser humano dispõe quando utiliza qualquer língua natural". A referida teoria concebe os seres humanos como

> [...] dotados de uma capacidade inata para a linguagem, e possuem um conhecimento sobre o sistema linguístico, chamado de "competência". Isso explica como uma criança, exposta a tão poucos dados no seu ambiente, consegue desenvolver um sistema tão complexo em tão pouco tempo. Assim, a existência da GU, acionada por meio de um Dispositivo de Aquisição da Linguagem [...] é o que desencadeia a competência linguística da criança (*Idem*, 2008, p. 50).

O processo de aquisição da linguagem exprime padrões universais. É através do ambiente que temos acesso a esses padrões. Desse modo, crianças das mais diferentes regiões do mundo têm experiências de vida completamente distintas e atravessam os mesmos estágios ou etapas de aquisição da linguagem. Para Chomsky, isso "sugere que a língua adquirida não seja aprendida, mas sim determinada por princípios linguísticos inatos que interagem com a língua a que a criança é exposta no ambiente" (*Ibid.*, 2008, p. 61).

A teoria piagetiana ou Epistemologia Genética se ocupa com a gênese do conhecimento científico, como seu próprio nome já diz. Ramozzi-Chiarottino (2008, p. 85-86) esclarece que, para Piaget, "a linguagem depende da função semiótica, ou seja, da capacidade que a criança adquire, por volta de um ano e meio a dois anos (em média), de distinguir o significado do significante". Entretanto, para a autora, essa distinção não é condição suficiente para a construção da linguagem.

> A construção do discurso não depende apenas desta capacidade, mas também de toda uma organização espaço-temporal e causal do real e de suas representações, construídas pela criança por intermédio de suas ações que visam conseguir alguma coisa no mundo que a cerca. A linguagem da criança inicia-se como que dublando essas ações, para depois revelar as organizações dos eventos, dos objetos e das pessoas. Sem as organizações que procedem das ações [...] anteriores à linguagem, o discurso coerente será impossível (*Idem*, 2008, p. 86).

Nessa perspectiva, a representação das relações na concepção de Ramozzi-Chiarottino ocorre com base na competência que a criança tem de estruturação tanto em nível endógena quanto em nível exógeno, relacionados, respectivamente, a causas internas e externas.

Embora ambas as teorias se distingam quanto ao modo pelo qual ocorre a aquisição da linguagem, seus teóricos têm em comum a referência que fazem à competência**,** que a nosso ver é a competência linguística.

Cunha, Costa e Martelotta (2009, p. 21) concebem a linguagem como objeto de estudo da linguística. Esta, como ciência, observa sua "manifestação oral ou escrita (ou gestual, nos casos das línguas dos sinais)". Saussure (1971) diverge dos autores quanto ao objeto da linguística; enquanto aqueles afirmam ser a linguagem o objeto de estudo da linguística, para Saussure esta tem a língua como seu verdadeiro e único objeto.

Martelotta (2009) diz que precisamos nos questionar sobre qual é o sentido que está se empregando o termo função ao nos depararmos com a expressão funções da linguagem. O autor declara que, na concepção de Jakobson, a linguagem tem várias funções, uma delas é a comunicação, e que o fato de alguém enviar uma mensagem a outrem não é o bastante para que a comunicação se estabeleça. A mensagem só será compreendida por meio de três requisitos: 1. se tiver um contexto inteligível por parte do destinatário; 2. se ambos, remetente e destinatário, conhecerem o código; 3. se o canal físico permitir o compartilhamento de informações entre o remetente e o destinatário (MARTELOTTA, 2009, p. 31-33).

Nesse contexto, o surdo e seu interlocutor só vão compreender e serem compreendidos quando, no contexto dialógico, estiver presente a língua de sinais e que ambos conheçam esse código linguístico que possui o canal visuo-espacial como veículo de comunicação. Segundo Ferreira (2010, p. 11), o canal "visuo-espacial pode não ser o preferido pela maioria dos seres humanos [...], porém é uma alternativa que revela de imediato a força e a importância da manifestação da faculdade de linguagem nas pessoas".

Com diferentes sentidos, linguagem é o termo apontado por Cunha, Costa e Martelotta (2009) para se referir a qualquer tipo de comunicação, como por exemplo, "a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras". Nesse sentido, os autores declaram que "as línguas naturais [...] são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade" (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2009, p. 15-16). Assim, por serem línguas naturais, as LSs, entre elas a Libras, possibilitam esse processo de comunicação entre os membros da comunidade surda.

De acordo com Wilson e Martelotta (2009, p. 71), há cerca de mais de dois milênios que "estudiosos se dedicam a investigar a linguagem [...]. Na base das indagações [...] está a tentativa de se compreender não apenas a estrutura da linguagem, mas também a sua relação com o mundo que ela simboliza e com o funcionamento da mente humana".

Clot (2006, p. 220, 221) relata que, para Vygotski, a linguagem "não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na linguagem". Ele também declara que, na concepção de Vygotski, "a palavra leva o pensamento a seu total acabamento. A significação real da palavra nasce no ponto de contato entre sua significação formal e o sentido que ele retira de uma situação".

Benveniste (2005) versa sobre a linguagem como uma de nossas principais fontes de conhecimento da cultura, isto é, o mundo da significação de um povo e das distinções ou divisões que se praticam. Para ele, a ciência da linguagem foi pouco a pouco transformada por causa de Saussure; este, segundo o autor, percebeu que estudar uma língua leva, inevitavelmente, ao estudo da linguagem. Isso implica em uma co(relação) entre elas: linguística/linguagem/língua. Consoante o autor, é necessário esclarecer algumas ambiguidades que são responsabilidades da própria linguagem. Desse modo, a língua se faz necessária para a expressão do pensamento. Na concepção de Benveniste, a forma linguística

> [...] é, pois, não apenas a condição de transmissibilidade, mas primeiro a condição de realização do pensamento [...] "o nosso pensamento" é [...] um conteúdo de pensamento [...]. Esse conteúdo recebe forma quando é enunciado [...]. Para tornar-se transmissível, esse conteúdo deve ser distribuído entre morfemas de certas classes, organizadas numa certa ordem etc. (BENVENISTE, 2005, p. 69).

A argumentação do autor, nesse sentido, é que em "primeira instância encontramos o universo da palavra, que é o da subjetividade [...] percebe-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para representar-se a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o 'outro' a comprovar [...]" (*Idem*, 2005, p. 84). Para ele, a linguagem estabelece o requisito do diálogo.

Bakhtin comenta sobre o enfrentamento de "um duro combate dialógico nas fronteiras flutuantes", pois a linguagem está repleta de intenções do outro, haja vista que para ele a linguagem não é "um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante [...]" (CLOT, 2006, p. 222-223). Nesse viés, Barros (2005, p. 33) menciona que a linguagem é "essencialmente dialógica". A autora apresenta o ponto de vista de Bakhtin sobre ignorar essa essência, porque para ele isso significa apagar o elo "entre a linguagem e a vida".

Como enunciado anteriormente, linguagem e língua são indissociáveis, pois uma está estritamente vinculada à outra. Até o momento, dissertou-se sucintamente sobre a linguagem, e para finalizar essa seção aborda-se, a seguir, sobre língua, também de forma breve.

Benveniste (2006, p. 68) assegura que todas as línguas possuem categorias comuns que são revestidas por formas e estas "são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso". Essas categorias são "elementares independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem". Ele afirma que nas circunstâncias do discurso e da subjetividade todo homem "se coloca em sua individualidade enquanto *eu* por oposição a *tu* e *ele*". Mais adiante, trata-se sobre o nível discursivo do percurso gerativo de sentido abordando a categoria pessoa.

Isso remete a uma estrutura de oposições linguísticas intrínsecas ao discurso que, através da língua, Benveniste (*Idem*, p. 74) declara ser manifestada a experiência humana relacionada ao tempo linguístico, crônico e físico, pois a língua

> [...] fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro se faz reconhecer por ele. Ora, a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal (*Ibid.*, 2005, p. 84).

Nessa perspectiva, Fiorin (2008) anuncia que, de acordo com o pensamento bakhtiniano, "a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica". Esta palavra aqui tem o sentido de diálogo; este só existe pela língua, ou melhor, pelo uso da língua entre os interlocutores. Fiorin reitera que essas

> [...] relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face [...] o enunciador para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2008, p. 18-19).

O dialogismo é "o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado". Fiorin ratifica que um "enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exibe seu direito e avesso", ou seja, o dialogismo é uma via de mão dupla. O autor declara que, para Bakhtin, conceituar o que é individual e o que é social é algo complexo por dois motivos: o primeiro deles é "que a maioria absoluta das opiniões dos indivíduos é social", o outro motivo é que "todo enunciado se dirige não somente a um destinatário imediato, [...] mas também a um super destinatário, cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante da produção discursiva" (*Idem*, 2008, p. 24, 27).

Na produção discursiva a fala é importante para que se tenha a compreensão, de modo que o sujeito que fala alcance seu objetivo comunicativo, isto é, fazer-se compreender. Para que isso ocorra, de acordo com Costa (2009), a língua é fundamental. Em contrapartida, o autor alega que "a língua só se estabelece a partir das manifestações concretas de cada ato linguístico efetivo. Assim, a língua é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da fala" (COSTA, 2009, p. 116). Isso confirma a relação dialógica acima mencionada.

Segundo Barros (2005, p. 33), "o reconhecimento do dialogismo do discurso, [...] leva a crer, por oposição, no caráter monológico da língua". Ela menciona que Bakhtin não compactua com esse pensamento, porquanto "[...] para ele a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se na língua choque de contradição".

A língua é apontada por Sapir (1969, p. 19) como um instrumento importante para estudar cientificamente uma determinada cultura. Para ele, a cultura de um povo está expressa na língua dele. Esta, no seu ponto de vista, não é apenas um meio de comunicação, nem tampouco se pode imaginar alguém ajustado à realidade "sem o auxílio essencial da língua".

> O fato inconcusso é que o "mundo real" se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos linguísticos do grupo. Não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social. Os mundos que vivem as diversas sociedades humanas são mundos distintos e não apenas um mundo com muitos rótulos diversos (*Idem*, 1969, p. 20).

Partindo desse pressuposto, Quadros (2006) sustenta que as línguas

> [...] expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social. Os surdos brasileiros usam a língua brasileira de sinais, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas (QUADROS, 2006, p. 13).

Esse conceito é confirmado por Gesser (2009, p.11-12), ao declarar que uma das concepções mais frequentes é que muitas pessoas pensavam e/ou ainda pensam que a LSs é universal; no entanto, pesquisas comprovam que isso é um mito.

> Ora, sabemos que nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua(s) própria(s) língua(s). Embora se possa traçar [...] e apontar possíveis parentescos e semelhanças no nível estrutural das línguas humanas (sejam elas orais ou de sinais), alguns fatores favorecem a diversificação e a mudança da língua dentro de uma comunidade linguística, como, por exemplo, a extensão e a descontinuidade territorial, além dos contatos com outras línguas.

> Com a língua de sinais não é diferente: nos Estados Unidos, os surdos "falam" a língua americana; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua brasileira de sinais, e assim por diante [...]. Podemos dizer que o que é *universal* é o impulso dos indivíduos para a comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é *sinalizado* (GESSER, 2009, p. 11, grifo da autora).

Para Benveniste (2006, p. 63-64), "a língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento [...]". A língua tem a capacidade de interpretar todos os sistemas semióticos, porque, conforme o autor, apenas ela "pode conferir [...] a outros sistemas a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo".

> A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões [...] o privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. [...] É nessa faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas (*Idem*, 2006, p. 66).

Nessa ótica, finaliza-se esta seção refletindo sobre a língua em prática, seja pela fala ou simplesmente por uma ideia. Segundo Bez e Aquino (2011, p. 12), "não chamamos apenas um termo na nossa consciência, mas todo o sistema para julgamento e seleção. Fica claro, então, que o sistema somente pode ser colocado em funcionamento pelo indivíduo falante". Isso é possível devido à internalização da gramática da língua que o indivíduo tem, o que consente realizar esses julgamentos.

A seção seguinte aborda, resumidamente, algumas definições e aspectos da semiótica.

1.2. Um panorama acerca da Semiótica: definições e apontamentos

A Semiótica é exposta nesta seção, que é organizada em três subseções. A primeira delas apresenta algumas definições, a segunda trata da semiótica, Hjelmslev e Greimas, e a terceira discorre sobre o sentido e seus níveis de percurso gerativo.

1.2.1. Definições

Semiótica, palavra originária de *semion* que em grego quer dizer signo. A semiótica tem os signos por seu objeto de estudo, o qual se fundamenta nas discussões da lógica e do significado dos objetos. Isso se faz por meio do signo, que, conforme Saussure (1971), é a unidade linguística composta por um significante e um significado.

Santaella (1983, p. 13) concebe a semiótica como "a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, examina os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como o de produção de significação e de sentido".

Segundo Puech (2011, p. 24-26), "a ideia de uma ciência dos signos, de um paradigma semiótico, concebido como novidade e modernidade, foi sucessivamente adotado por R. Barthes [...] e por M. Foucault [...] e, posteriormente [...] considerada ultrapassada". Para a autora, "o que visa o projeto semiótico é [...] o campo da cultura, posto além das dicotomias tão fortes na França [...]". Nesse sentido, Torchi (2017, p. 168), de certa forma, compartilha dessa concepção, pois apresenta a linguagem como aquela que "organiza os sistemas de signos que compõem a cultura e, por conseguinte, cria possibilidades de tangenciar o universo dos sentidos".

A definição de semiologia para Sargentini (2011, p. 111), desde o princípio identifica-se dessa forma: "ora se trata de uma disciplina ainda a se constituir, e que englobaria a linguística, ora se apresenta como uma disciplina que tem suas bases sobre a linguística, sobre os sistemas de signos arbitrários e sobre a teoria do valor". A autora alega que no Curso de Linguística Geral (CLG) Saussure já apresentava a noção de semiologia; esta entendida como sinônimo de semiótica. Para Sargentini (2011), essa noção requer

> [...] a existência de uma ciência geral dos signos, a Semiologia, da qual a Linguística seria apenas uma parte. Desta perspectiva, a semiologia teria por objeto de estudo todo e qualquer sistema de signos [...] sons, imagens, gestualidades, rituais, costumes, entre outros – e a língua seria apenas o mais importante desses sistemas (*Idem*, 2011, p. 110-111).

Houve na França uma semiótica que ficou conhecida em meio à comunidade internacional de pesquisadores. Na concepção de Puech (2011, p. 25), a semiótica é vista como positiva, de cunho científico, tendo alguns conceitos/noções como signo, semiologia, sistema, entre outros, vinculados a Saussure. Este, de acordo com Wilson e Martelotta (2009), realiza "na Europa, em fins do século XIX e início do século XX a síntese dos conceitos da tradição

clássica e moderna [...]". Isso implica dizer, segundo os autores, que a linguística é estabelecida como "uma ciência que constituiria um ramo de uma ciência maior: a semiologia ou semiótica, a ciência dos signos" (WILSON; MARTELOTTA, 2009, p. 72).

Pietroforte (2017a, p. 7) menciona ao menos três semióticas; uma delas é aquela na qual esse estudo está vinculado, ou seja, à teoria da significação proposta por Greimas. Para o autor, a diferença desta teoria para as demais, bem como, à semiologia (teoria geral do signo), é a "ênfase dada não mais nas relações entre os signos, mas no processo de significação capaz de gerá-los". O autor declara haver a necessidade de estabelecer alguns conceitos para definir o objeto de estudo da semiótica. Para ele, a semiótica

> [...] estuda a significação, que é definida no conceito do texto. O texto, por sua vez, pode ser definido como uma relação entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. O plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano da expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético.
> [...] o sentido de um texto está em seu plano de conteúdo. Definido nesse plano, o sentido pode ser estudado em uma teoria semiótica, que pretende descrever os processos de sua formação, ou seja, a significação. A semiótica proposta por Greimas concebe o sentido como um processo gerativo, em um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e completo.
> No processo de geração de sentido, a semiótica define um nível fundamental do qual se pode partir para a formalização de seu estrato mais geral e abstrato. O sentido é definido pela semiótica como uma rede de relações, o que quer dizer que os elementos do conteúdo só adquirem sentido por meio das relações estabelecidas entre eles (PIETROFORTE, 2017a, p.11-13).

De acordo com o autor, o significado está contido no texto; este estabelece uma relação entre os planos de expressão e de conteúdo. Este é o plano que os sentidos de um texto ocorrem, o que implica dizer que a geração de sentidos é um processo definido pela semiótica no nível fundamental, um dos três níveis gerativos de sentidos.

A semiótica, no entendimento de Barros (2002), caracteriza-se por:

> a) construir métodos e técnicas adequadas de *análise* interna, procurando chegar ao sujeito por meio do texto;
> b) propor uma *análise* imanente, ao reconhecer o objeto textual como uma máscara, sob a qual é preciso procurar as leis que regem o discurso;
> c) considerar o trabalho de construção do sentido, da imanência `a aparência, como um *percurso gerativo,* que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, em que cada nível de profundidade e passível de descrições autônomas;
> d) entender o percurso gerativo como um *percurso do conteúdo*, independentemente da manifestação, linguística ou não, e anterior a ela (BARROS, 2002, p. 13, grifos da autora).

Greimas anuncia a semiótica como aquela que "tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto significante para o homem. Herdeira de Saussure e de Hjelmslev, não toma a linguagem como sistema de signos e sim de significações, [...] de relações, pois a significação decorre da relação" (BARROS, 2002, p. 13). Corroborando com isso, Pietroforte (2017a, p. 16) trata da semiótica greimasiana como aquela onde a geração dos sentidos não está alicerçada na coisa referida, mas na relação. Para ele, significa dizer que "vida define-se em relação a morte, e não em relação a 'fatos' ou 'coisas' de um suposto mundo tomado como real". Neste trabalho tentaremos, por meio dessa concepção, estabelecer como se dá a relação entre arbitrariedade e iconicidade na Língua Brasileira de Sinais – Libras, haja vista que ambas se definem uma em relação à outra.

Nesse sentido, percebe-se a existência de dificuldade de interpretação ao se estabelecer a fundamentação de referência no campo semiótico. Isso é abordado por Torchi (2017, p. 167), como problema semiótico. Ela afirma que

> [...] não parece se manifestar como representação imediata das coisas do mundo, mas como entendimento. Tampouco se revela como propriedade dos objetos culturais. Pelo contrário, nasce de elaborações e não se desvincula das contingências sem as quais nenhuma investigação sobrevive. Eis o coração da pesquisa semiótica: ela não é decorrência do signo, mas da semiose (semeiosis), da ação do signo na construção de possibilidades de significação (*Idem*, 2017, p. 167).

Entender o problema semiótico, segundo a autora, "exige reconhecer qual o papel que a linguagem, de fato, exerce na cultura [...]". Já mencionamos anteriormente que, consoante Torchi, a linguagem "organiza os sistemas de signos [...]". Isso faz com que se criem as relações de sentidos. Ela relata que "a semiose, ou seja, a ação inteligente do signo, capaz de gerar outro signo, igualmente se encontra na base do problema semiótico" (*Ibid.*, 2017, p. 168).

A semiótica em uma abordagem empírica, como destaca Puech (2011, p. 24), precisa "dar conta de seus objetos, descobrindo novos objetos". Torchi (2017, p. 168) enuncia ser "a semiose, ou seja, a ação inteligente do signo, capaz de gerar outro signo".

1.3. A semiótica, Hjelmslev e Greimas

A semiótica, a ciência dos signos, apresenta sua fundamentação na perspectiva de Algirdas Julien Greimas, seu fundador. Tratar sobre a semiótica implica, também, explanar o

signo linguístico; consequentemente, ocupar-se deste requer uma alusão a Saussure e, também, a Hjelmslev.

Greimas, renomado linguista de origem russa, muito influenciou na semiótica. Ele fundou a semiótica francesa também conhecida como semiótica greimasiana ou, ainda, semiótica discursiva. Entre essas denominações optou-se por utilizar esta última. Os conceitos propostos por Saussure e Hjelmslev alicerçam a semiótica discursiva, cujo objeto de estudo é o sentido. Seu interesse está, na verdade, no sentido aparente do sentido e não pelo sentido propriamente dito. Fagundes (2011, p. 2) coloca que a semiótica discursiva "contudo [...] não se preocupa com o sentido em si, mas com o modo como é empregado no texto [...]". Em outras palavras, o interesse da semiótica discursiva está justamente no efeito de sentido.

O percurso de sentido agrega significação de oposições semânticas. É estabelecido a referenciação que, segundo Matte e Lara (2009, p. 342), "dentro de um universo de possibilidades semânticas, nas instâncias de tempo, espaço e pessoa, que, por sua vez, as concretizam em relação ao mundo dinâmico das coisas e dos seres". As autoras afirmam que "[...] as estruturas narrativas servem de suporte não apenas aos temas e figuras do discurso [...] mas também às pistas que denunciam a enunciação sempre suposta a qualquer evento de discursivização e textualização".

Ao abordar a organização do sentido, ou seja, que condições algo tem enquanto significante, Benveniste (2006, p. 21) apresenta duas modalidades de sentido: o semiótico e o semântico. Para o autor, o signo saussuriano é a unidade semiótica dotada de sentido, enquanto a semântica "é o 'sentido' resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles".

Fiorin (1999, p. 1) destaca que: "é preciso alertar que o fazer teórico da semiótica é aspectualizado imperfectivamente, o que significa que não constitui ela uma teoria pronta e acabada, mas um projeto, um percurso". Nesse sentido, a semiótica discursiva está em constructo, portanto, inacabada. Como o próprio autor comenta, a semiótica é *in fieri* – expressão italiana que significa em andamento. Ratificando Mate e Lara (2009, p. 344) declaram que "a semiótica francesa pretende-se uma teoria científica em construção: uma teoria capaz de minimizar [...] os efeitos que os limites culturais, dos quais a linguagem é a representante maior, impõem sobre o analista".

A semiótica, na perspectiva de Hjelmslev, concebe a linguagem em seu sentido mais abrangente abarcando toda estrutura semelhante a um sistema de signos. Esse linguista tem o pensamento distinto do de Saussure. Enquanto para este, as duas faces do signo são o significante e o significado; para aquele, essas faces são os planos de expressão e conteúdo.

> Hjelmslev reformula a teoria do signo saussureana, reconhecendo a necessidade de entendê-lo como resultado de um processo de semiose. Isso permite uma aproximação com o conceito greimasiano de "texto" com a totalidade na qual se manifestam as estruturas de qualquer sistema, e, também, com o método greimasiano que busca dar conta dos mais variados tipos de texto (SILVA, 2010, p. 12).

De acordo com Barros (1988), é possível analisar os planos de conteúdo e de expressão separadamente. Ela também aponta a necessidade do linguista romper com barreiras que dificultavam estudar o sentido.

> A partir de Hjelmslev, que mostrou ser possível examinar o plano do conteúdo em separado do plano da expressão, tal como a fonologia fizera com o plano da expressão, a semântica estrutural desenvolveu princípios e método para estudar o sentido. As dificuldades foram muitas e não se conseguiu ir além da descrição de uma fatia reduzida do conteúdo de uma língua, tampouco ultrapassar os limites da frase. A preocupação com o sentido, no entanto, forçou o lingüista a rever sua concepção de língua e de estudos da linguagem e a romper as barreiras estabelecidas entre a frase e o texto e entre o enunciado e a enunciação. Sem derrubar essas demarcações, não se pode realizar nenhum estudo satisfatório do sentido (BARROS, 1988, p. 11).

Segundo Pietroforte (2017a, p. 12), é no plano de conteúdo, discutido anteriormente, que está o sentido do texto. A proposta da teoria semiótica de Greimas compreende o sentido como um sistema gerativo, este em um "percurso que vai do mais simples e abstrato, ao mais complexo e concreto. Essa geração é formalizada no método teórico do processo gerativo do sentido [...]". Para ele, nesse "processo de geração de sentido, a semiótica define um nível fundamental", ou seja, uma estrutura profunda, elucidada mais adiante.

Como mencionado anteriormente, as discussões acerca da semiótica remetem a Saussure. Este aborda a concepção de signo, o qual se constitui por dicotomias. Partindo da dicotomia significante e significado, Pietroforte (*Idem*, p. 7) afirma que Greimas fala sobre os domínios da semiótica como: "qualquer que seja a natureza do significante [...] o estatuto de sua significação se encontra situado num nível metalinguístico em relação ao conjunto estudado". Assim, valendo-se das explicações dos planos de expressão e de conteúdo de Hjelmslev e de Greimas

> [...] define os domínios da semiótica no plano do conteúdo, [...]. Nos domínios do conteúdo, a significação é descrita pela semiótica no modelo do percurso gerativo do sentido, que prevê a geração do sentido por meio do nível semio-narrativo, geral e abstrato, que se específica e se concretiza na instância da enunciação, no nível discursivo (PIETROFORTE, 2017a, p. 8).

A relação entre os planos de conteúdo e de expressão, na concepção de Pietroforte (*Idem*, p. 8), é denominada "semi-simbólica. Ela é arbitrária porque é fixada em determinado contexto, mas motivada pela relação estabelecida entre os dois planos da linguagem". Dessa forma, baseando-se nos conceitos de Saussure de signo e símbolo, o autor declara que "define-se o semi-simbolismo entre o arbitrário de signo e o motivado do símbolo".

1.4. O sentido e seus níveis de percurso gerativo

Como supracitado, explicita-se, agora, os níveis de percurso gerativo de sentido. Pietroforte (2017a, p. 13) alude a uma rede fundamental de relações: "se o sentido é estabelecido em uma rede de relações, no nível fundamental busca-se determinar não uma relação fundamental, mas uma rede de relações. Essa rede fundamental é formalizada no modelo do quadrado semiótico", que fora introduzido por Greimas quando este observara a estrutura narrativa como via de mão dupla, ou seja, bidirecionalidade das narrativas. Em outras palavras, ele constatara a existência do percurso gerativo de sentido.

Fiorin (2002, p. 17) define o percurso gerativo de sentido como "uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido". Esses patamares, também denominados de níveis ou estruturas (aqui se optou pelo termo nível), ocorrem mediante três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. São esses níveis que possibilitam examinar o plano de conteúdo que, por conseguinte, são dotados cada qual de uma sintaxe e de uma semântica.

A partir do momento que se estabelece uma rede de relações, pode-se determinar, como declara Pietroforte (2017c, p. 165), "os efeitos de sentido que ela produz na instância da enunciação. De acordo com a semiótica, a enunciação constrói-se na relação enunciador-enunciatário do discurso, cujo produto é o enunciado".

A semântica e a sintaxe fundamental correspondem ao nível profundo do percurso gerativo de sentido. Suas categorias podem estabelecer as articulações no quadrado semiótico permitindo, assim, que se realize uma análise de nível fundamental, o 1º nível no percurso gerativo de sentido. Esse nível constitui-se pela contradição, contrariedade e complementaridade; dito de outro modo é o nível das oposições de base. Segundo a análise do quadrado semiótico os termos contrários são aqueles

> [...] que apresentam uma dupla negação. [...]. São ditos contraditórios os termos que apresentam apenas uma negação. [...]. Assim, por meio de

> operações de afirmação e de negação, o quadrado semiótico sistematiza uma rede de relações de contradição, contrariedade e implicação. Além dessas três relações entre os termos simples, há no quadrado semiótico um termo complexo, gerado pela simultaneidade dos termos simples afirmados, e um termo neutro, gerado pela simultaneidade de suas negações (PIETROFORTE, 2017a, p. 14).

Nesse sentido, para Pietroforte (*Idem*, p. 15) a semiótica imprime "qualidades positivas a um dos termos e negativas ao outro, [...]". Essas qualidades positivas ou negativas são abordadas pelo autor como "euforia à sensibilização positiva e disforia à negativa [...]. Como termos contrários, [...] formam a categoria fórica que, ao lado da categoria semântica *s1 vs. s2*, estruturam o texto". A orientação oriunda dessas relações de oposição entre os termos é a condição primeira da narratividade, haja vista que o nível fundamental se transforma em nível narrativo e este, sucessivamente, altera-se para o nível discursivo. A análise de um nível de percurso gerativo de sentido implica o outro.

O 2º nível no percurso gerativo de sentido é o narrativo, o qual se sustenta por transformações de estado, e a narratividade faz um simulacro das relações entre o homem e o mundo que o cerca. Essas relações produzem uma modificação, a qual faz com que o sujeito mude de estado. Para Pietroforte (*Ibid.*, p. 15-16), a "formalização dessas transformações em um modelo teórico constitui o nível narrativo do percurso gerativo de sentido". Compreendida como "transformação de estados, uma narrativa mínima pode ser definida entre dois estados", isto é, a disjunção (Suj. U Obj.) do sujeito com seu objeto de valor, e a conjunção (Suj. ∩ Obj.) do sujeito com seu objeto de valor. Há também o fazer transformador. Assim, a narrativa básica apresenta o esquema: (Suj. U Obj.) → (Suj. ∩ Obj.) ou (Suj. ∩ Obj.) → (Suj. U Obj.).

Desse modo, estabelecem-se dois tipos de enunciado: a) enunciados de estado que está relacionado à disjunção ou conjunção; e b) enunciados de fazer, o qual está relacionado à performance.

Em uma narrativa mais complexa apresenta-se um programa essencial e outros secundários, os quais Pietroforte chama de "programas narrativos de base e programas narrativos de uso". Em semiótica, o programa narrativo de base é a performance. Para que ele aconteça, o sujeito narrativo necessita de competência para realizá-lo. Quanto aos programas de uso, na concepção do autor, formalizados "como representantes de um saber ou um poder, ou seja, um *saber-fazer* e um *poder-fazer*, relativos à performance. A articulação entre competência e performance define o que a semiótica chama de percurso narrativo" (PIETROFORTE, 2017a, p. 16-17, grifos nosso).

Ao longo do percurso narrativo, o manipulador, que é também chamado de destinador-manipulador ou enunciador-manipulador, pode, segundo Cardoso, Hanashiro e Barros (2016, p. 361), "se valer de estratégias de manipulação em sua narrativa, como sedução, persuasão, intimidação ou tentação, a fim de transformar as ações do sujeito em busca do alcance de seu objetivo em relação ao objeto-valor".

O manipulador usa a persuasão como estratégia para conseguir fazer com que o manipulado faça algo. Em contrapartida, aquele que é manipulado, ou seja, o destinatário ou, ainda, o enunciatário, faz uma interpretação podendo, assim, aceitar ou não o "acordo" estabelecido na relação de ambos. Nesse contexto, através da tentação o manipulador apresenta um objeto de valor positivo ao manipulado. Por meio da provocação ou intimidação, o manipulador ameaça o manipulado; ameaças estas que podem, consoante Lima (2012, p. 5), "retirar do seu destinatário algum(s) valor(es) que ele possui, ou acrescentá-lo valores que ele não deseja". Na sedução, ao contrário da provocação ou intimidação, o manipulador tecerá elogios bajuladores (mesmo que não sejam sinceros) ao manipulado. Portanto, o sedutor "é aquele que tenta convencer o outro elogiando-o, notando ou até destacando com exagero as suas virtudes; esse ato aparentemente benévolo, indiretamente, leva o destinatário a agir para confirmar os elogios feitos".

Em outra face do percurso narrativo encontra-se o manipulador enquanto julgador. Este realiza a sanção das ações do julgado/manipulado "pela verificação [...] dos valores com que se relaciona" por meio da interpretação dos estados resultantes do seu fazer (BARROS, 1997, p. 29). Esses estados podem ser verdadeiros ou que parecem e são; podem ser falsos ou que parecem, mas não são; ser secretos ou que não parecem, mas são; ou ainda mentirosos ou que parecem, mas não são.

O 3º nível no percurso gerativo de sentido é o discursivo. Esse é o nível mais superficial e concreto. Voltando à dicotomia conteúdo e expressão de Hjelmslev, percebe-se que é a expressão que permite compreender o conteúdo de um determinado texto. Conforme Matte e Lara (2006, p. 44), o nível discursivo está relacionado "à aspectualização, a recursos de verossimilhança, à debreagem, a isotopias temáticas e figurativas, que dão unidade semântica ao texto, e à instância da enunciação [...] sempre pressuposta e apenas atingível indiretamente por marcas deixadas no texto".

Como referido no início desta seção, a análise realizada em um nível implica no outro, ou seja, são interdependentes. Nesse sentido, Matte e Lara (2006) salientam que

> [...] um elemento do nível discursivo será objeto de valor no nível narrativo se for desejado diretamente por um sujeito ou se for o meio para um sujeito obter um outro objeto. No primeiro caso, temos um objeto de valor descritivo; no segundo, um objeto de valor modal, pois atuará na modalização do sujeito para o fazer [...] há um outro fazer que compreende justamente a construção de um objeto, seja ele modal ou descritivo, e resulta na conjunção desejada (*Idem*, 2006, p. 41).

Os objetos descritivos estão ligados a sujeitos de estado e do fazer, ao passo que os objetos modais estão ligados a "predicados que regem outros predicados". Com relação aos sujeitos de estado e do fazer, estão vinculados, respectivamente, aos valores e às ações. De acordo com a semiótica, "as modalidades são o querer, o dever, o poder, o saber e o crer. Elas incidem tanto sobre o fazer quanto sobre o ser. Temos, pois, por exemplo, um querer fazer e um querer ser" (FIORIN, 2007, p. 26).

CAPÍTULO II

2. OS FENÔMENOS DA ICONICIDADE E DA ARBITRARIEDADE NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Assim como o primeiro capítulo, este é constituído de duas seções de discussões, cujo foco é apresentar algumas concepções relacionadas ao fenômeno linguístico da iconicidade e da arbitrariedade na Libras. Entretanto, a princípio, faz-se uma reflexão sobre esse fenômeno de um modo geral.

A primeira seção retoma o conceito de língua e signo linguístico. Ressalta-se que língua, aqui, tem destaque nas reflexões acerca das LSs, mais especificamente da Libras, haja vista que as pesquisas desenvolvidas sobre as LSs, de acordo com Ferreira (2010, p. 29), têm "demonstrado quão complexa, completa, abstrata e rica pode ser uma modalidade gestual-visual". Posteriormente, aborda-se o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade nas LOs.

A segunda seção trata da iconicidade e da arbitrariedade na Libras, foco dessa pesquisa. Procura-se verificar se algum aspecto da arbitrariedade, mesmo que indiretamente, está ou não relacionado à iconicidade dessa língua. No entanto, não se explana nesta seção como isso ocorre; a discussão fica reservada para o terceiro capítulo, momento em que se realiza uma análise semiótica discursiva. Busca-se aqui realizar, brevemente, uma comparação desse fenômeno na concepção de alguns pesquisadores das LSs.

Assim, são apresentadas algumas concepções fundamentadas em teóricos, entre outros, como: Saussure (1971), Gesser (2009), Ferreira (2010), Quadros e Karnopp (2004), Karnopp (2008), Benveniste (2006), Xavier e Barbosa (2014), Costa (2009), Wilson e Martelotta (2009), Silva (2018), Krebs e Laipelt (2018), Carneiro (2016), Nunes (2013), Freitas (2018), Frydrych (2012), Teixeira (2014).

2.1. Língua Signo linguístico/Libras e Signos não Linguísticos

Esta seção recupera alguns conceitos acerca da língua e de signo linguístico. Essas definições têm abordagem centrada nas LSs, de modo mais específico, na Libras. Para Saussure, a língua

> [...] é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. [...] é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve. [...]
> A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, [...]. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 1971, p. 22-24).

Nesse sentido, o surdo, privado ou não da oralidade/fala, tem sua língua preservada (no caso do surdo brasileiro, a Língua Brasileira de Sinais), desde que compreenda os sinais que visualiza. O alfabeto dos surdos-mudos a que Saussure se refere não é a LS propriamente dita. Esse alfabeto é conhecido como alfabeto manual ou, ainda, alfabeto datilológico e é distinto também nas diferentes línguas de sinais; ele tem uma função interativa no momento discursivo.

Gesser (2009), ao discorrer acerca das crenças da Libras, responde ao questionamento sobre ser o alfabeto manual a língua de sinais. A autora afirma que esse alfabeto,

> [...] utilizado para soletrar manualmente as palavras (também referido como *soletramento digital ou datilologia*), é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas [...].
> Acreditar que a língua de sinais é o alfabeto manual é fixar-se na ideia de que a língua de sinais é limitada [...].
> [...] é importante que se diga que o alfabeto manual tem uma função na interação entre os usuários da língua de sinais. Lança-se mão desse recurso para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, e algum vocábulo não existente na língua de sinais que ainda não tenha sinal [...] (GESSER, 2009, p. 28-29, grifo da autora).

De acordo com Felipe e Monteiro (2007), as LSs possuem características próprias e sistemas de escritas convencionados. Estes, geralmente, "exigem um período de estudo para serem aprendidos [...] estamos utilizando um 'Sistema de notação em palavras'. Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais". As autoras declaram que este sistema

> [...] que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.
> [...] a Libras será representada a partir de convenções, entre elas, "Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas". Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 24).

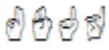
Apresentam-se e  como exemplos do recurso de soletramento digital ou datilologia. Estes correspondem a R-I-T-A[9] e U-F-G-D, respectivamente, um nome próprio (Rita) e a sigla da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Vale salientar que nesses dois casos há um sinal específico para cada um e que a soletração manual é usada em determinado discurso, apenas para quem não os conhece.

Figura 1 - Sinal RITA

Fonte: Imagem elaborada pela autora (2019).

Figura 2 - Sinal UFGD

Fonte: Imagem elaborada pela autora (2019).

A linguista Ferreira (2010, p. 29) aborda a questão da datilologia, ou seja, a soletração manual[10], ou ainda, o alfabeto manual, como sendo linear seguindo a estrutura da língua oral-auditiva. Assim como Gesser, ela assegura que a datilologia é um recurso "do qual se servem os usuários das línguas de sinais para os casos de empréstimos vindos das línguas orais [...] criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes de verdadeiros sinais". Segundo a autora, em alguns casos a datilologia perde seu caráter específico de soletração; isso se deve ao fato de que essa característica acaba por ser "incorporada à estrutura própria dos sinais ou da língua".

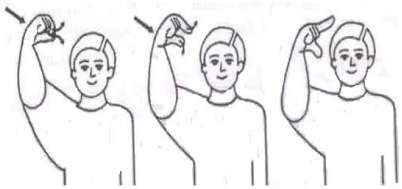
[9] Felipe utiliza o termo datilologia (alfabeto manual) que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada, na escrita do português, pela palavra separada, letra por letra por hífen (FELIPE, 2007, p. 25).

[10] Soletração manual não é uma representação direta do português; é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 88).

Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 89), em geral tanto as línguas orais quanto as de sinais "incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras, que são consideradas como empréstimos linguísticos".

A seguir, há um quadro exemplificando a questão da soletração digital/datilologia, da glosa[11] e do sinal, que, neste caso, também é denominado de empréstimo linguístico.

Quadro 4 - Ilustração da afirmação anterior

Soletração digital	**Glosa**	**Sinal**
	S-O-L	

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 1206).

A soletração S-O-L corresponde à escrita da palavra sol em português; a seta indica o movimento retilíneo diagonal, de cima para baixo, da mão no percurso da articulação do sinal, cujas configurações de mão, inicial e final, são distintas. Desse modo, o sinal/signo SOL tem a incorporação da soletração rítmica das letras "S" e "L", respectivamente, início e final da palavra sol.

> O empréstimo do sinal SOL viola a restrição na mudança de CM, pois a sequência de configurações de mão "S" para "L" envolve dois distintos grupos de dedos selecionados, mas essa sequência contém uma simples mudança na orientação, como acontece com sinais nativos (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 90-91).

Segundo Quadros e Karnopp (*Idem*, p. 63) e Karnopp (2008, p. 36), "[...] quando há mudança na configuração de mão, ocorre movimento interno da mão – essencialmente mudança na configuração dos dedos selecionados". Com relação à seleção dos dedos, Quadros e Karnopp (2004, p. 66) abordam acerca da "Fonologia da Dependência"; esta, para as autoras, permite analisar os parâmetros primitivos ou primários (CM, PA e M) que constituem os sinais, como, também, analisar sinais formados por duas mãos. Para elas, o conceito de dependência

> [...] tem sido usado na teoria linguística para caracterizar a ideia de que elementos com um domínio particular podem estar assimetricamente relacionadas. A relação de dependência é uma relação assimétrica binária em

[11] Glosas são palavras de uma determinada língua oral grafadas com letras maiúsculas que representam sinais manuais de sentido próximo (PAIVA *et al*., 2016, p. 12-48).

> que um elemento é o regente ou núcleo, e o outro, o dependente (*Idem*, 2004, p. 65).

Abordam-se, mais adiante nesta mesma seção, os parâmetros visuais como, também, as regras para a formação dos sinais. De acordo com Ferreira (2010, p. 36), na Libras os sinais incorporados ao léxico utilizam "os parâmetros considerados gramaticais e aceitos dentro dessa língua". Para a linguista, isso certifica a Libras como "um sistema linguístico que constrói a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que não possuem restrições para a articulação". Em sua concepção, os fonemas nas línguas orais "são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir de parâmetros visuais" (*Idem*, 2010, p. 35). Nesse sentido, as mãos são importantes, pois elas assumem formas, isto é, CMs, que associadas a outros parâmetros formam os sinais.

Retoma-se aqui o entendimento de Greiner (2013), mencionado na introdução, acerca das atividades das mãos; estas são parte do jogo das articulações, são concebidas como gestos enquanto prática simbólica. Tal prática deve ser conhecida pelos interlocutores em determinado contexto. O que a autora chama de gestos, nas LSs chama-se sinais; estes ao serem articulados têm em si a incorporação dos movimentos e da sensibilidade do enunciador, ou seja, das expressões não manuais.

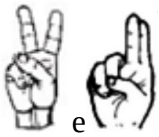
É necessário que os interlocutores conheçam as possíveis formas de seleção de dedos; estas terão implicação nas CMs de determinadas LSs. Isso implica uma retomada à proposta de representações de dedos selecionados segundo BHKS[12] no final da década de 80. Quadro e Karnopp (2004, p. 68) apresentam essas possibilidades de representações. As autoras falam que os "traços primitivos para seleção dos dedos são os traços [Um] e [Todos]. Os dedos podem estar em relação núcleo-dependente e podem ser modificados por um terceiro elemento – [Ulnar] – que especifica o lado da mão que é selecionado".

Dedo(s) selecionado(s) significa(m) aquele(s) alongado(s) ou estendido(s). Entretanto, a seleção dos dedos médio e anular ocorre com a junção de cada um destes com o polegar, ficando, assim, os demais dígitos ou dedos estendidos. O padrão de um dígito selecionado é o dedo indicador que é representado pelo caractere **"|"** sem especificação, cujo traço é [Um]. Além do indicador, o dedo mínimo também é selecionado, mas sua representação tem uma

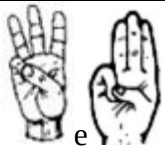
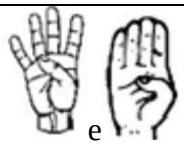
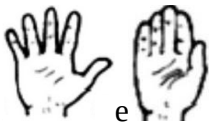
[12] BHKS, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), corresponde às iniciais dos nomes Brentari, Hulst, Kooij e Sandler.

dada especificação [u][13][Um]. Os dígitos/dedos não selecionados são representados pelo(s) caractere(s) de ponto(s). O quadro a seguir mostra o que foi explicitado.

Quadro 5 - Representação adaptada da seleção de dedos segundo BHKS

Símbolo	**Dígito Selecionado**	**Comentário**
[Um] /|.../		**[Um]** indica que o dedo selecionado é o **indicador**, pois não há nenhum caractere especificando.
[u] [Um] /...|/		O caractere **[u]**em**[u]** **[Um]** se refere à seleção dedo **mínimo** do lado ulnar da mão.
[∅]/.|../		O caractere [∅]**indica a ausência** da forma selecionada do dedo médio com a CM ; a seleção se dá pela junção dos dígitos médio e polegar, como mostra a coluna ao lado.
[u] [∅] /..|./		O caractere **[u]**em **[u]** [∅]**indica a ausência** da forma selecionada do dedo anular com a CM ; sua seleção se dá pela junção dos dígitos anular e polegar, conforme coluna ao lado.
[u] [Todos] /|..|/		Quantitativo de dedos selecionados: dois. O caractere **[u]**em **[u]** **[Todos]** indica a seleção do dedo **mínimo**. Essa é uma combinação dos elementos **[Um]** e **[Todos]**, que envolve o lado ulnar da mão.
[Um, Todos] /||../	 e	Dedos selecionados: o **indicador** e o **médio**. Ambos os dedos são do lado radial da mão e não apresentam nenhuma especificação. O quantitativo "dois" pode estar no modo de espraiamento ou adução dos dedos, como mostra a coluna ao lado.

[13] O caractere[u] significa a especificação do lado ulnar da mão, distinguindo-o do dedo indicador selecionado.

[Todos, Um] /|||./	 e	Dedos selecionados: o **indicador,** o **médio** e o **anular**. O quantitativo "três" pode estar no modo de adução e espraiamento dos dedos.
[Todos] /||||/	 e	Quatro dedos selecionados: o **indicador,** o **médio,** o **anular** e o **mínimo**. Não há nenhuma especificação, pois o traço **[Todos]** é por si evidente.
[Todos] /|||||/	 e	O dígito **polegar**, com a mão na CM em "5", normalmente, acompanha a posição dos dedos; se os dedos estão **espraiados** o polegar também está, se os dedos estão **aduzidos** o polegar igualmente está.

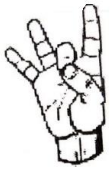
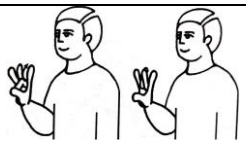
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 68-71).

No quadro acima, a representação da seleção dos dedos médio e anular foge das demais representações de seleção de dedos, pois eles estendidos denotam tabu. Quadros e Karnopp (2004) declaram que, para Woodward e BHKS,

> A evidência de que o dedo médio é o dedo selecionado, e não os dedos que estão estendidos (não-selecionados), vem das especificações na configuração que o dedo médio carrega. Interlinguisticamente, a extensão do dedo anular ou médio é altamente marcada, pois parece ser um tabu social a extensão de um dos dedos (médio ou anular) em muitas culturas (WOODWARD, 1982 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 70).

Os exemplos a seguir mostram que, interlinguisticamente, a extensão dos dígitos médio e anular denota tabu social.

Quadro 6 - Exemplos em Libras relacionados à seleção de dedos médio e anular

Representação da Seleção do dedo médio ou anular adaptada de (BHKS)		**Sinal**	**CMs**	**Sinal**
[Ø] /.|../		———		 APENAS

[u][Ø] /..|./		—		GAY

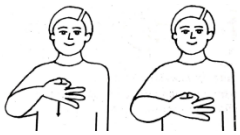
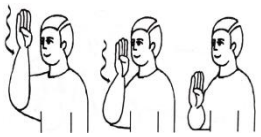
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 70); Capovilla e Raphael (2008, p. 210); Autora (2019).

Na Libras, como se pode observar, os sinais APENAS e GAY, respectivamente, têm as CMs e . Porém, não há sinais para as CMs e . Isso devido à questão do tabu, que como afirmado anteriormente; é uma questão cultural.

Retomando a discussão acerca do empréstimo linguístico, Ferreira (2010, p. 21) reforça que na Libras há vários tipos de empréstimo linguístico. Dentre eles, o lexical, o de inicialização e os sinais oriundos de outras LSs. Corroborando com isso, Duarte (2013, p. 28) declara que "os empréstimos [...] apontam para o fato de que a constituição da LIBRAS [...] dialoga com outras línguas, relacionando-se no campo morfológico e icônico, estruturas estas compactadas no espaço fonético, incluindo principalmente os domínios semióticos".

Ambos os autores, declaram que, para os empréstimos lexicais, a Libras desenvolveu o alfabeto datilológico, que já foi abordado. Esse alfabeto é formado por CMs, as quais representam as letras do alfabeto da LP. A seguir, alguns exemplos de empréstimos linguísticos na Libras, que estão relacionados aos tipos de empréstimo linguísticos apontados no parágrafo acima.

Quadro 7 - Exemplos de empréstimos linguísticos na Libras

Tipo	**Lexical**		**Inicialização**	**Outras LSs**
Sinal	C-E-R-T-O	 CERTO	 BRASIL	EU AMO VOCÊ

Fonte: Adaptado de Ferreira (2010, p. 22-23); Capovilla e Raphael (2008, p. 315, 388); Autora (2019).

O exemplo de empréstimo linguístico lexical, apresentado no quadro acima, pode ser realizado por meio da soletração manual cujas CMs são , , , e , respectivamente, em

“C”, “E”, “R”, “T” e “O”. Porém, o sinal de CERTO é formado pela CM ; ao articular o sinal, a palma da mão do enunciador fica disposta para dentro, ou seja, fica voltada para o enunciador; os dedos polegar e indicador se unem pelas pontas e realiza-se um movimento na vertical , de cima para baixo, no espaço neutro à frente do corpo do enunciador/sinalizante. Duarte (2013, p. 30) salienta que sinais constituídos por CMs representando as letras do nosso alfabeto formam “morfemas com fonemas representativos da língua oral”.

O sinal BRASIL/BRASILEIRO foi apresentado como exemplo de empréstimo linguístico do tipo inicialização. Esse exemplo tem a CM correspondente à letra “B” do nosso alfabeto e é a primeira letra da palavra Brasil/Brasileiro. O sinal é articulado pelo enunciador com sua mão dominante na CM em “B” , disposta diante da face, com a palma voltada para a esquerda no caso do enunciador ser destro; este move a mão de cima para baixo realizando um movimento ondulatório, o qual iconicamente lembra o contorno da costa do mapa do Brasil. Como mencionado por Duarte (2013, p. 28), o empréstimo linguístico dialoga com a Língua Portuguesa em uma relação morfológica e icônica.

Como exemplo de sinal originário de outra LS, o quadro acima indica EU-AMO-VOCÊ; este é um sinal/sentença de origem da ASL. Ele é constituído pela CM , que é formada pela incorporação das CMs + + as quais representam, respectivamente, as letras “I”, “L” e “Y” do nosso alfabeto. Ao articular esse sinal/sentença, o enunciador o realiza com a mão dominante na CM , palma da mão para frente, um movimento retilíneo na horizontal à frente do seu corpo partindo de si para o interlocutor, isto é, partindo da 1ª pessoa (eu enunciador) para a 2ª pessoa (tu enunciatário). Duarte (2013, p. 36) declara que esse sinal/sentença é oriundo dos Estados Unidos e que não sofreu modificações ou sequer foi adaptado, mantendo até hoje suas estruturas morfológicas.

A questão do empréstimo linguístico que uma língua faz incorporando algumas palavras de outra língua é apresentada por Benveniste (2006, p. 245) quando relata que “o vocabulário das línguas antigas e modernas está repleto de empréstimos que se cruzam em todos os sentidos”. O autor apresenta como exemplo de empréstimo linguístico do latim um texto bíblico do Novo Testamento relacionado à palavra “toalha, lenço” que é traduzida pela Vulgata (versão Latina da Bíblia) por *sudarium*, cujo significado é “lenço para enxugar o suor”. Este termo já vem do empréstimo do grego.

O que foi exposto, sucintamente, até o momento, sobre as línguas de sinais já fornecem evidências de que as línguas de modalidade visual espacial têm as características de uma língua natural. A Libras, como dito na introdução, é a língua da comunidade surda brasileira. Na

perspectiva de língua natural, também lhe cabe o "caráter de sistema modelizante primário", apontado por Machado (2013, p. 142). Ela menciona que "Lótman entendeu que a diversidade das linguagens da cultura, multiplicadas com o desenvolvimento dos processos e dos meios de comunicação, se encarregou de ampliar o processo modelizante de seus sistemas e de seus textos [...]" (*Idem*, 2013, p. 142). Lótman (1978, p. 101) apresenta a elaboração conceitual de texto bem distinta da modalidade oral, a modalidade visual. O autor enuncia que "cada sistema de comunicação pode realizar uma função modelizante, e inversamente, cada sistema modelizante pode desempenhar um papel de comunicação" (*Idem*, 1978, p. 46).

Buscou-se em Quadros e Karnopp (2004, p. 30) a argumentação de condição de língua natural das LSs. As autoras alegam que "pode-se dizer que uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases". Segundo elas, Stokoe, na década de 1960, comprovou que uma língua de sinais é, de fato, língua, pois ele

> [...] observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes. Comprovou, inicialmente, que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) – a localização, a configuração de mãos e o movimento – e que cada parte possuía um número limitado de combinações (*Idem*, 2004, p. 30-31).

Benveniste (2006, p. 32-33) declara que se "podemos falar, se a nossa língua nos dá o meio de construir frases, é que reunimos palavras que valem por sua vez por sintagmas e por sua oposição". Para o autor, Saussure "viu que há assim dois eixos no modo de ver a língua, que ele denominou Sincrônico e Diacrônico [...] agenciamos palavras, todos os elementos destes agenciamentos representam cada um uma escolha entre várias possibilidades". Isso, na concepção de Benveniste, é a chave do que se chama estrutura; para atingi-la é necessário isolar os elementos distintivos de um conjunto finito e estabelecer a combinação de tais elementos.

Segundo Quadros e Karnopp (2004),

> [...] as línguas humanas têm uma gama de unidades ou fonemas que são semelhantes [...] cada fonema é normalmente sem significado isoladamente. Ele adquire significado apenas quando combinado com outros fonemas [...].
> Esta organização da língua em duas camadas [...] é conhecida como dualidade ou dupla articulação (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 27).

Essa organização também ocorre nas LSs. A linguista Ferreira (2010) corrobora que

> [...] as línguas orais, as línguas de sinais exibem a dupla articulação, isto é, unidades significativas ou morfemas, constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significado ou fonemas (Klima e Bellugi, 1979). Nas línguas orais, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir dos parâmetros visuais (FERREIRA, 2010, p. 35).

Nesse sentido, Greiner (2013) garante que para vários autores há um sistema de indexicalização das mãos, dos olhos e do modo de manipular objetos. Os parâmetros visuais permitem para as LSs inúmeras possibilidades de relações entre si que ocorrem simultaneamente. Dito de outro modo, os parâmetros visuais coexistem em uma estrutura indexada e inseparável; eles são constituídos pelos parâmetros primitivos, pelos secundários e, concomitantemente, pelas expressões faciais. Particularmente em relação à Libras, Ferreira (2010, p. 36) declara que "apesar das inúmeras possibilidades de traços e de combinações de traços dos diferentes parâmetros, cada língua organiza-se a partir de um número limitado de Configurações, Pontos de Articulação e Movimentos possíveis". Para ele, os parâmetros visuais são constituídos da seguinte forma:

> Parâmetros Primários
> a) Configuração da(s) Mão(s): são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal [...];
> b) Ponto de Articulação: é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados [...];
> c) Movimento: é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal (Klima e Bellugi, 1979). [...] Em certos sinais, o movimento direcional é icônico [...].
> Parâmetros Secundários
> a) Disposição das Mãos: a articulação dos sinais pode ser feita apenas pela mão dominante ou pelas duas mãos [...];
> b) Orientação da(s) Mão(s): é a direção da palma da mão durante o sinal [...];
> c) Região de Contato: refere-se à parte da mão que entra em contato com o corpo. Esse contato pode-se dar de maneiras diferentes [...] (FERREIRA, 2010, p. 36- 41).

A linguista reitera que os componentes não manuais são traços fundamentais junto aos "parâmetros primários e secundários. Existe mesmo a possibilidade de que a expressão facial ou o movimento do corpo sejam juntos outros parâmetros, dada a sua importância para diferenciar significados" (FERREIRA, 2010, p. 41).

Os componentes não manuais são chamados por Quadros e Karnopp (2004, p. 60) de "Expressões não manuais (ENM)". Para elas, as "expressões não manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais". Explicitado de outro modo, as marcas não manuais "podem

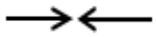
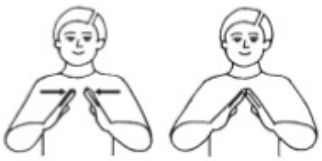
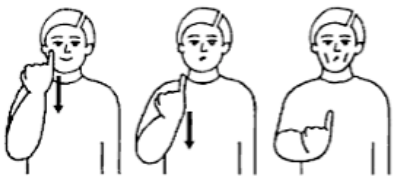
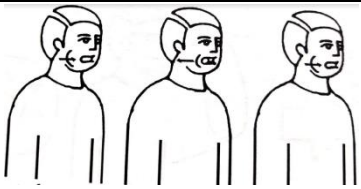
apresentar funções gramaticais tornando-se obrigatórias" (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 21).

Ferreira (2010, p. 41-42) assegura que "os mecanismos gramaticais das línguas de sinais, muitas vezes, são também baseados na simultaneidade. A modificação na duração e extensão do Movimento de alguns sinais pode acrescentar a ideia de grau [...]".

> Nas línguas de sinais, as expressões visuais gramático-discursivas são expressas através de MNMs que, realizadas concomitantemente com o sinal ou frase, integram-se ao plano fonológico, morfossintático e semântico-discursivo delas. Por isso, caso elas não sejam expressas, o sinal ou enunciado pode se tornar agramatical ou pode não ser decodificável, causando ambiguidade (FELIPE, 2013, p. 77).

Apresenta-se, a seguir, um quadro com exemplos de sinais que exprimem a combinação dos parâmetros Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento e/ou Expressão Não manual.

Quadro 8 - Combinação dos parâmetros primários/expressão não-manual

CM	**M**	**PA**	**ENM**	**Sinal/Palavra**
	Retilíneo Horizontal 	Espaço neutro	Isento	 CASA
	Retilíneo na Vertical	Espaço neutro	Facial	 MAGRO
Isenta	Retilíneo na horizontal (da direita para a esquerda)		Facial	 ROUBAR

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 371, 856, 1.154).

Para produzir o sinal/signo linguístico CASA, combinam-se os seguintes parâmetros: configuração de mãos com um ponto de articulação e um movimento. As mãos com a

Configuração de mãos (dedos unidos) são dispostas de lado como apresentado no quadro acima, em um espaço neutro à frente do corpo, mais precisamente em frente ao tórax. A orientação da palma da mão direita é voltada para a esquerda e vice-versa. O movimento de ambas as mãos é retilíneo →, articulados das laterais para o centro, de modo que elas se toquem pelas pontas dos dedos. A expressão facial é neutra.

Quanto ao sinal/signo linguístico MAGRO, além das combinações dos parâmetros primários, há também, simultaneamente, a expressão facial. A CM (dedo mínimo distendido, ou seja, configuração correspondente à letra "I") ocorre, também, em um espaço neutro à frente do corpo com o movimento retilíneo na vertical de cima para baixo. Concomitantemente, ocorre a ENM da face (bochechas sugadas) que marca intensificadamente a magreza de alguém, isto é, uma característica desse alguém. Nesse caso, a expressão facial é fundamental para a compreensão do significado do sinal.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 62), na comparação das LSs com as LOs há três aspectos fundamentais que se podem pesquisar: "os princípios e universais linguísticos compartilhados entre línguas de sinais e línguas orais; as especificidades de cada língua; e as restrições devidas à modalidade de percepção e produção".

Assim como no português existem regras para a formação de palavras, na Libras há regras para a criação de sinais, pois não se pode fazê-lo aleatoriamente. Os sinais são constituídos por combinações possíveis dos diferentes parâmetros; entretanto, há restrições para essas combinações. Consoante Ferreira (2010), tem um número limitado dos parâmetros, e mesmo os sinais

> [...] com interferência da língua oral, a serem incorporados à língua de sinais, obedecem às regras e restrições de sua estrutura. Por exemplo, VOVÔ pode ser soletrado através do alfabeto manual, mas, obedecendo ao ritmo e à economia temporal que se constituem em restrições desta língua de sinais, realiza-se rapidamente com a mão parcialmente fechada, palma para frente, levantando e abaixando os dedos indicador e médio, mas sem chegar a estendê-los (FERREIRA, 2010, p. 36).

As restrições na formação de um sinal são abordadas por Quadros e Karnopp (2004, p. 78) quando mencionam que tais restrições podem ser de ordem física ou linguística; elas detalham as possibilidades de combinações "entre as unidades mínimas (configurações de mão, movimento, locação e orientação de mão) na formação de sinais. Algumas dessas restrições são impostas pelo sistema perceptual (visual) e outras pelo sistema articulatório (fisiologia das mãos)".

Segundo as autoras, já no final da década de 70, Patrícia Siple mostrou a restrição na produção de sinais. Ela comenta, também, que a face é a região de maior percepção visual. Nesse sentido, as mínimas diferenças de CM, L ou M são detectadas com mais facilidade. Os sinais produzidos por ambas as mãos exemplificam essas restrições fonológicas de modo que sejam bem formados. Conforme Quadros e Karnopp (2004), a classificação quanto às restrições fonológicas podem ocorrer de modo geral da seguinte forma:

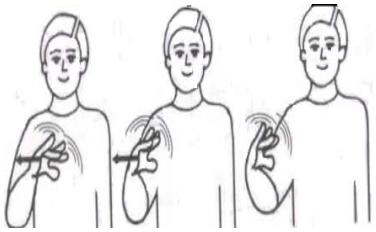
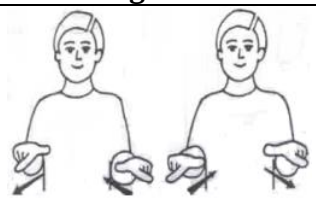
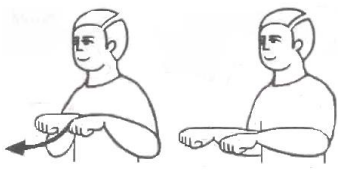
> [...] (a) sinais produzidos com uma mão; (b) sinais produzidos com as duas mãos em que ambas são ativas; e (c) sinais produzidos com as duas mãos em que a mão dominante é ativa e a mão não-dominante serve como locação [...]. As restrições na formação de sinais, derivadas do sistema de percepção visual e da capacidade de produção manual, restringe a complexidade dos sinais para que eles sejam mais facilmente produzidos e percebidos. O resultado disso é uma maior previsibilidade na formação de sinais e um sistema com complexidade controlada (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 78-79).

No entanto, as autoras abordam a proposta de classificação apresentada por Battison no final de 1970, na qual, "há duas restrições fonológicas na produção de diferentes tipos de sinais envolvendo as duas mãos: a condição de simetria e a condição de dominância".

Essas condições têm regras específicas para cada uma. No caso da condição de simetria, se ambas as mãos têm movimento, os parâmetros CM e L devem ser os mesmos, enquanto o parâmetro M pode ser alternado ou simultâneo. Na condição de dominância, se as mãos têm CMs distintas é a mão ativa que produzirá o movimento, e a mão passiva servirá de apoio.

O quadro abaixo apresenta exemplos de sinais articulados com apenas uma das mãos e sinais articulados com as duas mãos; estes com movimentos alternados e simultâneos.

Quadro 9 - Sinais articulados com uma e duas mãos

Sinal com uma mão	**Sinal com duas mãos: CMs iguais**	**Sinal com duas mãos: CMs diferentes**
 SOLETRAR	 TRABALHAR  SUPERMERCADO	GASOLINA

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 703, 1.206, 1.220, 1.263).

A seguir, detalham-se os sinais apresentados no quadro acima: assim como o sinal SOLETRAR, os demais sinais produzidos com apenas uma das mãos podem ser articulados tanto com a mão esquerda quanto com a mão direita, variando se o sinalizante/enunciador é canhoto ou destro, ou seja, depende de sua mão dominante; isso não interfere no significado do sinal. Nesse exemplo, o sinal possui movimento, no entanto, existem sinais produzidos/articulados com uma mão que não tem o referido parâmetro.

Os sinais produzidos com ambas as mãos, fazem parte de dois grupos de restrições fonológicas apresentados anteriormente. Quadros e Karnopp (2004, p. 78) abordam a proposta de Battison, o qual afirma haver "a condição de simetria e a condição de dominância". Segundo Ferreira (2010, p. 41), "as duas mãos podem se movimentar para formar o sinal, ou então, apenas a mão dominante se movimenta e a outra funciona como um Ponto de Articulação", como já mencionado.

Na condição de simetria, têm-se restrições relacionadas aos parâmetros básicos; ambas as mãos devem apresentar a mesma CM, o mesmo PA e o M pode ser alternado ou simultâneo. No quadro 9 são utilizados como exemplo, respectivamente, os sinais TRABALHAR e SUPERMERCADO. Nesse contexto, ambas as mãos são ativas, isto é, movimentam-se.

O sinal de GASOLINA exemplifica a condição de dominância. Constituido por CMs diferentes, o referido sinal tem a mão ativa que se movimenta e a mão passiva servindo de apoio, ou seja, como ponto de articulação.

Com relação à condição de dominância, Quadros e Karnopp (2004) relembram que Hulst, em meados da década de 90, procurou interpretá-la em conformidade com os princípios da "Fonologia da Dependência".

> A ideia central é que a mão não-dominante é representada como dependente da mão dominante. Dessa forma, a proposta é que, em sinais de duas mãos, a mão não-dominante possui um dos seguintes papéis: a) ou é uma cópia da mão dominante; b) ou funciona como ponto de articulação (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 80).

Isso remete a Beividas (2015, p. 2), quando menciona o legado deixado por Hjelmslev a respeito do pensamento saussureano. Esse legado está vinculado aos "elementos sólidos para estabelecer uma teoria com metodologia descritiva da língua natural, de cunho [...] imanente, teoria e metodologia aprumadas para serem constantemente produzidas e conduzidas a partir do interior da própria língua [...]". Quadros e Karnopp (2004, p. 48) enunciam que as LSs apresentam os mesmos princípios lexicais e gramaticais que as LOs; declaram, também, que

para Stokoe a diferença entre ambas as modalidades de línguas fundamenta-se na simultaneidade em que os elementos das LSs são organizados.

Stokoe, no intuito de analisar a formação dos sinais na ASL, propôs decompô-los isolando os três parâmetros básicos ou principais, os quais não possuem significados separadamente. Estes "são as unidades mínimas (fonemas) que constituem em morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais, [...]" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48-49).

Elucida-se, a seguir, a imagem com os respectivos parâmetros:

Figura 3 - Parâmetros

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 51).

As autoras asseguram que entre as línguas de ambas as modalidades há uma diferença fundamental: "a presença de ordem linear [...] entre os fonemas das línguas orais e sua ausência nas línguas de sinais, cujos fonemas são articulados simultaneamente" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 49). Ferreira (2010, p. 36) sustenta que, na concepção de Klima e Bellugi, a característica da linearidade é mais explorada nas LOs, enquanto a simultaneidade é explorada nas LSs.

Ferreira (*Idem*, p. 35) concebe que "nas línguas orais, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir de parâmetros visuais", que são aqueles propostos e estudados inicialmente por Stokoe. É considerável ressaltar a importância da visualidade das LSs, haja vista que toda enunciação, toda articulação dos sinais permeia o campo visual-espacial.

Quadros e Karnopp (2004, p. 49) destacam que os parâmetros CMs, L e M "são unidades mínimas (fonemas) que constituem em morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais, começou a prevalecer". Segundo as autoras, para demonstrar a sequencialidade/linearidade e a simultaneidade, respectivamente, das LOs e das LSs, Hulst criou no início dos anos 90, um esquema em que a

linearidade horizontal é a sucessão temporal para as línguas orais e o alinhamento vertical é a simultaneidade temporal para as línguas de sinais.

Para ambas as línguas, o morfema é representado pelo símbolo/caractere **µ** e o fonema ou conjunto de especificações é representado pelo símbolo/caractere **[ ].** O quadro a seguir ilustra o referido esquema.

Quadro 10 - Esquema criado por Hulst

a)Língua Oral	**b) Língua de Sinais**	
[s] [o] [l] µ sol	µ [ ] (CM) [ ] (M) [ ] (L)	

Fonte: Adaptado de Karnopp (2008, p. 33); Capovilla e Raphael (2008, p. 1.206).

Esse esquema mostra o referente (palavra/sinal) sol articulado tanto na Língua Portuguesa quanto na Libras, em suas modalidades falada e sinalizada, respectivamente. As características fonológicas para a articulação do signo sol ocorrem distintamente; enquanto na Língua Portuguesa é articulado de forma linear o som de cada letra, na Libras é de forma simultânea.

Como se pode notar, o sinal SOL tem suas unidades mínimas articuladas simultaneamente. A CM inicial em “S” no espaço neutro (lateral acima da cabeça) se movimenta diagonalmente para baixo nesse mesmo espaço passando para a CM em “L”. Os três parâmetros (CM, L e M) são realizados ao mesmo tempo; diferente do que ocorre com a palavra sol na Língua Portuguesa, em que cada fonema é pronunciado separadamente e linearmente um após o outro.

No esquema criado por Hulst, cada uma dessas unidades mínimas do sistema fonológico está representada pelo símbolo/caractere **[ ];** na Língua Portuguesa cada letra corresponde a um desses símbolos/caracteres, já na Libras são os três parâmetros acima mencionados. A articulação de cada **[ ]** em ambas as línguas resulta no morfema, o qual está representado nesse esquema pelo símbolo/caractere **µ.**

A partir de Stokoe, outros pesquisadores como Battison (1974), Klima e Bellugi (1979) e Liddell e Johnson (1989) deram continuidade aos estudos linguísticos voltados às línguas de sinais. De acordo com Xavier e Barbosa (2014, p. 375), esses pesquisadores “[...] expandiram o inventário de unidades sublexicais das línguas de sinais, ou parâmetros, como muitos destes

passaram a chamá-las". É relevante destacar que nessas pesquisas outros parâmetros chamados de secundários foram acrescentados, como "a Região de Contato, a Orientação da(s) Mão(s) e a Disposição das Mãos" (FERREIRA, 2010, p. 36). No Brasil, esses estudos são consolidados pelos trabalhos de pesquisadores da Libras, e entre os mais relevantes estão os de Ferreira (2010) e Quadros e Karnopp (2004), os quais fundamentam esta pesquisa.

Segundo Xavier e Barbosa (2014), além da proposta inicial de decompor e avaliar os parâmetros da ASL, Stokoe também alicerçou seus estudos no

> [...] valor distintivo das especificações de cada um dos aspectos sublexicais dos sinais [...] demonstrou isso através de pares mínimos, ou seja, pares de sinais da ASL que se opõem lexicalmente com base em uma única diferença em suas formas. Precisamente, com base em diferentes especificações da configuração de mão, ou da localização, ou do movimento de cada sinal do par, tal como acontece com os pares de sinais da libras.
> Além disso, o autor atestou que, semelhantemente ao que acontece com os fonemas das línguas orais, as especificações de cada um dos aspectos que propôs podem se realizar concretamente de formas diferentes, sem que isso altere o significado do sinal. Com isso, Stokoe apontou mais uma característica da ASL que a assemelha às línguas orais: a ocorrência de alofonia (XAVIER; BARBOSA, 2014, p. 374- 375).

Ferreira (2010) declara que o "termo 'fonologia', pode parecer estranho quando usado para se referir a níveis linguísticos de uma língua que não faz uso do canal oral-auditivo para expressar-se". Ela ressalta que depois de tentativas para encontrar uma terminologia, concluiu que o mais adequado e prático "seria conservar os termos 'fonema', 'fonologia', e alofone', termos estes já estabelecidos e convencionalizados, em Linguística, para as línguas naturais" (FERREIRA, 2010, p. 28-29).

A Fonologia[14] das LSs, para Quadros e Karnopp (2004, p. 47-50), "é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios". Elas expressam que nas três últimas décadas "os fonologistas procuraram estabelecer as unidades formacionais dos sinais e o conjunto de traços distintivos de tais unidades, detalhando aspectos da representação fonológica e discutindo modelos teóricos propostos para línguas naturais". Desse modo, testou-se "um conjunto de construtos teóricos a fim de determinar a validade de modelos fonológicos contemporâneos e de seus princípios universais aplicáveis às línguas de sinais".

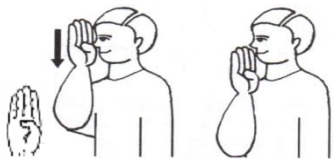
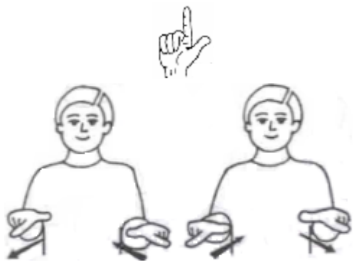
[14] As pesquisas acerca das línguas de sinais, entre elas a Libras, não se restringiram nem tampouco se restringem à fonologia e outros ramos da linguística, mas permearam e permeiam por outras esferas como a da cultura, da educação, da identidade surda etc.

Diante do exposto, faz-se necessário estudar toda uma língua para distinguir fonema de variante, pois é importante reconhecer os elementos constitutivos e a relação entre eles (BENVENISTE, 2006, p. 17). Quadros e Karnopp (2004) concebem fonemas como

> [...] segmentos usados para distinguir palavras quanto ao seu significado, através dos traços distintivos [...]. Consideraram-se por muito tempo, os fonemas como as unidades básicas da fonologia, no sentido de serem unidades mínimas e contrastivas que ocorrem numa língua. No entanto, estudos desenvolvidos por Chomsky & Halle (1968), trouxeram evidências de que o fonema seria constituído de um conjunto de propriedades que se realizam simultaneamente. Tais propriedades são denominadas de traços distintivos (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 18-19).

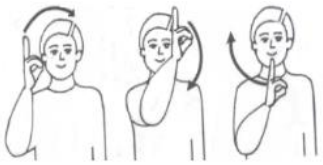
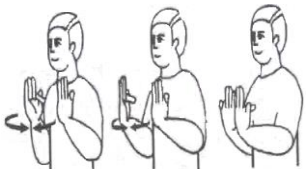
Os dois quadros a seguir exemplificam a concepção acima. O quadro 11 mostra exemplos de sinais com contraste em apenas um dos parâmetros, fazendo com que tenhamos sinais distintos, esses contrastes são chamados por Ferreira (2010, p. 26) de pares mínimos. O quadro 12 mostra exemplos de sinais com a mínima diferença, sem que esta implique na alteração do significado do sinal, ou seja, essas mínimas diferenças são os fonemas ou alofones.

Quadro 11 - Pares mínimos

CM distinta	**Local distinto**	**Movimento distinto**
 GRÁTIS AMARELO	APRENDER SÁBADO	 TRABALHAR VÍDEO CASSETE

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 185; 215; 718; 1157; 1263; 1316).

Quadro 12 - Fonemas/Alofones

 DOMINGO	 FAMÍLIA	VERMELHO

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 562; 647; 1312); Autora (2019).

O quadro 11 está organizado em três colunas com propósito de apresentar um dos parâmetros, seja ele a CM, o PA ou o M em oposição; na primeira coluna o par de sinais GRÁTIS e AMARELO se opõe apenas no parâmetro CMs, respectivamente, em "B" e em "D", mantendo o mesmo PA e M. Os sinais da segunda coluna, APRENDER e SÁBADO, têm o ponto de articulação distinto, respectivamente, o espaço à frente da testa e o espaço à frente da boca, mas apresentam a mesma CM , em "S", e M. TRABALHAR e VÍDEO CASSETE, pares de sinais localizados na terceira coluna, cotam com a mesma CM , em "L", e o mesmo PA. Entretanto se opõem quanto ao parâmetro M, o qual é reto e alternado na horizontal para TRABALHAR e semicircular para baixo e para frente para VÍDEO CASSETE. As mínimas oposições encontradas nos pares de sinais mencionados implicam na alteração do significado de cada sinal/item lexical.

Já o quadro 12 traz exemplos de sinais que podem ser realizados com uma pequena diferença nos parâmetros da CM ou da OM. Os sinais DOMINGO e FAMÍLIA apresentam uma pequena diferença na CM. Para o sinal DOMINGO temos a CM em "D" , punho aberto ou em "D", punho fechado . Para o sinal de FAMÍLIA temos a CMs em "F", ou . O sinal VERMELHO tem a CM em "D" , mas conta com uma pequena distinção na orientação da mão que pode ser com a palma da mão voltada para o sinalizador/enunciador com o indicador na vertical ou, também, com o indicador na horizontal. Porém, essas diferenças não alteram o significado, haja vista ser uma variante do sinal.

Karnopp (2008, p. 3-7) salienta que as "variedades linguísticas" são os modos diferentes de se fazer os sinais. Segundo ela, algumas diferenças estão relacionadas "à idade, escolaridade, maior ou menor contato com a comunidade surda, sexo, classe social, personalidade, estado emocional". A autora destaca que de acordo com "a linguística não há variantes melhores ou piores em uma língua".

Nessa perspectiva, não é correto afirmar que todos os brasileiros falam a língua portuguesa uniformemente, assim como, também, não é correto afirmar que a Libras é utilizada por todos os surdos no território nacional de modo uniforme. Para Gesser (2009, p. 39) dizer que a Libras se apresenta como uma língua uniforme significa negar a "variedade das línguas, quando de fato nenhuma língua é uniforme, homogênea". Confirmando a concepção de Karnopp acima apresentada, Gesser (2009) declara que a variação

> [...] pode ocorrer nos níveis fonológico (pronúncia), morfológico (palavras) e sintático (sentenças) e estão ligadas aos fatores sociais de idade, gênero, raça, educação e situação geográfica. Assim, os surdos adultos e adolescentes variam em seus sinais, da mesma forma que os surdos cearenses, paranaenses, cariocas [...]. A língua de sinais, ao passar, literalmente, "de mão em mão", adquire novos "sotaques", empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens. O fenômeno da variação e da diversidade está presente em todas as línguas vivas, em movimento. É justamente nas práticas sociais de uso da linguagem entre surdo/surdo e surdo/ouvinte que é possível enxergar o multilinguismo, as marcas da heterogeneidade [...], ou seja, as *várias línguas em LIBRAS* (*Idem*, 2009, p.39-40, grifos da autora).

No que diz respeito às organizações ou às combinações dos constituintes para formar as frases, ou seja, a sintaxe, Costa (2009, p. 123) destaca a afirmação de Bloomfield, que "pressupõe [...] que o processo de combinações de unidades para formar construções de nível superior [...] é guiado por leis próprias do sistema linguístico". Isso significa dizer que enquanto algumas construções são possíveis em determinada língua, outras simplesmente não são. Assim,

> as partes de uma língua não se organizam arbitrariamente, mas, ao contrário, apresentam-se em certas posições particulares relacionadas umas às outras. Trata-se de um método puramente descritivo e indutivo que corrobora o entendimento de que todas as frases de uma língua são formadas pela combinação de construções – os seus constituintes –, e não de uma simples sequência de elementos discretos. Esses constituintes, por sua vez, são formados por unidades de ordem inferior (COSTA, 2009, p. 123- 124).

A organização acima mencionada também sucede nas LSs. É praticamente uma formulação sintática universal ocorrendo também nas LOs como, por exemplo, na Língua Portuguesa. Ferreira (2010, p. 60) destaca que, de acordo com Fisher (1975), as frases na ASL apresentam a ordem básica Sujeito, Verbo e Objeto (SVO), mas que apesar de existir essa ordem básica, há três outras ordens permitidas nesta e nas demais LSs: "a) quando um dos elementos da frase fosse topicalizado; b) quando o sujeito e o objeto não fossem invertidos; c)

quando o locutor usasse o espaço para indicar mecanismos gramaticais". A seguir apresentamos alguns exemplos[15].

Exemplos a):

- Na Língua Portuguesa:

No centro, várias mulheres cruzam entre si.

- Na Libras:

< CENTRO>t MULHERES <CL(pessoas)-CRUZANDO-ENTRE-SI>cl.

Exemplos b):

- Na Língua Portuguesa:

João compra muitos livros.

*Muitos livros compra João.

- Na Libras:

JOÃO LIVRO <COMPRAR +> aspecto

*LIVRO <COMPRAR+> JOÃO

Exemplos c):

- Na Língua Portuguesa[16]:

- Na Libras:

a JOÃO <**a** DAR **b**>do LIVRO <MARIA **b**>do

O João deu o livro para Maria.

Comentando os exemplos citados em Libras. No exemplo (a), CENTRO é o elemento topicalizado, assim, logo após há o comentário. É uma construção do tipo tópico comentário. A topicalização se fundamenta em colocar no início da frase o tema que se dá ênfase, seguido pelo comentário do elemento. Ela pode ainda derivar a ordem Objeto – Sujeito – Verbo (OSV) da ordem básica SVO.

[15]As frases citadas nos exemplos dos grupos **a**, **b** e **c** foram retiradas de Quadros e Karnopp (2004, p. 174, 203 e 206).

[16] Como a Língua Portuguesa é de modalidade distinta da Libras, não foram encontrados exemplos em que o espaço é usado pelo locutor como mecanismo gramatical.

O exemplo (b) apresenta duas frases em Libras. No entanto, a que está precedida do asterisco é considerada agramatical, pois neste caso o objeto não pode ser deslocado para a posição do sujeito.

No exemplo (c), em Libras, sujeito e objeto são estabelecidos no espaço neutro, um à direita e o outro à esquerda do enunciador, que utiliza esses pontos durante do discurso de modo que não haja ambiguidade. A sinalização que o enunciador articula pode partir do ponto **a** para **b** (sujeito para objeto) ou de **b** para **a** (objeto para sujeito). As duas formas, portanto, são gramaticais na Libras. Caso não se estabeleça esses pontos no espaço, a sentença pode se tornar ambígua.

Quadros e Karnopp (2004) abordam sobre a ordem dos constituintes nas frases em Libras. Elas afirmam que:

> [...] há dois trabalhos que mencionam a flexibilidade da ordem das frases na língua de sinais brasileira: Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995). As autoras observaram que há "várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças, mas que, apesar dessa flexibilidade, parece haver uma ordenação mais básica que as demais, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 139).

Nesse sentido, todas "as frases com a ordem SVO são gramaticais" (*Idem*, 2004, p. 139). Mas, essa afirmação é relevante apenas para situar a relação da gramática entre as línguas orais e as línguas de sinais.

As outras ordenações permitidas na Libras são: Objeto-Sujeito-Verbo (OSV), Sujeito-Objeto-Verbo (SOV) e Verbo-Objeto-Sujeito (VOS), sendo originárias da ordem básica SVO. "As mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais" (*Ibid.*, 2004, p. 155). Apresentam-se, a seguir, mais exemplos dessas construções na Libras com suas respectivas traduções para a LP.

Quadro 13 - Possíveis construções na Libras

Sentenças/Frases	**Ordem dos Constituintes**
 IX GOSTA FUTEBOL El@[17] gosta futebol.	(SVO)

[17] Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural). Desse modo, ao representar nas frases estas marcas, as palavras da língua portuguesa adquirem o símbolo @ para reforçar a ideia

 <FUTEBOL> t <JOÃO GOSTAR> mc De futebol, João gosta.	(OSV)
 EU LIVRO <PERDER> mc Eu **perdi** o livro.	(SOV)

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 140- 147- 153).

A construção Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) da primeira frase é a mais básica na Libras, portanto gramatical. A construção Objeto-Sujeito-Verbo (OSV) apresentada na segunda frase é permitida devido à topicalização "**t**", correspondente à elevação das sobrancelhas. O terceiro exemplo tem a organização dos constituintes em Sujeito-Objeto-Verbo (SVO). Essa construção é permitida devido à interação de outros arranjos e disposições dos constituintes, isto é, as marcações não-manuais, no caso, o movimento afirmativo de cabeça "**mc**". Esse é um exemplo de frase com foco e inclui verbos que não têm concordância podendo gerar a estrutura Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 170), na Libras esse tipo de frase "envolve construções duplas em que o elemento duplicado ocupa a posição final".

2.2.1. Breve abordagem acerca da língua e do signo linguístico

No início do capítulo anterior foram apresentadas as concepções e as reflexões acerca da linguística. Nessa seção discute-se, brevemente, acerca da língua e do signo linguístico, ou seja, do significante (imagem/forma acústica) e do significado (conceito).

Saussure (1916, p. 131) metaforiza quando fala que a língua "é comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som". Essa afirmativa remete ao significante e ao significado.

---

de ausência das desinências e não haver confusão, conforme apresentado no Quadro 13, na sentença: El@ gosta futebol. (FELIPE; MONTEIRO, 2007).

> Saussure afirma que a língua é um sistema de signos. O signo é, portanto, a unidade constituinte do sistema linguístico. Ele é formado, por sua vez, de duas partes absolutamente inseparáveis, sendo impossível conceber uma sem a outra, como acontece com as duas faces de uma folha de papel: um significante e um significado (COSTA, 2009, p. 119).

Benveniste (2006, p. 21-52) aborda a polissemia e como o sentido se organiza, ou seja, que condições algo tem significante. Ele apresenta duas modalidades de sentido: o semiótico e o semântico. Em sua concepção, o signo saussuriano é a unidade semiótica dotada de sentido. Ao passo que a semântica "é o 'sentido' resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles". O autor declara que "o papel do signo é o de representar, o de tomar um lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto". Para ele, há algo em comum entre os sistemas de signos que é "sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou os SIGNOS".

Precursor de Benveniste e outros linguistas, Saussure (1971, p. 80-81, grifos do autor) afirmava que o signo é a junção ou associação de um conceito com uma imagem acústica; o termo signo designa o todo. Ele propôs "substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*". Esses termos são chamados por Hjelmslev de planos de conteúdo e de expressão. Segundo Saussure, a natureza do sigo linguístico "une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. [...] tal imagem é sensorial [...]". O linguista trata o signo linguístico como uma "entidade psíquica de duas faces".

Nessa perspectiva, Costa (2009) assegura que significante e significado são faces, ambas psíquicas, as quais

> [...] estão ligadas, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. Sendo assim, o significante, também chamado de *imagem acústica*, não pode ser confundido com o som material, algo puramente físico, mas deve ser identificado com a impressão psíquica desse som, a representação da palavra enquanto fato de língua virtual, estando a fala absolutamente excluída dessa realidade.
> A outra face do signo, o significado, também chamada de *conceito*, representa o sentido que é atribuído ao significante – o sentido, por exemplo, que atribuímos ao significante. [...] Daí o entendimento de que o signo, unidade constituinte do sistema linguístico, resulta da associação de um conceito com uma imagem acústica (COSTA, 2009, p. 119, grifos do autor).

Wilson e Martelotta (2009, p. 74) destacam que o significante "não é o som material, mas [...] uma estrutura sonora que reconhecemos a partir do conhecimento que temos de nossa língua, relacionando-a, então, a um determinado conceito". Com relação ao significado, os

autores declaram que essa face do signo linguístico "não é o objeto real a que a palavra faz referência, mas um conceito, ou seja, um elemento de natureza mental".

Essas duas faces do signo linguístico têm um elo desprovido de uma regra dependendo, apenas, da convencionalidade. Portanto, como afirma Saussure (1971), o signo linguístico é dotado de arbitrariedade. Segundo ele,

> [...] o laço que une significante e significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total do resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*.
> [...] A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...]; queremos dizer que o *significante* é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 1971, p. 81-83, grifos do autor).

Agustine e Leite (2012, p. 119) destacam a proposta saussuriana acerca da propriedade arbitrária do signo linguístico. Os autores apontam esta propriedade "como meio de barrar a ideia de que a língua possui e/ou encerra uma essência, ainda que se paute em um sistema de motivação, isto é, em um princípio de classificação". Para eles isso não foi ao acaso, pois Saussure "imprimiu certa radicalidade à questão de que a língua é um mecanismo complexo [...] que aponta, ao mesmo tempo, para algo contingencial e necessário"

Na concepção dos autores, a propriedade ou princípio da arbitrariedade, nos moldes do pensamento saussuriano "não pode denotar que o sistema estaria à mercê da livre escolha do falante. Ao contrário, a delimitação e estabilização de um signo linguístico sofre fortemente a pressão de uso por determinado grupo linguístico". Isso implica dizer que

> [...] por um lado, o princípio de ordenação do sistema seria imutável, implicando uma impossibilidade estrutural de se fazer qualquer operação com a língua. Por outro, no curso do tempo, os signos linguísticos podem sofrer alteração em termos da relação entre conceito e imagem acústica, sem necessariamente pôr em xeque o alcance e a eficácia do princípio de ordenação (AGUSTINE; LEITE, 2012, p. 118).

A noção de signo proposta por Saussure é criticada por Benveniste (2005). Sua crítica centra-se na relação da arbitrariedade entre significante e o significado – as duas faces do signo linguístico. Severo (2012, p. 242) afirma que na concepção de do linguista francês "a arbitrariedade do signo se restringe à relação entre signo e realidade e não se estende à relação entre significante e significado".

Agustine e Leite (2012, p. 119-120) declaram que Benveniste "recolocou em outros termos [...] a perspectiva de que o vínculo entre significante e significado seria arbitrário". Segundo os autores, ele problematizou essa perspectiva, porém não a abandona, haja vista "a natureza dos aspectos que ele contemplou em sua teoria: o uso da língua, a relação (inter)subjetiva da linguagem, o fato linguístico da significação, dentre outros aspectos". Para Agustine e Leite, isso fez com que o linguista levasse a sério "o valor social e convencional do signo linguístico em sua problematização. Valores esses que o signo somente adquire enquanto signo em emprego e ação".

A seguir, será abordada a iconicidade e a arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais. A princípio discute-se o fenômeno linguístico de forma geral; na sequência, reflete-se sobre o fenômeno na Libras e, finalizando, apresenta-se o objeto dessa pesquisa, destacando algumas reflexões quanto à arbitrariedade, ou seja, à imotivação na língua.

2.2. O fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais: concepções gerais

Esta seção trata do objeto da presente pesquisa, ou seja, os estudos relacionados à arbitrariedade na Libras; mais especificamente, discute-se acerca da existência ou não de laços imotivados que, mesmo remotamente, direcionam a uma característica de iconicidade nos arbitrários.

Para tanto, a princípio, é necessário refletir sobre a iconicidade e a arbitrariedade numa abordagem geral e, somente após a essa reflexão, será possível apresentar e discutir o objeto de pesquisa/estudo. No trânsito dessa reflexão, abre-se um parêntese para, também, transitar pelos CLs na Libras, pois de acordo com as pesquisas já existentes, a maioria dos CLs são carregados de iconicidade.

Iconicidade e arbitrariedade do signo linguístico são dicotomias que até hoje permeiam as discussões entre os linguistas das mais distintas correntes linguísticas; entre elas, o estruturalismo. Aborda-se a seguir algumas concepções acerca dessas dicotomias.

Segundo Frydrych (2012, p. 289), "por considerar explicitamente a influência de uma exterioridade no sistema da língua, [...] Taub afirma que uma definição de iconicidade precisa levar em conta as noções de cultura e conceitualização". Frydrych menciona, também, que para Taub "a iconicidade não é um relacionamento objetivo entre a imagem e o referente, mas é um relacionamento entre os modelos mentais que se tem dessa imagem e o referente".

Na concepção de Prado, Barbosa e Lima (2011, p. 123), "o ícone tem uma relação de semelhança com a realidade do mundo exterior. [...] a iconicidade é, então, o elemento essencial para a construção de mensagem visual". Nesse sentido, faz-se necessário estabelecer um diálogo com os estudos de Wilcox e Wilcox (2005). Os autores relatam que a ASL "[...] parece exibir um alto grau de iconicidade – as palavras em ASL parecem remeter às características dos seus referentes. Um exemplo comum é a palavra ÁRVORE da ASL que de fato lembra uma árvore" (WILCOX; WILCOX, 2005, p. 26).

Cuxac e Sallandre (2007, p. 15) relatam que na Língua de Sinais Francesa (LSF), pode haver distintas categorias de iconicidade em um signo. O que Cuxac (2000) denominou *estruturas altamente icônicas*, os autores denominam *iconicidade imagética*[18] (CUXAC; SALLANDRE, 2007, p. 15, tradução nossa). Conforme esses linguistas, tais estruturas surgem da intenção proposital de mostrar, ilustrar e demonstrar ao dizer.

Do mesmo modo que na ASL há o alto grau de iconicidade, na LSF há as estruturas altamente icônicas, também a iconicidade na Libras é identificada com diferentes graus ou níveis. Dito de outro modo, esse fenômeno ocorre com maior ou menor características de iconicidade.

O fenômeno da iconicidade, segundo Jeremias (2018, p. 39) tem sido tradicionalmente apresentado como "um tipo de convencionalização entre os sinais e os significados que eles representam". Essa afirmativa do tradicionalmente remete à arbitrariedade do signo linguístico na perspectiva do pensamento saussuriano. Entretanto, de acordo com a autora é "natural encontrar o termo correlacionado com os sinais da libras, apontando a transparência entre o sinal e seu significado".

A iconicidade e a motivação são abordadas por Junior e Ferraz (2009), na perspectiva da linguística funcionalista. Os pesquisadores falam que no Brasil, a partir da década de 90, a noção de iconicidade é frequentemente evocada por vários autores "para designar processos os mais variados do fenômeno da motivação linguística". De tal modo que,

> em algumas ocorrências, o conceito de iconicidade parece abranger o de motivação [...] se referem às "tendências que se manifestam paralelamente à arbitrariedade, refletindo algum tipo de motivação", a que "os funcionalistas chamam iconicidade". [...] Em outros contextos, o termo motivação recebe o

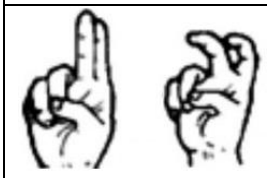
[18] A distinction can be made between various categories of iconicity in a sign language such as LSF. The first is one we have termed "highly iconic structures" (CUXAC, 2000). This is imagic iconicity, according to the assumption that these structures originate in the mental universe of imagery. We emphasize that these highly iconic structures arise from the deliberate intent to show, illustrate and demonstrate while telling (CUXAC; SALLANDRE, 2007, p. 15).

> adjetivo icônica, o que pressupõe a existência de outros tipos de motivação que não implicariam iconicidade (JUNIOR; FERRAZ, 2009, p. 1.402).

É importante dizer que o conceito de iconicidade nesse trabalho se encontra na perspectiva da Semiótica greimasiana, como já informado na introdução. No entanto, algumas concepções são fundamentais, independentemente das mesmas estarem vinculadas à Semiótica peirciana ou greimasiana. Nesse sentido, vale salientar que a iconicidade é um fenômeno estritamente ligado/relacionado à motivação, seja esta com maior ou menor evidência de traços icônicos. Na concepção de Lótman (1978, p. 56) os signos icônicos são construídos a partir princípio de dependência inerente entre a expressão e o conteúdo.

Partindo desse pressuposto e das concepções apresentadas até o momento, faz-se uma alusão às ponderações de Junior e Ferraz (2009), quando afirmam que "os exemplos de motivação [...] manifestam-se nos níveis fonético, morfológico, semântico e sintático das construções linguísticas" (JUNIOR; FERRAZ, 2009, p. 1.402). Os autores estão se referindo às LOs, porém esta mesma reflexão é pertinente às LSs. A seguir, alguns exemplos, em Libras, que correspondam a essas manifestações.

Quadro 14 - Sinais com motivações nos níveis: fonético, morfológico, semântico e sintático

CM	**Sinal**	**Nível**
		Fonológico
	SENTAR CADEIRA	Morfológico
	POSTE/UMA-PESSOA-PASSAR	Semântico

	 CAIR-ÁRVORE	Sintático

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97); Veloso (2008, p. 102).

A nível fonológico, as CMs e (“U” e “5”) isoladamente não têm significado. Elas passam a significar quando são articuladas, juntamente com um tipo de movimento e em um determinado local. No quadro 14, o enunciador realiza um movimento com as CMs e , no espaço em frente ao seu corpo. Este é retilíneo, na vertical, de cima para baixo, em que a mão ativa toca e paira sobre a mão passiva, também denominada como mão de apoio. Forma-se, assim, o sinal/signo linguístico SENTAR.

Os sinais SENTAR e/ou CADEIRA citados como exemplo, a nível morfológico, dentro das regras gramaticais da Libras, são constituídos por ambas as mãos. A mão passiva apresenta a CM (em “U”, com a palma da mão para baixo) e a mão ativa apresenta a CM (em “5”, com os dedos indicador e médio flexionados e com a palma da mão para baixo). Ao enunciar/sinalizar o sinal SENTAR e/ou CADEIRA, o enunciador demonstra a ação de sentar ou o próprio objeto/referente cadeira. Desse modo, está se evidenciando as estruturas das quais falam Cuxac e Sallandre. Para as autoras “nós enfatizamos que estas estruturas altamente icônicas surgem da intenção deliberada de mostrar, ilustrar e demonstrar ao dizer” (CUXAC; SALLANDRE, 2007, p. 15).

Como se pode observar o sinal SENTAR apresenta um único movimento alongado. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 97), um único e alongado movimento pertence à categoria verbo. O sinal CADEIRA tem as mesmas CMs que o verbo SENTAR, portanto, segue a mesma regra para sua formação. A diferença entre os sinais SENTAR e CADEIRA está no parâmetro movimento (essa regra diz respeito aos pares mínimos, assunto abordado na primeira sessão desse capítulo). Enquanto para o sinal SENTAR o movimento é mais alongado , para o sinal CADEIRA ele é repetido e mais curto , sendo os dois realizados verticalmente, também, de cima para baixo. “A língua de sinais brasileira pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento. O movimento de nomes repete e encurta o movimento dos verbos [...]”

(*Idem*, 2004, p. 97). A CM em "U" da mão passiva representa o assento do sinal/signo CADEIRA, já a CM em "5" da mão ativa, cada dedo flexionado representa uma das pernas de uma pessoa sentada.

Quanto ao nível semântico, exemplifica-se a CM em "G"; fora de um contexto discursivo a CM não aponta a "transparência entre o sinal e seu significado", conforme Jeremias (2018, p. 39). A referida configuração, nos exemplos em questão, funciona como um CL. Segundo Ferreira (2010, p. 110) "o indicador representa objetos longos e finos (pessoa, poste, espeto, prego, rabo de animais)". Nesses casos como não há transparência entre o sinal e o seu significado, este dependerá da enunciação em determinado contexto. Pode ter o sentido de uma pessoa passando ou mesmo um poste como nos explica Ferreira. Nas narrativas em Libras é muito comum a utilização dos CLs; mais adiante aborda-se acerca dos CLs na Libras e sua relação com a iconicidade.

A nível sintático se exemplifica com a sentença CAIR-ÁRVORE (A árvore caiu). Esse sinal/signo linguístico é formado pela CM , em "5 mão-aberta" de ambas as mãos; vale destacar que os antebraços também fazem parte do sinal. Um dos antebraços do enunciador servirá de apoio para o outro. Ao produzir essa sentença na Libras, o enunciador demonstra com seu antebraço (que representa o caule) o evento da queda da árvore, movimentando-o por duas vezes.

Ferreira (2010, p. 52) corrobora que a "incorporação de informação morfossintática se dá pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo e sujeito)". Carneiro (2016, p. 120) declara que é possível que o corpo do sinalizante participe da "construção de estruturas icônicas". Na sentença CAIR-ÁRVORE (A árvore caiu), um único sinal corresponde à sentença toda, o verbo CAIR está incorporado ao sinal ÁRVORE.

Portanto, "a iconicidade altamente frequente em línguas de sinais, é explorada para a obtenção de efeitos gramaticais e semânticos" (FERREIRA, 2010, p. 108). Isso implica dizer que na Libras, para que o sinal CAIR tenha o significado exato do verbo (da ação de algo/alguém caindo), este dependerá do contexto, ou seja, da representação visual daquilo que cai e de como ocorre essa ação ou evento. Apesar da autora declarar que a iconicidade é muito explorada com funções gramaticais e semânticas, ela considera que "muitos sinais são arbitrários e que possivelmente nunca tenham sido transparentes [...]".

Prado, Barbosa e Lima (2011, p. 125) alegam que o "signo icônico trabalha com a verossimilhança". Para elas, o enunciador e o enunciatário precisam "dominar as estratégias linguísticas que lhes permitam enfrentar o enunciado, seja ele verbal ou não". Nesse sentido,

Silva (2011, p. 23-24) diz que a "entonação e os acentos" na modalidade oral da LP "produzem iconicidade diagramática e conduzem o leitor a produção de semiose do significado ativados pelo enunciador, da qual nasce o sentido do texto [...]". Segundo o autor, na sinalização da Libras "[...] essa iconicidade é produzida pelas expressões faciais do sinalizador (em alguns casos correspondem à entonação de voz no português) e os diversos usos do espaço de enunciação [...]".

Saussure (1971, p. 81-83, grifos do autor) explica que "*o signo linguístico é arbitrário",* ou seja, a junção do significante e do significado é arbitrária. Para ele, o termo arbitrário não quer dizer que o significado está vinculado ao acaso da escolha; mas que "o *significante* é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade", ou seja:

> [...] tudo que se refira à língua enquanto sistema exige, a nosso ver, que a abordemos desse ponto de vista, de que pouco cuidam os linguistas: a limitação do arbitrário. [...] Com efeito, todo o sistema da língua repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo que, aplicado sem restrições, conduziria à complicação suprema; o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado. Se o mecanismo da língua fosse inteiramente racional, poderíamos estudá-lo em si mesmo; mas como não passa de uma correção parcial de um sistema naturalmente caótico, adota-se o ponto de vista imposto pela natureza mesma da língua, estudando esse mecanismo como uma limitação do arbitrário (SAUSSURE, 1971, p. 154).

Destarte, discorre-se mais adiante acerca dessa limitação do arbitrário na Libras, haja vista o número reduzido de estudos relacionados a esse aspecto/fenômeno linguístico. Wilson e Martelotta (2009, p. 74) falam da importância de uma arbitrariedade relativa, reconhecida por Saussure, desde que se possa "recuperar um conceito e uma forma a partir do signo linguístico". Mais adiante aborda-se, também, o fenômeno da arbitrariedade com mais afinco refletindo sobre o que o linguista suíço trata de arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa.

Os autores apresentam as concepções de Crátilo, Hermógenes e Sócrates sobre língua com ou sem motivação, nas quais o primeiro salienta que na língua existe uma relação icônica entre seus elementos, o segundo fala que a língua é isenta de relação motivada, enquanto o outro procura um ponto de intersecção entre as duas primeiras concepções.

> Para Crátilo, a língua é o espelho do mundo, o que significa que existe uma relação natural e, portanto, similar ou icônica entre os elementos da língua e os seres por eles representados. Para Hermógenes, a língua é arbitrária, isto é, convencional, pois entre o nome e as ideias ou as coisas designadas não há transparência ou similaridade. Sócrates, por sua vez, tem o papel de fazer a

> integração entre os dois pontos de vista (WILSON; MARTELOTTA, 2009, p. 71).

Na concepção dos pesquisadores, a arbitrariedade e a iconicidade do signo linguístico estão baseadas, respectivamente, nos princípios da convenção e da motivação. Para Saussure (1971, p.154), seria impossível definir uma língua que fosse completamente motivada, pois, segundo ele, nada em uma língua é motivado. Isso caracteriza um ponto de intersecção entre a iconicidade e a arbitrariedade na Libras.

Quadros e Karnopp (2004, p. 30) destacam que as LSs, como línguas naturais, "compartilham de uma série de características que lhes atribui o caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação [...]". Para as autoras, a iconicidade

> [...] reproduz a forma, o movimento e/ou a relação espacial do referente, tornando o sinal transparente e permitindo que a compreensão do significado seja mais facilmente apreendida. Assim, mesmo não se conhecendo bem uma língua, há uma motivação do signo com relação ao referente. Entretanto, cabe salientar que apenas uma parte do léxico possui esta característica Ao lado desta iconicidade, há também a arbitrariedade, já que alguns sinais não representam associações ou semelhanças visuais com o referente (*Idem*, 2004, p. 32- 33).

As LSs eram e ainda são concebidas por muitas pessoas como línguas completamente icônicas, ou seja, motivadas. Vale frisar que tal concepção é errônea, pois pesquisas mostram que essas línguas têm *status* linguístico e, como tal, são dotadas dos mesmos princípios linguísticos que as línguas orais. No tocante à iconicidade e à arbitrariedade, as línguas de modalidade visual – espacial podem apresentar, assim como as línguas de modalidade oral – auditiva, uma intersecção entre sinais motivados e sinais imotivados.

Isso faz uma alusão a Saussure (1971, p.154) quando afirma que entre "os dois limites extremos – mínimo de organização e mínimo de arbitrariedade – encontram-se todas as variedades possíveis. Os idiomas encerram sempre elementos das duas ordens – radicalmente arbitrários e relativamente motivados [...]". O autor declara:

> [...] num certo sentido – que cumpre não extremar, mas que torna palpável uma das formas dessa oposição -, poder-se-ia dizer que as línguas em que a imotivação atinge o máximo são mais *lexicológicas*, e aquelas em que se reduz ao mínimo, mais *gramaticais.* Não que "léxico" e "arbitrário", de um lado, "gramática" e "motivação relativa", do outro, sejam sempre sinónimos; mas existe algo de comum no princípio. São como dois pólos entre os quais se move todo o sistema, duas correntes que se repartem o movimento da língua: a tendência a empregar o instrumento lexicológico, o signo imotivado, e a preferência concedida ao instrumento gramatical, isto é, à regra de construção [...].

> No interior de uma língua, todo movimento da evolução pode ser assinalado por uma passagem contínua do motivado ao arbitrário e do arbitrário ao motivado; esse vaivém tem amiúde como resultado alterar sensivelmente as proporções dessas duas categorias de signos (*Idem*, 1971, p. 154-155).

Trazendo essa concepção para a Libras entende-se haver um ponto de intersecção entre esses dois extremos do arbitrário de um sinal. Ao se analisar determinado sinal, transita-se por um percurso no modelo do quadrado semiótico, buscando algo em comum entre os polos do radicalmente arbitrário e, relativamente, motivado; nesse trânsito passa-se, obrigatoriamente, pelos parâmetros visuais (CM, PA, M, ENM), pois esses constituem determinado sinal.

Para Wilson e Martelotta (2009, p. 75, grifo dos autores), a arbitrariedade relativa das palavras é caracterizada, tradicionalmente, como "casos de *motivação*". Eles definem motivação como "relação de necessidade estabelecida entre uma palavra e seu sentido ou, aproveitando a própria estrutura do termo, como um fenômeno característico de determinadas palavras que refletem um *motivo* para assumirem uma forma em vez de outra". Nessa perspectiva, a arbitrariedade relativa na Libras aproveita a estrutura, ou seja, os parâmetros acima citados, como aspectos ou características que remetem ao sinal/signo linguístico.

De acordo com os pesquisadores, a motivação pode ter influência sonora, morfológica ou semântica. Tanto que "as noções de arbitrariedade e de motivação [...] não são exclusivas, ou seja, não constituem antônimos, mas antes visões diferentes de um mesmo fenômeno [...]" (*Idem*, 2009, p. 75-77). É notório que as discussões acerca da iconicidade e da arbitrariedade "ganham novos contornos"; a língua deixa de ser analisada enquanto estrutura, passando a ser analisada em situações reais de uso, isto é, em momentos de comunicação/enunciação. Isso devido, principalmente, ao "advento da linguística funcional e dos princípios teóricos que caracterizam a linguística cognitiva [...]".

> A visão saussuriana, que foca apenas a relação entre um som e um sentido já prontos no sistema sincrônico da língua estático por natureza, dá lugar a uma concepção mais dinâmica, segundo a qual a linguagem funciona como um elemento criador de significação nos diferentes contextos de uso. Assim, passa-se a observar não apenas a palavra ou a frase, mas o texto, o qual reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas. Nessa nova perspectiva, a linguagem longe de ser um conhecimento fechado, como propõe a visão saussuriana, constitui o reflexo de processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos (*Ibid.*, 2009, p. 77).

Essa dinâmica é evidente e natural nas LSs, pois as sentenças articuladas/produzidas nessas línguas têm os aspectos visuais-espaciais como elementos que proporcionam a significação nos contextos discursivos ou de interação. Tal concepção se reporta à linguística

cognitiva, a abordagem da linguagem que conecta o conhecimento com a experiência que temos do mundo. “As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas [...] como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (SILVA, 2018, p. 1). Segundo o autor a linguística cognitiva se interessa, de modo especial, por temas como:

> [...] as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática e ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento [...] (SILVA, 2018, p.1).

Dessa maneira, a linguística cognitiva a partir de uma concepção mais dinâmica é contrária aos paradigmas linguísticos do estruturalismo e do gerativismo. Conforme salienta Silva (2018, p. 2-3), ela “rejeita os postulados da linguística moderna decorrentes do princípio de autonomia da linguagem”. Entre outros princípios rejeitados pela linguística cognitiva estão “[...] o postulado saussureano da arbitrariedade do signo linguístico; a afirmação da discrição e homogeneidade das categorias linguísticas [...] a tese chomskyana da autonomia e da não-motivação semântica e conceptual da sintaxe”.

Há uma diferença fundamental entre as teorias da semântica tradicional e a linguística cognitiva. Essa, segundo Krebs e Laipelt (2018, p. 82) se referem à função da “representação que se faz de mundo”, enquanto aquela diz respeito à “sintaxe, semântica e pragmática”. Assim, de acordo com as autoras, “muda a perspectiva de equivalência entre signo e referente no mundo, como propõe a visão tradicional, para uma abordagem de interpretações que as pessoas fazem das coisas e dos conceitos que constroem a partir disso”.

A linguística cognitiva, em sua ampla abrangência, na opinião de Santos (2017, p. 420), “proporcionou um arcabouço teórico muito extenso, onde os estudos em línguas de sinais também encontram condições especialmente favoráveis para reflexões de fenômenos antes [...] vagos, ininteligíveis ou mesmo inexplorados pelas pesquisas”. O autor aborda o fenômeno da iconicidade na Libras, mais precisamente sobre o que denomina de “sinais icônicos metaforizados”. Para ele, o simples “piscar de olho ou um olhar contumaz para alguém, uma pintura, um desenho, um sinal, uma mímica, uma palavra [...] enfim, tudo o que comunica possui forma e significado”.

Isso demonstra como dito anteriormente, a importância das ENM (um dos parâmetros visuais da Libras), pois para uma língua visual-gestual um simples piscar de olho tem uma

carga semântica/significativa muito grande. Nessa perspectiva, o significado não é algo engessado, pois há entre os interlocutores (enunciador e enunciatário) uma negociação de sentidos no momento da enunciação. Conforme Santos (2017, p. 420), para a "Semântica Cognitiva, o significado está vinculado à representação mental e é o resultado de nossas conceitualizações, construídas a partir de nossa exposição ao mundo e de nossas interações com ele". Isso implica em dizer que uma palavra ou um sinal pode ter sentidos distintos, isso vai depender do contexto discursivo.

Na Libras, como em outras LSs, vários sinais são articulados/produzidos por um classificador. Este aspecto linguístico é o tema abordado na próxima subseção.

2.2.1. Os classificadores na Língua Brasileira de Sinais e sua relação com a iconicidade

Essa subseção trata da iconicidade e dos classificadores das línguas de sinais (LSs). Estes são aspectos linguísticos com poucas pesquisas. Isso se deve ao fato de que essas línguas foram reconhecidas e conquistaram o *status* linguístico a partir da década de 60, mais precisamente, com os estudos do linguista William Stokoe.

Desde então, diversos pesquisadores das LSs têm se dedicado aos estudos dos classificadores (CLs). Pesquisas da área mostram que o fenômeno da iconicidade na Libras apresentam certa relação com os CLs, pois contam com propriedades e funções específicas.

> Os CLs são morfemas que existem em línguas orais e línguas de sinais. Entre as primeiras, as línguas orientais são as que mais apresentam CLs. As línguas de sinais, talvez por serem línguas espaço-visuais, fazem uso frequente de vários tipos de CLs, explorando também morfologicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais.
> Segundo Allan (1977:288) "um classificador é concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica". Para ele, o CL tem significado, posto que denota características percebidas ou imputadas da entidade à qual o nome associado se refere. O CL é, pois, um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe (FERREIRA, 2010, p. 102).

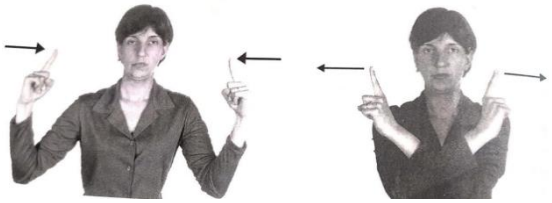
Na concepção de Quadros e Karnopp (2004, p. 93), os CLs das LSs são tidos como um sistema "separado de construções [...] que participam densamente na formação de novas palavras". Para elas, embora

> [...] o termo classificador seja usado, estas construções diferem das línguas orais, e aspectos de sua construção são extremamente influenciados pela modalidade visual-espacial. Entretanto, quando um classificador entra no

> léxico nuclear, ele segue padrões de lexalização encontrados nas línguas naturais, independentemente da natureza específica da modalidade. Nas línguas orais, quando palavras (ou frases) complexas diacronicamente tornam-se monomorfêmicas (ou palavras simples), há uma mudança no significado, uma perda da composicionalidade morfológica, e uma conformidade às restrições formacionais rítmicas em palavras simples. Por exemplo, no português a palavra 'planalto' é originalmente uma composição de 'plano' e 'alto', mas ela não é mais pronunciada como duas palavras, mas como uma só (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Essas mudanças morfológicas e semânticas, segundo as autoras, também ocorrem de forma semelhante na Libras. O quadro a seguir exemplifica essa afirmativa.

Quadro 15 - Mudanças morfológicas e semânticas na Libras

CM/CL →		
SINAL →	 PASSAR-UM-PELO-OUTRO	TRÂNSITO

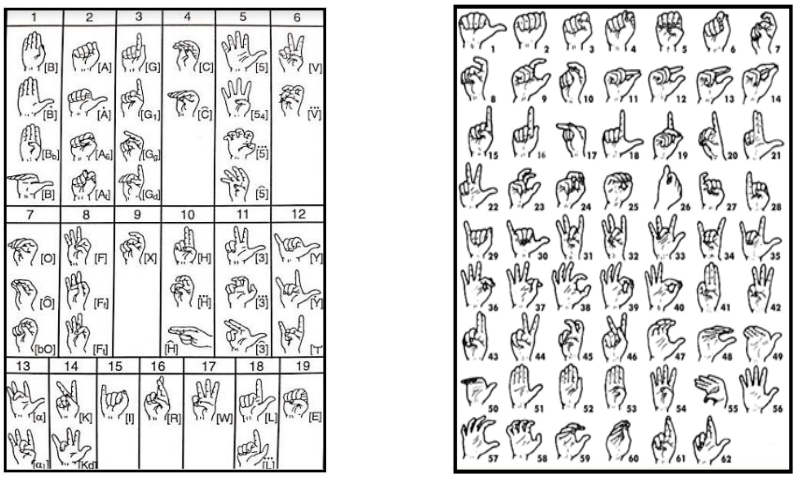
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 93, 94).

Os CLs nas LSs são recursos constituídos por distintas CMs. O quantitativo de CMs apresenta variações, pois está relacionado às pesquisas linguísticas das LSs. Quadros e Karnopp (2004) nos apresentam as CMs pesquisadas e elaboradas por Ferreira-Brito em 1995. As autoras dizem que é

> [...] um sistema bastante similar àquele da ASL, embora nem todas as línguas de sinais partilhem o mesmo inventário de CMs. Para a autora, as CMs da língua de sinais brasileira foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53).

Para elas, o agrupamento de CMs proposto por Ferreira-Brito, "refere-se apenas às manifestações de superfície, isto é, de nível fonético, encontradas na língua de sinais brasileira" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53). Existem várias tabelas de CMs. Apresenta-se, a seguir, duas delas (Quadro 16).

Quadro 16 - Exemplos de tabelas de configurações de mãos na Libras



Fonte: Ferreira (2010, p. 220); Site Passei Direto, s/d.

Os CLs são recursos linguísticos que auxiliam as construções sintáticas. Ferreira (2010, p. 102-103) afirma que esses recursos das línguas de sinais "podem funcionar como nome, como adjetivo, como advérbio de modo ou como locativo. Entretanto, é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam, sendo, pois CLs que se apresentam no sintagma verbal ou predicado". A autora fala que tanto na Libras quanto na língua de sinais americana (ASL), eles atuam "como partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização".

Os Classificadores das LSs apresentam diferentes propriedades morfológicas. Quadros e Karnopp destacam que "são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente". Em geral os CLs são usados para "especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

Isso implica dizer que certas CMs, de acordo com Ferreira (2010, p. 112) são os "principais componentes dos CLs". A autora salienta ainda que as

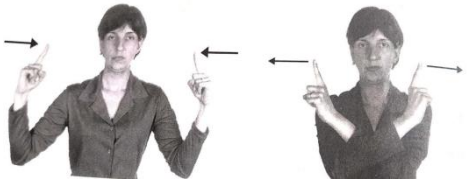
> [...] expressões faciais acompanham frequentemente os CLs: bochechas estufadas e olhos bem abertos para seres grandes ou espessos; olhos semifechados com o franzir da testa e inclinação da cabeça para o lado para seres estreitos ou finos; expressão facial normal para os tamanhos médios. Também a orientação pode ser um componente dos CLs [...] (FERREIRA, 2010, p. 112).

Carneiro (2016) menciona que os CLs são também constituídos por outros morfemas, que

> [...] são sinais polimorfêmicos, estruturas icônicas em que cada aspecto formacional é um morfema classificador, dentre eles: a configuração de mão, o movimento realizado pela mão, característica do movimento, ponto inicial e final do movimento, orientação da palma, disposição do corpo do sinalizante e a disposição de parte do corpo do sinalizante. Cada parâmetro, dispondo de traços, caracterizaria um grupo de referentes (CARNEIRO, 2016, p. 122).

As CMs usadas para classificadores, segundo de Felipe e Monteiro (2007, p. 397) são marcas "de gênero (animado: pessoa e animais/inanimado: coisas e veículos). Essa marca prende-se ao verbo [...]". De acordo com Ferreira (2010, p. 108, 111), os CLs da Libras mais produtivos são categorizados como "*X-tipo de objeto* e *Segurar X-tipo de objeto"*. A seguir são apresentados alguns exemplos das respectivas CMs e a categoria.

Quadro 17 - Alguns classificadores e suas categorias segundo Ferreira (2010)

Exemplos	CMs	Tipos de CL em Libras
<PINTAR-ROLO> cl		*Segurar X-tipo de Objeto*
 PASSAR-UM-PELO-OUTRO		*X – Tipo de objeto*
UMA PESSOA ANDANDO		*X – Tipo de objeto*
DUAS PESSOAS ANDANDO		*X – Tipo de objeto*

Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 41, 94); https://www.mensagenscomamor.com; https://pt.depositphotos.com.

A CM em "S" para a expressão PINTAR-ROLO (Pintar com rolo), além de funcionar como parte do verbo, conforme Ferreira (2010, p. 111), "representa o objeto que se

move ou é localizado"; neste caso a CM demonstra a maneira como uma pessoa segura o rolo e o movimento da ação de pintar uma parede com esse objeto.

O exemplo correspondente à expressão PASSAR-UM-PELO-OUTRO, tem a CM em "D"; o dedo indicador "representa objetos longos e finos (pessoa, poste, espeto, prego, rabo de animais)" (FERREIRA, 2010, p. 110). Como é possível ver no quadro 17, cada dedo indicador representa uma pessoa passando pela outra.

Nas frases e imagens correspondentes a UMA PESSOA ANDANDO e DUAS PESSOAS ANDANDO, é possível perceber a mesma CM em "V". No entanto, ao sinalizar as duas sentenças, há uma diferença entre elas no parâmetro OM, pois esta "pode ser um componente dos CLs", como declara Ferreira (2010, p. 112). Na primeira, há a orientação da mão com as pontas dos dedos (indicador e médio) para baixo ,em "V" invertido, de modo que a palma da mão fica voltada para o enunciador; dessa forma os referidos dedos representam as pernas de apenas uma pessoa andando. Já a segunda sentença, a orientação da mão traz os dedos (indicador e médio) voltados para cima , fazendo com que a palma da mão fique voltada para o interlocutor/enunciatário; dessa maneira os dedos representam duas pessoas andando, uma ao lado da outra. Isso remete à questão dos pares mínimos, discutida na primeira seção desse capítulo; o contraste no parâmetro OM faz com que os sentidos ou os significados também sejam distintos.

As exemplificações apresentadas demonstram como as LSs evidenciam a relação entre "corpo, realidade objetiva e o sistema linguístico, devido a sua natureza articulatória manual-corporal-espacial" (CARNEIRO, 2016, p. 120). Essa relação, segundo o autor, "possibilita ao corpo do sinalizante codificar concepções diversas e participar da construção de estruturas icônicas, capazes de transmitir grande número de informações de maneira simultânea". Faz-se aqui uma alusão a Nunes (2013), quando a autora menciona que:

> [...] nas línguas de sinais, muitos sinais são produzidos com uma forte influência da linguagem corporificada. As mãos humanas, em línguas de visuais, são usadas com propósitos linguísticos, como apontar e representar objetos. É econômico, para as línguas de sinais, fazer o uso eficiente das mãos na criação de signos. O corpo do locutor está sempre presente na situação de fala da língua gestual. É econômico também aproveitar essa presença para expressar significados que estão relacionados com as partes do corpo. Na Libras, notamos sinais que retratam como nossas experiências corporais estão ligadas à língua [...] (NUNES, 2013, p. 247).

Segundo Freitas (2007, p. 2), é fundamental considerar as "escolhas lexicais na produção de sentido e na eficácia comunicativa. [...]. Os itens lexicais são as pistas de leitura:

funcionam como ‘âncoras textuais’ ou ‘bússolas’, na descoberta dos sentidos, mas esta está sujeita às condições de produção e interpretação”. Para a pesquisadora, quanto mais adequada for a escolha dos itens lexicais maior será a iconicidade. Isso implica a eficácia na compreensão de sentidos entre os interlocutores durante uma enunciação.

Os efeitos linguísticos que podem ser obtidos com o uso de CLs são inúmeros. Em seus estudos Ferreira (2010, p. 108) menciona Mikos (1983), que afirma que entre os componentes sintáticos na ASL, os CLs são os de maior importância, pois “eles são o cerne da língua, utilizando recursos do corpo do usuário com movimento dentro de um *frame* tridimensional para produzir uma imagem visual rica”. Com relação à similaridade do aspecto físico “deles com as formas e movimentos que representam o mudo real, tem-se visto que os CLs contêm unidades discretas que seguem certos princípios linguísticos”. Ferreira (2010) diz que isso ocorre do mesmo modo com a Libras.

Na concepção da autora, “a iconicidade, altamente frequente em língua de sinais, é explorada para a obtenção de efeitos gramaticais e semânticos [...]”. Esse fenômeno é utilizado “de forma convencional e sistemática na organização de subsistemas semânticos e de relações gramaticais altamente abstratas” (Idem, 2010, p. 108). Na subseção a seguir será discutido acerca do fenômeno da arbitrariedade na Libras.

2.2.2. Arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais: um breve panorama

Considerando o tempo de reconhecimento linguístico das LSs, outro aspecto com poucas pesquisas nessas línguas é a arbitrariedade e neste subitem, em especial, será tratada a questão na Libras. Para tanto, faz-se necessário retomar a questão da iconicidade.

De acordo com Frydrych (2012), a arbitrariedade tem sido menos enfatizada do que a iconicidade. A autora realizou um estudo no qual rediscutiu as noções acerca desses fenômenos linguísticos, bem como o que essas noções acarretam aos estudos das línguas de sinais. Sua reflexão a respeito da arbitrariedade parte do pensamento saussuriano e de outros linguistas. Para refletir a iconicidade ela se remete a Pierce e aos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais e da Língua de Sinais Americana (FRYDRYCH, 2012, p. 281- 282).

A reflexão sobre a iconicidade e a arbitrariedade na Libras baseia-se, neste trabalho, em alguns teóricos que Frydrych utilizou. Em relação aos aspectos linguísticos gerais do signo linguístico, iconicidade e arbitrariedade, respalda-se na visão saussuriana; quanto aos aspectos específicos das LSs, buscou-se linguistas como Quadros e Karnopp, Ferreira, entre outros.

Falar em sinal/signo linguístico leva a abordar a questão de significante e de significado, pois são os elementos que o constitui. Significante e significado "apresentam entre si uma relação arbitrária ou imotivada, ou seja, não há entre eles nenhum laço natural. [...]. Essa relação se estabelece internamente ao sistema linguístico, na relação do signo com outros signos" (WILSON; MARTELOTTA, 2009, p. 74). Tanto é que,

> [...] o caso mais óbvio de arbitrariedade da língua diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma. Os símbolos usados são arbitrários; não há, por exemplo, uma conexão intrínseca entre a palavra 'cão' e o animal que ele simboliza.
> A arbitrariedade, no que diz respeito à língua, não se restringe à ligação entre forma e significado. Aplica-se também, consideravelmente, à grande parte da estrutura gramatical das línguas, na medida em que estas diferem gramaticalmente umas das outras. Se assim não fosse, seria muito mais fácil aprender uma língua estrangeira do que realmente é. Na opinião de Chomsky, os seres humanos são genericamente dotados de um conhecimento dos princípios gerais ditos arbitrários, que determinam a estrutura gramatical de todas as línguas (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 26).

Frydrych (2012, p. 291) destaca que os fenômenos da iconicidade e da arbitrariedade são conhecimentos elementares ao se considerar as LSs como línguas. Para ela, a arbitrariedade é essencial para se constituir um sistema linguístico e a iconicidade está relacionada à forma, que alicerça o campo linguístico da fala. A autora declara que o fenômeno da arbitrariedade nas LSs "não se opõe à iconicidade porque não são da mesma ordem". A arbitrariedade, segundo ela, "subjaz à iconicidade: todo sinal é arbitrário, mas nem todo sinal é icônico. Todo sinal, icônico ou não, motivado ou não, mais 'transparente' ou não, para integrar o sistema de determinada língua, é revestido pela arbitrariedade".

Nessa concepção, dizer que um sinal com iconicidade é mais evidente ou menos evidente significa dizer que ele é resguardado pela arbitrariedade da língua. A relação entre a forma e o significado é arbitrária; esta é desprovida de uma regra dependendo apenas da convencionalidade.

As onomatopeias específicas das LOs são tomadas por Frydrych (2012, p. 291) como base para pensar como a iconicidade e a arbitrariedade estão pressupostas nas LSs. Ela afirma que se empregarmos a mesma concepção saussuriana quanto ao aspecto da iconicidade na Libras, "[...] alcançaremos as seguintes conclusões: os sinais tidos como 'icônicos' tão somente, também, assim como as onomatopeias, são pouco numerosos, e são uma imitação aproximativa e já convencionalizada de certos sinais/gestos [...]". A autora fala que de certa forma essa é uma justificativa do porquê ouvintes desconhecedores da Libras conseguem

identificar, por exemplo, o sinal de telefone. Para as pessoas que ouvem, o sinal de telefone é apenas um gesto, no entanto na Libras esse gesto "adquire o status de signo linguístico e, para tanto há certa convenção em torno desse sinal".

Já Wilson e Martelotta (2009, p. 76-77) versam que de acordo com a visão estruturalista, as onomatopeias também são arbitrárias. Os autores exemplificam o cantar do galo, que em português é representado por "cocorocó", enquanto em inglês e alemão são, respectivamente, "*cock-a-doodle-doo"* e "*kikeriki"*. "Ou seja, casos como esses sugerem que, mesmo com a imitação do som característico da onomatopeia, há um nível de arbitrariedade na formação da estrutura sonora da palavra". Essa arbitrariedade na formação da estrutura do sinal é presente nas LSs, pois cada língua "imita" uma característica diferente para representar o mesmo referente/signo linguístico.

Apresentamos a seguir o exemplo de um mesmo sinal em quatro LSs para ilustrar a afirmativa acima.

Figura 4 - Sinal ÁRVORE em quatro LSs

Fonte: Araujo (2013, p. 24); Capovilla e Raphael (2008, p. 229).

Ao comparar o sinal/signo linguístico ÁRVORE na Libras e na Língua de Sinais Chinesa, Frydrych (2012, p. 292) menciona que, embora tenham motivação total ou parcial e sejam icônicos, eles estão "sujeitos às mesmas regras, relações e evoluções – nos diferentes níveis da língua –, a que sofrem os outros sinais não motivados visualmente, 'não icônicos' (ou 'exclusivamente arbitrários')". Segundo a autora, o sinal para o referente ÁRVORE nessas duas línguas tem algo em comum e, também, apresentam diferença em suas formas.

> Na Libras, o sinal de "árvore" é elaborado com a mão esquerda sustentando o cotovelo direito, fazendo com que o antebraço direito permaneça ereto verticalmente, com a palma da mão estendida e os dedos separados, individualmente. O sinal, assim formado, é motivado pelo aspecto visual de uma árvore completa (com base, tronco e copa). Já no sinal "árvore" da Língua de Sinais Chinesa, a motivação se dá pelo aspecto visual parcial de uma árvore (somente o tronco), que é representado por um sinal elaborado com ambas as mãos configuradas em forma de "C", simétricas, realizando um

> movimento de deslocamento simultâneo para cima, no espaço neutro de sinalização (FRYDRYCH, 2012, p. 292).

Tendo como base os estudos de Quadros e Karnopp (2004, p. 53), Ferreira-Brito apresenta um quadro com o inventário de 46 CMs. A CM em "C", descrita por Frydrych para o sinal ÁRVORE na Língua de Sinais Chinesa, é uma dessas disposições ou configurações de mãos. No exemplo em questão, o sinal é articulado com a CM e em "C", respectivamente, para a mão esquerda e direita. Essa afirmativa corrobora a questão das regras para a criação e produção de um sinal (apresentadas e exemplificadas na 1ª sessão desse mesmo capítulo), independentemente de ser classificado como icônico ou arbitrário.

No caso do sinal ÁRVORE na Língua de Sinais Chinesa ambas as mãos são simétricas; devido a essa simetria elas se movimentam simultaneamente, conforme a descrição de Frydrych. É importante ressaltar que essa mesma CM e em "C" poderá assumir outros significados dependendo do contexto discursivo, como já abordado anteriormente ao tratar dos CLs.

Com relação ao sinal ÁRVORE na Libras os aspectos visuais se referem à árvore completa, isto é, à raiz, ao caule e à copa, como afirma Frydrych (2012, p. 292). Ferreira salienta que, "esporadicamente, outras partes do corpo podem funcionar como CLs. O antebraço, no sinal ÁRVORE, em LIBRAS e em ASL, representa o tronco, e ele pode funcionar como um classificador" (FERREIRA, 2010, p. 112).

Assim como outras LSs, a Libras lança mão da

> [...] iconicidade responsável pela transparência semântica de certos CLs ou de certos sinais. No decorrer do tempo, os morfemas CLs perdem, porém, sua transparência semântica e os itens lexicais se estratificam tornando-se mais arbitrários. Entretanto, mesmo quando icônicos, os sinais não deixam de ser convencionais porque cada língua escolhe uma faceta distinta do referente a ser representada no sinal. É o caso do sinal 'árvore', que é representado de forma diversa em duas línguas de sinais [...] (FERREIRA, 2010, p. 112).

Albres (2012, p. 27-28) discute acerca da arbitrariedade como "um conceito importante a ser introduzido". A autora relata que mesmo alguns sinais apresentando motivação em aspectos que os representam, eles "não são os objetos que representam. Dessa forma cada comunidade linguística pode, ao relacionar-se com esse referente, escolher qualquer parte dele ou qualquer outro signo distante de qualquer associação/relação com o referente". Isso implica dizer que "a palavra ou o sinal de uma língua não se prende simplesmente pela sua representatividade, mas depende de produção social-coletiva para a construção dessa

significação na língua". Na concepção da autora, pode-se dizer que "*existe uma gradação desta iconicidade ou até mesmo sua ausência*" (grifos da autora).

> A possibilidade do sinal da língua de sinais ter sido, em sua origem, motivado por alguma característica física ou relacional do objeto não significa que o sinal e o objeto que ele nomeia formam uma estrutura única.
> Para Vygotsky (2001b) "a palavra é uma generalização, uma forma de representar a realidade na consciência" (2001b, p. 407). Considera ainda que existe uma inconstância e mutabilidade dos significados da palavra e do seu desenvolvimento em cada sujeito.
> Dessa forma, independente da motivação para a produção articulatória do sinal, a relação articulatória e semântica não são uma unidade imediata para os falantes da língua de sinais, não diferenciada no discurso nem conscientizada. Muitos sinais icônicos perderam sua historicidade de motivação articulatória e, dependendo da idade e experiências de cada sujeito, esse significado pode vir a ser mutável, pode ter diferentes complexidades (ALBRES, 2012, p. 28).

A arbitrariedade é apontada por Pagy (2012, p. 28, 29) como "intimamente ligada à não-existência de uma relação direta entre som e conceito, o que torna difícil a dedução de um significado sem conhecimento mínimo sobre uma determinada língua". Ao apresentar em sua dissertação os sinais CONHECER, AMIGO e TRABALHAR, a autora ressalta que esses, bem como outros sinais da Libras só podem ser considerados arbitrários "em uma análise sincrônica, pois não há registros sobre a origem destes, o que não descarta, diacronicamente, um fundo icônico". Essa concepção direciona para a questão da arbitrariedade absoluta e relativa na Libras, que será tratada na próxima subseção.

2.2.3. Arbitrariedade absoluta e relativa na Língua Brasileira de Sinais

Segundo Silva (2016, p. 10), "por mais que reconheçamos alguma motivação nos signos, em qualquer língua natural, essa motivação é relativa porque a própria escolha de um aspecto e não de outro para representar simbolicamente o significado é uma escolha arbitrária".

O fenômeno da arbitrariedade da língua na concepção de Teixeira (2014, p. 95) tem relação "com a ideia da convenção: a palavra 'mesa' na língua portuguesa, por exemplo, é arbitrária, pois só recebe esse nome devido a uma convenção que estabelece esse conceito e não porque há uma relação entre o som da palavra e o objeto que ela designa".

Faz-se aqui uma referência a Saussure (1971, p. 152) quando ele estabelece que a arbitrariedade do signo linguístico "não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente". Para o autor,

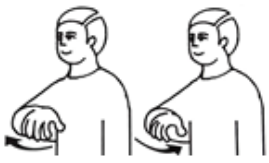
somente “uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado”.

Essa concepção saussuriana revela que a motivação não é absoluta, ou seja, há restrições. Saussure (1971) salienta que “[...] a noção do relativamente motivado implica: 1º a análise do termo dado, portanto, uma relação sintagmática; 2º a evocação de um ou vários termos, portanto, uma relação associativa”. O teórico apresenta como exemplo os signos que representam os números vinte e dezenove. Em sua concepção:

> [...] *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, *dez, nove, vinte e nove, dezoito, setenta*, etc.; tomados separadamente, *dez* e *nove* estão na mesma condição que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa [...] (SAUSSURE, 1971, p. 152, grifos do autor).

Para o linguista suíço o termo vinte não tem motivação, ao contrário do termo dezenove que tem motivação relativa. Nesse sentido na Libras há vários sinais imotivados. Como também existem sinais que não o são em mesmo grau, pois apresenta “um caso de motivação relativa”, como fala Saussure (1916, p. 152). Apresenta-se, a seguir, o sinal TORNEIRA em Libras, cuja formação ocorre pela junção dos sinais ÁGUA + GIRAR-MÃO-PULSO.

Quadro 18 - Sinal relativamente motivado

CM →			
SINAL →			
GLOSA →	ÁGUA	GIRA-MÃO-PULSO	ÁGUA+GIRAR-MÃO-PULSO ↓ TORNEIRA

Fonte: Adaptado de Capovilla e Raphael (2008, p. 1261).

O sinal/signo linguístico TORNEIRA apresentado no quadro 18 é um sinal composto, formado, como mencionado, pelo sinal ÁGUA, cuja CM é em “L”, mais o sinal GIRA-MÃO-PULSO, cuja CM é em “C” (esta funciona, também, como um classificador). Para

articular o sinal TORNEIRA, primeiro, articula-se o sinal ÁGUA, que se dá pelo toque da ponta do dedo polegar da CM em "L" no queixo (conforme figura do quadro), depois o dedo indicador é movimentado, balançando-se por duas vezes para frente. Na sequência, a CM é alterada para , com a palma da mão voltada para baixo; também se altera o PA, que será num espaço neutro à frente do corpo do enunciador/sinalizador. A CM em "C", cuja palma da mão está voltada para baixo, é girada pelo pulso para a esquerda e para a direita, remetendo ao ato de abrir e fechar a torneira.

Para Saussure (1916), tal representação

> [...] não é senão o mecanismo em virtude do qual um termo qualquer se presta à expressão de uma ideia. Até aqui, as unidades não nos apareceram como valores, vale dizer, como os elementos de um sistema. E nós as consideramos sobretudo nas suas oposições; agora reconhecemos as solidariedades que as vinculam; são de ordem associativa e de ordem sintagmática; são elas que limitam o arbitrário. *Dezenove* é associativamente solidário a *dezoito, dezessete* etc e sintagmaticamente de seus elementos *dez* e *nove*. Essa dupla relação lhe confere uma parte de seu valor (SAUSSURE, 1971, p. 153, grifos do autor).

Assim como o termo vinte o sinal ÁGUA é imotivado; já o sinal TORNEIRA e o termo dezenove são dotados de certo grau de motivação. Isso significa dizer que da mesma forma como em dezenove, o sinal TORNEIRA remete a outros sinais que o compõe (ÁGUA+ GIRAR-MÃO-PULSO) como, também, faz alusão a sinais que estão associados, como, por exemplo: (MULHER + CASAD@ = ESPOSA; HOMEM + BÊNÇÃO = PAI). Nesse sentido, se tomarmos isoladamente os sinais/signos linguísticos ÁGUA e GIRAR-MÃO-PULSO, de acordo com a concepção saussuriana eles estão na mesma condição que vinte. Entretanto, o sinal TORNEIRA denota motivação relativa, pois neste sinal/signo linguístico estão inseridos/contidos ÁGUA e GIRAR-MÃO-PULSO.

Segundo Costa (2012, p. 93), todas as línguas faladas são arbitrárias, "porém as pesquisas com as línguas de sinais têm demonstrado que o princípio de arbitrariedade não contradiz o princípio da motivação". Para ele, a arbitrariedade não significa a falta de motivação, mas a "impossibilidade de se recuperar a motivação de um dado signo linguístico".

Nessa perspectiva, e pelo viés de Sócrates, pretende-se verificar a existência ou não de uma intersecção entre a iconicidade e a arbitrariedade na Libras, mais precisamente, se a arbitrariedade apresenta algum aspecto que remeta à iconicidade.

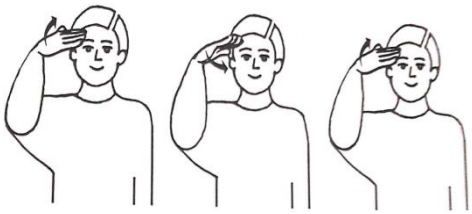
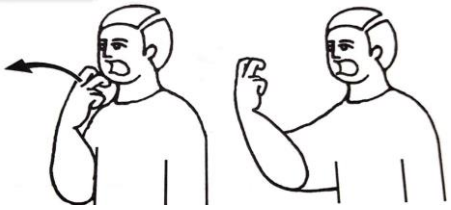
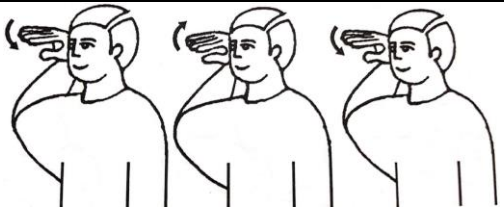
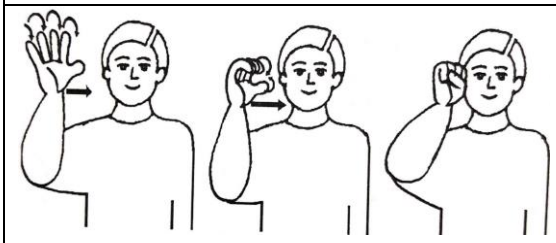
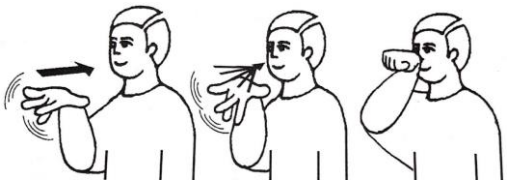
2.3. O *corpus* da pesquisa

Todos esses conceitos foram abordados para que se possa, a seguir, realizar uma análise semiótica de alguns itens lexicais da Libras. Com base nesse arcabouço teórico foram analisados alguns sinais, os quais compõem o *corpus* dessa pesquisa; eles são recortes de sinais extraídos do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua Brasileira de Sinais, de autoria de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael (2008).

Os sinais selecionados são produzidos/articulados com apenas uma das mãos. Uma parte desses apresenta evidência de iconicidade, ao passo que em outra parte dos sinais não apresenta essa evidência, ou seja, são sinais dotados de arbitrariedade.

O *corpus* dessa investigação é constituído por sinais da categoria verbo não-direcional, os quais exprimem estado ou ação e um verbo classificador, conforme apresentado no quadro 19. Os verbos de estado, em geral, são de ordem cognitiva, emocional ou experiencial. Segundo Ferreira (2010, p. 61), estes são "verbos ditos 'ancorados no corpo', isto é, verbos cujos sinais são feitos em contato com o corpo ou muito próximos do corpo".

Quadro 19 - Sinais correspondentes ao *corpus* da pesquisa

 ENTENDER	AMAR
 GRITAR	 BISBILHOTAR
 OUVIR	 CHEIRAR

Fonte: Capovilla e Raphael (2008, p. 591;184; 313; 295; 988; 399).

Os sinais/signos do quadro acima estão dispostos na ordem em que serão analisados; eles foram selecionados para constituírem o *corpus* dessa pesquisa por se tratar de verbos não-direcionais, um dos tipos de verbos da Libras. Como presumido na introdução, os sinais/signos dessa categoria podem apresentar indícios de iconicidade em suas arbitrariedades.

Os verbos não-direcionais na Libras, segundo Ferreira (2010, p. 61), apresentam-se em três subclasses. Essa pesquisa se detém à primeira subclasse, que a autora afirma serem os "verbos ditos 'ancorados no corpo', isto é, verbos cujos sinais são feitos em contato com o corpo ou muito próximos do corpo".

Nessa categoria ou subclasse se encontram os verbos que exprimem estado ou ação. Na concepção da linguista, em geral, os verbos de estado são de ordem cognitiva, emocional ou experiencial. Os sinais/signos selecionados mesmo sendo articulados na cabeça, cada qual possui um PA distinto do outro; assim, temos sinais/signos articulados na testa, no peito, à frente da boca, próximo aos olhos, próximo ao ouvido e próximo ao nariz.

No próximo capítulo, os sinais/signos apresentados serão analisados na perspectiva da semiótica greimasiana. Ao dizer sinais icônicos e sinais arbitrários dizem-se, respectivamente, sinais com evidências de iconicidade e sinais com iconicidade abstrata ou remota.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE SEMIÓTICA DO CORPUS DA PESQUISA

Este capítulo é dedicado à análise do *corpus* da pesquisa, segundo os preceitos da teoria semiótica. Optou-se pela Semiótica Greimasiana ou Semiótica Francesa por entender que esta pode auxiliar à investigação proposta, ou seja, descobrir se há traços de correlação entre a iconicidade e a arbitrariedade na Língua Brasileira de Sinais.

Greimas propõe uma Semiótica na qual o sentido é concebido num sistema gerativo, cujo percurso "vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto" (PIETROFORTE, 2017a, p. 12). É nesse percurso que se traçam as análises dos sinais selecionados e aqui apresentados.

Defende-se que a iconicidade e a arbitrariedade na Libras não são elementos tomados como isolados e estanques, haja vista que são da mesma ordem, como declara Frydrych (2012). Como dito no capítulo anterior, o *corpus* dessa pesquisa é constituído por recortes de sinais extraídos do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais* (2008), conforme apresentado no quadro 19.

Esses sinais têm aqui seus traços de iconicidade e/ou de arbitrariedade analisados de acordo com o modelo teórico do quadrado semiótico de Greimas. Domaneschi (2017, p. 51) ressalta que esse modelo teórico é, talvez, "o mais emblemático esquema visual produzido pela teoria [...]". Devido ao fato da Libras ser uma língua de modalidade visual-espacial, enquadra-se nesse típico esquema visual; este esquema ou processo favorece traçar os percursos gerativos de sentido dos sinais a serem estudados.

As ciências da linguagem atestam a arbitrariedade do signo linguístico. Entretanto, como afirma Pietroforte (2017, p. 107), "as propriedades fonológicas dos significantes são [...] aproveitadas para gerar efeitos de sentido capazes de relacionar expressão e conteúdo. Por meio dessa relação, significante e significado [...] parecem motivados".

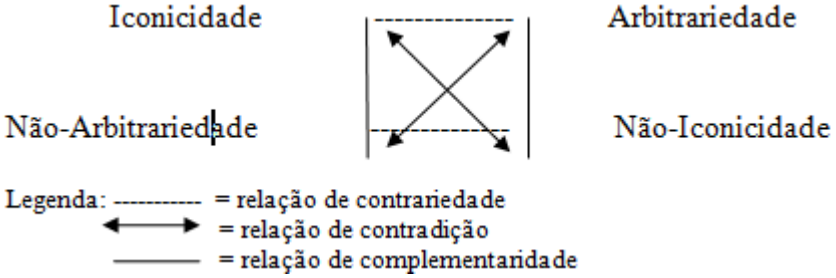
O sentido se dá numa rede de relações em seus diferentes níveis; no nível fundamental "busca-se determinar não uma relação fundamental, mas uma rede fundamental de relações". (PIETROFORTE, 2017a, p. 13). Isto é realizado por meio do "modelo do quadrado semiótico". Os níveis narrativo e discursivo não serão abordados nessa pesquisa. O foco da análise será o nível fundamental, pois é neste que a Semiótica estabelece e organiza o processo de geração de sentidos.

De acordo com o quadrado semiótico, iconicidade *vs.* arbitrariedade são termos contrários cuja relação vai orientar os percursos de sentido a serem traçados. Pietroforte (2017a, p. 14) salienta que os termos contrários "por meio de operações de afirmação e negação, geram-se os termos contraditórios e sistematizam-se as relações de contrariedade, contradição e implicação que descrevem a rede fundamental de relações capaz de gerar sentido". Segundo o autor, os termos contrários são excludentes, pois para ele ao se afirmar um dos termos se anula o outro.

Nas análises transita-se pelos parâmetros básicos: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M); estes são fundamentais para a criação de um sinal, ou seja, de um signo linguístico. Contudo, não se descarta a possibilidade/necessidade de se transitar também pelos parâmetros secundários, Orientação da Mão (OM) e as Expressões Não-Manuais (ENM), haja vista que eles complementam as informações mostrando o significado, o sentido de um sinal/signo linguístico na Libras.

O modelo do quadrado semiótico que se apresenta a seguir embasará o traçado de dois percursos de sentido, que serão contrapostos, proporcionando novas interpretações nas relações de sentido.

Figura 5 - Modelo legendado do quadrado semiótico de Greimas



Fonte: Adaptado de Pietroforte (2017a, p. 14).

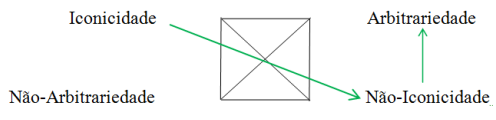
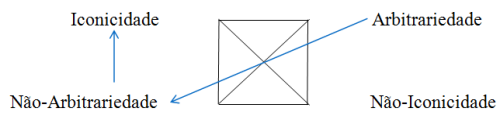
A próxima subseção trata das análises do *corpus*, a partir de dois possíveis percursos da relação de sentidos que o quadrado semiótico acima apresentado nos possibilita.

3.1. Análise dos sinais com traços de iconicidade e de arbitrariedade

Esta subseção é dedicada às análises dos sinais que constituem o *corpus* dessa pesquisa. Por meio da afirmação ou negação os termos contrários iconicidade *vs* arbitrariedade de cada sinal/signo, gera-se a rede fundamental de relações de sentido.

Conforme o modelo do quadrado semiótico estabeleceram-se os seguintes percursos os quais nortearão as análises.

Quadro 20 - Percursos de relação de sentidos

a)	b)
	
iconicidade=>não-iconicidade=>arbitrariedade	arbitrariedade => não-arbitrariedade =>iconicidade

Fonte: Adaptado de Pietroforte (2017a, p. 70).

Partindo dos percursos expostos em sua forma de conteúdo, observa-se que a arbitrariedade é um fenômeno perceptível nos sinais/signos selecionados. No entanto, pretende-se verificar em sua forma de expressão se tal fenômeno, em suas redes de relações apresenta um ponto em comum com a iconicidade. Para tanto, os parâmetros que constituem cada sinal/signo serão investigados no trânsito de ambos os percursos estabelecidos:

I – ENTENDER:

O sinal/signo ENTENDER pertence à categoria de verbos não-direcionais da Libras, sendo constituído pela CM em “5”, pelo PA na cabeça e pelo M de balanço. Ao enunciar este sinal/signo o enunciador, com sua mão dominante aberta em cinco, dedos unidos lado a lado e com a palma voltada para trás, toca a parte lateral superior da cabeça realizando um movimento de balançar a referida mão. Esse contexto discursivo leva a analisar o verbo ENTENDER de acordo com os dois percursos acima apresentados.

A partir do percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade, analisaram-se os parâmetros CM, PA e M acima citados; identificou-se que os parâmetros CM e M não apresentam características icônicas, portanto, se as negamos estamos dizendo que tais características passam pela contrariedade, que é a não-iconicidade e avançam para a arbitrariedade. Ao se fazer o percurso inverso, ou seja, **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade

=> iconicidade, afirma-se que os parâmetros CM e M denotam arbitrariedade, o que significa a negação da iconicidade.

Nesta perspectiva, o parâmetro PA, em ambos os percursos, denota certa carga de iconicidade, pois à medida que se parte do ponto da arbitrariedade para o da iconicidade, passa-se pelo ponto não-arbitrariedade, a qual implica em iconicidade. Esse parâmetro é um traço que remete ao referente, pois é na cabeça que se desenvolve a parte cognitiva do ser humano.

II – AMAR

O verbo não-direcional AMAR é um sinal/signo da Libras que exprime um sentimento, portanto, um estado emotivo. É constituído pelas CMs e , respectivamente, em "5" mão aberta e em "S", pelo PA no peito e pelo M retilíneo e simultaneamente flexionando os dedos. No contexto discursivo o enunciador articula o sinal/signo com a mão dominante em em "5", dedos unidos (exceto o polegar), palma voltada para baixo e, ao tocar o peito, a CM é alterada de (início do sinal), para (final do sinal), esta última também com a palma para baixo. A análise parte do percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade e depois é contraposta pelo percurso inverso **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade.

De acordo com o percurso **(a),** identificou-se que a CM e o M são parâmetros dotados de arbitrariedade, pois não denotam traços entre o significante e o significado do referente; isso leva à negação da iconicidade. Essa negação implica numa não-iconicidade a qual leva à arbitrariedade. Porém, ao analisar o PA, que é feito a região do peito, identificou-se que tanto esse parâmetro como àquele que, aliás, remete à iconicidade abstrata (levando em consideração o local onde o sinal é realizado, no peito, lado esquerdo, próximo ao coração), os dois se referem aos sentimentos e às emoções.

Ao analisar o sinal/signo AMAR tendo como base o percurso **(b),** também se identificou essa iconicidade no parâmetro PA. Desse modo é negada a arbitrariedade. Todavia, quando se analisa os parâmetros CM e M, constatou-se que eles também denotam arbitrariedade, pois não possuem traços de relação de sentido entre o significante e o significado. A iconicidade identificada no parâmetro PA é pela mesma razão que se afirmou no parágrafo anterior, quando da análise do percurso de relação de sentido (**a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade.

Em ambos os percursos foi possível perceber que outro parâmetro, a ENM, complementa a relação de sentido, uma vez que na Libras as expressões não-manuais se fazem

fundamentais para a compreensão do significado do referente. Isso também implica em iconicidade.

III - GRITAR/BRADAR

Esse é um sinal/signo da Libras pertencente à categoria dos verbos não-direcionais. É composto pela CM em "5" (dedos indicador e médio selecionados e flexionados), pelo PA à frente da boca e pelo M semicurvo da mão para frente e para cima. Num contexto discursivo o enunciador articula sua mão dominante em "5" à frente da boca, com a palma da mão voltada para si; esta mão é movimentada, simultaneamente, para frente e para cima realizando uma sutil semicurva.

Os parâmetros CM, PA e M constituem o sinal/signo GRITAR/BRADAR na Libras são analisados, a princípio pelo percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade. **N**a sua forma, a CM em "5" não tem nenhum aspecto que remete à iconicidade do sinal/signo em questão, pois ela é isenta de uma relação de sentido entre o significante e o significado do referente. O parâmetro M também não denota relação de sentido entre essas duas faces do signo linguístico. Tal identificação em ambos os parâmetros implica a não-iconicidade, que por sua vez acarreta arbitrariedade. Já o parâmetro PA à frente da boca denota certa iconicidade ao se considerar que a boca é o local pelo qual externamos os sons, isso é um indício, embora que remotamente, da existência da iconicidade.

Ao fazer o percurso **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade, identificou-se que os parâmetros CM em "5" e o M são arbitrários, portanto, desprovidos de iconicidade; esta é negada ao afirmar aquela. O ponto de não-arbitrariedade também reforça a arbitrariedade, pois não se encontrou nenhum aspecto desses parâmetros que remeta à iconicidade. Quanto ao parâmetro PA neste percurso, como no anterior, constata-se uma remota iconicidade por expressar uma relação de sentidos entre o significante e o significado.

IV – BISBILHOTAR

O sinal/signo BISBILHOTAR na Libras também é um verbo da categoria não-direcional; é ancorado no corpo e expressa uma ação. É constituído pelos parâmetros CM em "C" fechado, pelo PA no canto do olho e pelo M de flexão dos dedos, exceto o polegar que fica apoiado no canto do olho. Ao enunciar este sinal/signo o enunciador toca, com o polegar da mão dominante e CM acima descrita, a lateral do olho e realiza por duas vezes a flexão dos outros dedos simultaneamente.

Ao transitar pelo percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade, identificou-se que o parâmetro CM em "C" fechado não tem iconicidade e, assim, direciona para a não-iconicidade; esta implica em arbitrariedade, pois sua forma não remete ao referente. O parâmetro M também leva ao ponto da não-iconicidade, implicando em arbitrariedade. Entretanto, o parâmetro PA no canto do olho apresenta uma remota iconicidade, pois o olho é o órgão da visão e em BISBILHOTAR indica um indivíduo que se intromete na vida alheia ou presta atenção a todos os detalhes do cotidiano das pessoas a sua volta.

Fazendo o percurso oposto, ou seja, **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade, ao se afirmar a arbitrariedade, também, nega-se a iconicidade. Entre a arbitrariedade e a iconicidade se passa pela não-arbitrariedade que deveria implicar em iconicidade. Identificou-se que neste percurso os parâmetros CM e M não apresentam nenhum vestígio que leve ao referente. Quanto ao parâmetro PA, percebeu-se que do mesmo modo que no percurso anterior ele exibe uma remota iconicidade.

V – OUVIR

Esse é um verbo da categoria não-direcional; ele é formado a partir dos parâmetros básicos da Libras CM (mão dominante aberta, dedos espraiados) e em "S", com o PA próximo ao ouvido e M de flexão dos dedos. Para articular o sinal/signo OUVIR o enunciador dispõe sua mão dominante com a palma para baixo próximo ao ouvido e nesse ponto realiza o movimento de flexão dos dedos por duas vezes; ao ser articulado o sinal/signo passa da CM inicial para final.

Seguindo o percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade, constatou-se que os parâmetros CMs e M são isentos de iconicidade e isso implica uma relação de contradição, ou seja, a não-iconicidade; esta por sua vez, leva à arbitrariedade. O parâmetro PA próximo ao ouvido indica remotamente uma iconicidade devido ao fato que o ouvido é o órgão do corpo pelo qual se percebe os sons.

Ao se realizar o percurso contrário, isto é, **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade, constatou-se que a CM e o M são parâmetros que denotam arbitrariedade. Com essa afirmativa nega-se a iconicidade que, como dito no percurso anterior, é isenta nesses parâmetros. Isso confirma a argumentação de Pietroforte (2017a, p. 14) que ao se afirmar um dos termos nega-se o outro. Já o parâmetro PA próximo ao ouvido, confirma-se que o mesmo, por ser próximo ao ouvido, indica uma iconicidade remota.

VI – CHEIRAR

É um sinal/signo da Libras que pertence à categoria de verbos não-direcionais. Sua constituição se dá por meio das CMs (mão dominante aberta, dedos espraiados) e em "S", PA inicial à frente do corpo e final na ponta do nariz e, o M de oscilação de dedos e, simultaneamente, trazendo a mão dominante para trás até tocar a ponta do nariz. Ao articular esse sinal/signo, o enunciador dispõe sua mão dominante, em , na frente do seu corpo, sendo esse o ponto onde se inicia o sinal/signo; movimenta essa mão em direção de seu nariz oscilando os dedos até que o dorso da mão toque a ponta do nariz.

Transitando pelo percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade, verificou-se que os parâmetros CM e M não denotam iconicidade, o que leva a uma contradição, ou seja, a não-iconicidade e esta acarreta arbitrariedade. O parâmetro PA à frente do corpo e a ponta do nariz indicam de forma remota certa iconicidade; isso devido ao fato de que é pelo nariz que se percebe os aromas das substâncias.

Realizando o percurso **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade, identificou-se que os parâmetros CM e M possuem arbitrariedade, pois a contrariedade dessa afirmação levaria a uma não-arbitrariedade a qual implicaria em iconicidade, o que não é vias de fato. Quanto ao PA à frente do corpo (local de início do sinal/signo) e ponta do nariz (local final do sinal/signo), mais precisamente, constata-se que este denota certa iconicidade.

Enfim, transitando pelos percursos estabelecidos: **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade e **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade, bem como pelos parâmetros CM, PA, M e ENM, é possível constar um ponto em que o fenômeno da arbitrariedade na Libras remeta, mesmo que de forma distante, à iconicidade dos sinais/signos em questão, que ora são mais abstratos.

Desse modo, cria-se o termo iconicidade abstrata ou remota. Isso devido aos parâmetros CM e M nos levarem à arbitrariedade, pois quanto menos parâmetros lembrar do referente a iconicidade fica menos evidente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação buscamos analisar o fenômeno linguístico da iconicidade e da arbitrariedade na Libras, no que diz respeito à arbitrariedade possuir ou não um ponto em comum com a iconicidade ou, que remeta a ela. Isso significa dizer que se buscou analisar se a arbitrariedade na Libras é isenta ou não de uma correlação com a iconicidade.

De natureza exploratória bibliográfica essa pesquisa, antes de tratar do tema proposto, abordou conceitos de linguística, língua, linguagem e semiótica. Nessas abordagens foram inseridas algumas discussões relativas a Libras e, para tanto, dialogou-se com linguistas renomados como Saussure (1971), Benveniste (2005, 2006), Ducrot (1970), Sapir (1969), Pietroforte (2017 a, b, c), Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010), Gesser (2009), entre outros.

A problematização que foi levantada sobre a possibilidade de uma interseção da iconicidade com a arbitrariedade na Libras, a princípio, teve todo um aparato teórico a questão da linguística no geral e, de modo particular, a linguística das línguas de sinais. Além da questão das teorias linguísticas, abordou-se também da iconicidade e arbitrariedade, suscintamente, nas línguas orais e mais detalhadamente nas LSs.

É importante ressaltar que, segundo Costa (2012, p. 26), outras abordagens linguísticas acerca da arbitrariedade e da iconicidade na Libras vêm sendo apresentadas com outros olhares "tais como aqueles apresentados pela linguística funcionalista, linguística cognitiva, estudos da gestualidade e iconicidade e muitos estão revendo os conceitos básicos [...]". O autor salienta que essas "abordagens mostram que a iconicidade tem um papel importante em todas as línguas naturais e que a gramática das línguas é essencialmente motivada".

Bem, que a iconicidade é arbitrária já está posto, pois o traço de determinado sinal/signo icônico ou motivado para remeter ao mesmo é distinto de uma LS para outra. Restou nessa pesquisa a incumbência de identificar o inverso.

O primeiro desafio foi o de determinar uma categoria de sinais/signos a serem selecionados para as análises. Decidiu-se, então, pelos verbos não-direcionais os quais na Libras, de acordo com Ferreira (2010, p. 61-62) são aqueles verbos ancorados no corpo e aqueles que incorporam o objeto. Para a autora, os verbos ancorados no corpo têm seus respectivos sinais/signos em contato com o mesmo ou muito próximos a ele; esse tipo de verbo exprime um estado ou uma ação. Já os verbos do tipo que incorporam o objeto, segundo a

linguista, têm um ou mais parâmetros alterados “[...] em função das especificidades dos parâmetros do sinal-objeto incorporado”. Vale ressaltar que essa pesquisa teve como foco os verbos não-direcionais ancorados no corpo, em sua grande maioria, aqueles sinais/signos articulados na cabeça.

Em consonância com a proposta, realizou-se a contraposição entre o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Libras. Isso se tornou possível a partir da Semiótica Greimasiana, mais propriamente com o quadrado semiótico de Greimas; esse procedimento metodológico implicou novas interpretações de sentidos.

Questionamentos como, por exemplo, os CLs são totalmente icônicos ou, se a arbitrariedade na Libras é isenta ou não de alguma correlação com a iconicidade são inquietações que procurou-se investigar. Quanto aos CLs, embora abordados no capítulo 2, não foram analisados conforme o modelo do quadrado semiótico de Greimas por não compor o *corpus* dessa pesquisa.

Para Ferreira (2010, p. 102), o classificador é “um morfema afixado a um item lexical, atribuindo-lhe, assim, a propriedade de pertencer à determinada classe [...]. Entretanto, é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam, sendo, pois CLs que se apresentam no sintagma verbal ou predicado [...]”. Camargo (2015, p. 10) declara que existe nos classificadores “uma similaridade física com as formas e movimentos que representam no mundo real, o que nos leva a concluir que a iconicidade é explorada a fim de obter efeitos gramaticais e semânticos [...]”.

No entanto, Ferreira (2010, p. 103) afirma que nas LSs a tendência da “relação entre o significado do verbo e o CL” é a transparência, ou seja, a iconicidade. Ela destaca também que essa transparência vai se perdendo com “a extensão dos itens lexicais de uma classe de Movimento e Localização para outras classes semânticas [...]”.

Com relação ao questionamento da arbitrariedade ser isenta ou não de alguma correlação com a iconicidade, levantou-se a hipótese de que sinais/signos arbitrários ou imotivados relacionados a verbos de estado como, por exemplo, ENTENDER, pudessem apresentar essa correlação devido a sua localização ser na região da cabeça ou próximo a ela. Identificou-se alguns traços de correlação entre a iconicidade e a arbitrariedade na Libras no que diz respeito aos verbos ancorados no corpo.

Buscou-se por outras pesquisas que abordassem direta ou indiretamente o tema, ciente de que os saberes do estudo da arte deveria ser uma base para que se pudessem realizar outras interpretações de relação de sentido. Traçou-se dois percursos: **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade e **(b)** arbitrariedade => não-arbitrariedade => iconicidade.

Realizou-se um confronto entre os dois, uma vez que têm em si, imbricadas as relações de contrariedade, de contradição e de complementaridade ou de implicação. A Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, portanto, ao se realizar as análises, levou-se em consideração os parâmetros CM, PA, M e ENM.

Outro desafio foi realizar as transitações nos respectivos percursos, pois as análises pareciam um tanto quanto repetitivas. No entanto, por meio dos mesmos se pode identificar elementos ou aspectos de correlação entre a iconicidade e a arbitrariedade presentes nos parâmetros PA e ENM.

Os sinais/signos do *corpus* apresentam em comum a CM e o M como isentos de iconicidade, ou seja, são parâmetros que evidenciam a arbitrariedade, visto que sua forma de conteúdo e de expressão não se lembra do referente. A essa evidência de arbitrariedade Silva (2011, p. 36) denomina baixa iconicidade. Segundo o autor, isso ocorre devido ao fato de que o leitor ou enunciatário não tem pistas para produzir sentido, tornando o texto ou sinal/signo opaco.

Essa perspectiva remete aos estudos de Quadros e Karnopp (2004, p. 26) quando afirmam que o "caso mais óbvio de arbitrariedade da língua diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado [...]". As autoras declaram que a arbitrariedade, "no que diz respeito à língua, não se restringe à ligação entre forma e significado. Aplica-se também [...] à grande parte da estrutura gramatical das línguas, na medida em que estas diferem gramaticalmente uma das outras".

Identificou-se que os sinais/signos que compõem o *corpus* dessa pesquisa também têm em comum o PA e a ENM; esses parâmetros revelam certa iconicidade não em sua forma, mas no sentido de expressão que leva remotamente ao significado ou sentido do referente. Essa identificação origina a afirmação que outros verbos não-direcionais ancorados no corpo ou próximo dele, tenham a mesma interpretação. Mesmo os verbos analisados sendo arbitrários em sua forma, eles possuem pelo menos um parâmetro que denota certa correlação com a iconicidade.

Segundo Ferreira (2010, p. 38), os "sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizado a partir de características icônicas". Para a autora, "o que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça". Acrescenta-se, nesse contexto, que os sinais relacionados à emissão de sons da fala, assim como aqueles que se

referem à alimentação, também são realizados perto da boca; os sinais relacionados ao olfato são realizados próximos ao nariz.

As regiões do corpo que têm maiores incidências como PA são abordadas por Ferreira (2010, p. 38). Ela declara que Siple, no final da década dos anos 70, já apontava essas áreas como sendo "cabeça, tronco, braços e mãos". Dos seis sinais selecionados para constituir o *corpus* dessa pesquisa, cinco são articulados na região da cabeça e um é articulado no tronco, mais especificamente perto do coração.

ENTENDER, AMAR, GRITAR/BRADAR, BISBILHOTAR, OUVIR e CHEIRAR são sinais/signos que podem ter o parâmetro ENM como fundamental para sua compreensão. O que vai depender será o contexto discursivo, pois caso o enunciador deseje ou precise intensificar um sentimento ou ação em determinado discurso ele irá utilizar esse parâmetro simultaneamente com os demais. Desse modo, a relação de sentido se complementa, visto que na Libras a ENM é gramatical, ou seja, é um componente da estrutura da gramática dessa língua.

Ao se analisar os parâmetros CM e M de cada sinal/signo, quando se transitou pelo percurso **(a)** iconicidade => não-iconicidade => arbitrariedade, partiu-se da negação da iconicidade até chegar à afirmação da arbitrariedade. Porém, ao se transitar pelo percurso **(b)** arbitrariedade => não arbitrariedade => iconicidade se nega, por meio das análises dos parâmetros PA e ENM a arbitrariedade, constata-se, então, a existência de iconicidade abstrata ou remota. Destarte, no que se refere à categoria de verbos não-direcionais ancorados no corpo, interpreta-se que esses parâmetros são elos entre a iconicidade e a arbitrariedade na Libras.

Os resultados das análises reafirmaram a dicotomia existente entre arbitrariedade e iconicidade. Verificou-se que mesmo um sinal/signo sendo considerado arbitrário, ao transitar pelos percursos anteriormente mencionados, é possível chegar a uma remota iconicidade sem que isso desrespeite o princípio Saussureano da arbitrariedade do signo linguístico.

Nessa perspectiva, o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Libras não são tomados como isolados ou estanques. Esses dados reforçam a ideia de que a hipótese levantada, no início, foi confirmada. Atingiu-se, portanto, o objetivo que era problematizar o fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade na Libras.

Essa pesquisa é relevante para profissionais da área da linguística, coopera com as discussões sobre os estudos linguísticos da Libras e, também, abre o leque de conhecimento acerca do fenômeno da iconicidade e da arbitrariedade nessa língua.

Diante do exposto, dada a importância do tema, considera-se que muito ainda há para se percorrer no campo de investigação nesta área que, por conseguinte, é uma área fértil de

trabalho para outros pesquisadores que queiram se debruçar em estudos acerca dos verbos não-direcionais como, por exemplo, aqueles que incorporam o objeto e, também, outras categorias na Libras, incluindo os classificadores.

REFERÊNCIAS

AGUSTINE, C.; LEITE, J. D. Benveniste e a Teoria Saussuriana do Signo Linguístico: o binômio contingência-necessidade. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos. Campinas, Editora RG, ed. 30, jul/dez. 2012. Disponível em: http://www.revistalinguas.com/edicao30/edicao30.html. Acesso em 17 jan. 2019.

ARAUJO, A. D. S. *As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira*. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras – Universidade de Brasília. Brasília, DF: UNB, 2013. Disponível em: https://docplayer.com.br/6346079-As-expressoes-e-as-marcas-nao-manuais-na-lingua-de-sinais-brasileira.html. Acesso em 10 ago. 2018.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às Teoria do Discurso. *In*: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. 2ª ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

BEIVIDAS, W. A teoria da linguagem de Hjelmslev: uma epistemologia imanente do conhecimento. *Revista Estudos Semióticos.* São Paulo, v. 11, nº. 1, jul., p. 01–10. 2015. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/103769/103467. Acesso em 14 jun. 2018.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I.* 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II.* 2ª ed., Campinas: Pontes Editores, 2006.

BERNARDINO, E. L. A.; SILVA, G. M. DA; PASSOS, R. *Iconicidade, Simultaneidade e uso do espaço em Libras.* Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2015. Disponível em: http://docslide.com.br/documents/4iconicidade-simultaneidade-e-uso-do-espaco-em-libras-bernardinosilva-e-passos.html. Acesso em 03 jan. 2016.

BEZ, A. S.; AQUINO, C. Saussure e o estruturalismo: retomando alguns pontos fundamentais da teoria saussuriana. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, nº. 42, jun., p. 05-17. 2011. Disponível em https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/26000/15222. Acesso em 10 mai. 2018.

BLIKSTEIN, I. Alcances e limites da semiologia. *In*: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). *Discurso, semiologia e história.* São Carlos: Claraluz, 2001.

BRASIL, Diário Oficial da União – Seção 1. *Lei nº 10.436.* Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=23&data=25/04/2002. Acesso em 10 set. 2018.

CAMARGO, R. A. *Classificadores: a relação entre o icônico e o arbitrário nas línguas de sinais.* Disponível em: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=64587&opt=1. Acesso em 02 maio 2018.

CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua brasileira de Sinais*. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CARDOSO, M. A. F.; HANASHIRO, D. M. M.; BARROS D. L. P. Um caminho metodológico pela análise semiótica de discurso para pesquisas em identidade organizacional. *Cad. EBAPE.BR*. Rio de Janeiro, v. 14, nº. 2, Art. 8, abr./jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cebape/v14n2/1679-3951-cebape-14-02-00351.pdf>. Acesso em 28 mai. 2018.

CARNEIRO, B. G. Corpo e Classificadores nas Línguas de Sinais. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 1, nº. 2. 2016. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36863/22085. Acesso em 20 jul. 2018.

CLOT, Y. Psicologia. In.: BRAIT, B. (org). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, M. A. Estruturalismo. *In*: MARTELOTTA, M. (org.). Manual de Linguística. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, V. H. S. *Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais:* a dupla articulação da linguagem em perspectiva. 2012. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100945/313047.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 5 abr. 2018.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. *In.*: MARTELOTTA, M. M. E. *Manual de linguística*. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

CUXAC, C; Sallandre, M. *Iconicity and arbitrariness in French sign language – highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity*. Disponível em: http://archive.sfl.cnrs.fr/sites/sfl/IMG/pdf/Verbal-SignedLanguages_02_Cuxac-Sallandre_last_draft_2007.pdf. Acesso em 18 jan. 2019.

DAMÁZIO, M. F. M. *Atendimento Educacional especializado: Pessoa com Surdez.* Brasília: SEESP / SEED / MEC, 2007.

DOMANESCHI, E. O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação. Estudos Semióticos. *Revistas da USP*, São Paulo, nov. (Edição especial), p. 51-58. 2017. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/140738/135670. Acesso em 14 set. 2018.

DUARTE, A. S. Empréstimos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – LSB. Linguagens em Movimento. *Revista Diálogos (RevDia)*. Ano 1, nº. 1. 2013. Disponível em: file:///E:/USUARIO/Downloads/2687-8316-1-SM.pdf. Acesso em 5 fev. 2019.

DUCROT, O. *Estruturalismo e linguística.* São Paulo: Cultrix, 1970.

FAGUNDES, R. B. Uma breve análise do percurso gerativo de sentido em uma tira de Magali. *Anais do SILEL*. Uberlândia, v. 2, nº. 2, 2011. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_819.pdf. Acesso em 28 mai. 2018.

FELIPE, T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 8, nº. 2, jul./dez., p. 67-89. 2013. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/14141/12911. Acesso em 21 dez. 2018.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na Libras. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, nº. 2, jun., pp. 200-217. 2006. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803/818. Acesso em 5 fev. 2018.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *Libras em Contexto:* Curso Básico - Livro do Professor. 6ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Disponível em www.faseh.edu.br/biblioteca_/arquivos/acervo_digital/Libras_em_contexto_Livro_do_Professor.pdf. Acesso em 20 jul. 2018.

FERREIRA, L. *Por uma gramática de língua de sinais.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin.* São Paulo: Ática, 2008.

FIORIN, J. L. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas as letras*, Dossiê J, São Paulo, v. 9, nº. 1. 2007. Disponível em http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/649/579. Acesso em 02 jun. 2018.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, nº. 1, p.177-207. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 27 maio 2018.

FREITAS, M. N. F. C. Iconicidade e leitura. *In*: *Atas do IX FELIN*, I Colóquio de Semiótica: Mundos semióticos possíveis, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/40.pdf. Acesso em 10 jun. 2018.

FRYDRYCH, L. A. K. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. *ReVEL*, v. 10, nº. 19. 2012. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em 10 jun. 2018.

GEDIEL, A. L. *Falar com as mãos e ouvir com os olhos?* A corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre. 2010. 292f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78198/000896335.pdf?sequence=1. Acesso em 03 fev. 2019.

GESSER. A. *LIBRAS? Que língua é essa?* crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GREINER, C. *O Corpo:* pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume, 2013.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JEREMIAS, D. A. Iconicidade em Sentenças Transitivas da Libras: uma motivação formal e conceptual. *Percursos Linguísticos*, Vitória, v. 8, nº. 18. 2018. Disponível em: http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19061/13901. Acesso em 22 jan. 2019.

JUNIOR, E. F.; FERRAZ, P. F. L. *A Iconicidade, da Semiótica à Linguística:* Situação do Problema. Anais. Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). VI Congresso Internacional da Abralin – 04 a 07 de março de 2009. João Pessoa. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/prin_total.htm.Acesso em 21 jan. 2019.

KARNOPP, L. Fonética e Fonologia. *In*: PEREIRA, A. T. C.; STAMPF, M. R.; QUADROS, R. M. (org.). *Eixo de Formação Básica. Coleção Letras Libras*. Santa Catarina: Editora UFSC, 2008. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia_TextoBase.pdf. Acesso em 18 jul. 2018.

KREBS, L. M.; LAIPELT, R. C. F. Teorias da linguística cognitiva para pensar a categorização no âmbito da Ciência da Informação. *TransInformação*, Campinas, ed. 30(1), jan./abr., p. 81-93. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tinf/v30n1/2318-0889-tinf-30-1-0081.pdf. Acesso em 22 jul. 2018.

LIMA, A. O. Semiótica Discursiva: uma introdução metodológica para biblistas. *Revista Ancora*, João Pessoa, v. VIII, ano 7, 2012. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_8/Anderson%20OK!.pdf>. Acesso em 28 mai. 2018.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução.* Tradução Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico*. Tradução: M. C. V. Raposo & À. Raposo. Lisboa: Espanha, 1978.

MACHADO, I. Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 8, nº. 2, jul./dez., p.136-156. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/09.pdf. Acesso em 10 dez. 2018.

MARTELOTTA, M. *Manual de Linguística.* 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, E. A. Os alunos surdos no ensino regular: o que dizem os professores. Dissertação. 149f. Mestrado (Mestrado em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2004. Disponível em <file:///E:/USUARIO/Downloads/331768.pdf>. Acesso em 13 abr. 2018.

MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. *Ensaios de semiótica:* aprendendo com o texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. Semiótica greimasiana: iniciando a conversa. *Anais da VI SEVFALE*, Belo Horizonte, UFMG, 2006. Disponível em: file:///E:/USUARIO/Downloads/87-248-1-PB.pdf. Acesso em 02 jun. 2018.

MORAL, S. J. *Quebrando o Silêncio:* um breve documentário sobre o mundo dos surdos. Itu: Ottoni Editora, 2005.

MOUNIN, G. *História da Linguística:* das origens ao século XX. Tradução de F. J. Hopffer Rêgo. Coleção Humanitas. Porto: Edições Despertar, 1970.

NUNES, V. F. Iconicidade e corporificação em sinais de Libras: uma abordagem cognitiva. *In*: CARVALHO, G.; ROCHA, D.; VASCONCELLOS, Z. (org.). *Linguagem:* Teoria, Análises e Aplicações. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras/UERJ, 2013.

PAIVA, F. A. S.; MARTINO, J. M.; BARBOSA, P. A.; BENETTI, A. B. SILVA, I. R. Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira: o caso de um avatar. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 13, nº. 3, p. 12-48. 2016. Disponível em: https://www.cti.gov.br/sites/default/files/revista_gel1.pdf. Acesso em 10 fev. 2019.

PIETROFORTE, A. V. *Semiótica Visual: os percursos do olhar*. 3ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017a.

PIETROFORTE, A. V. *Análise do texto visual:* a construção da imagem. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017b.

PIETROFORTE, A. V. A palavra e o discurso. *In*: *Semiótica*: objetos e práticas. Ivã Carlos Lopes e Nilton Hernandes (org.). 2ª ed.,1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017c.

PIMENTEL, D. S.; FARES, J. A. A performance em Paul Zumthor. *Anais*. X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq, 2014. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/251/233.pdf. Acesso em 10 nov. 2018.

PAGY, F. E. *Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).* 2012. 203f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11674/1/2012_FabianeEliasPagy.pdf. Acesso em 12 set. 2018.

PIACENTINI, M. T. Q. Como escrever siglas. *Portal Entretextos*. Piauí: Entretextos, 2011. Disponível em: http://www.portalentretextos.com.br/materia/como-escrever-siglas,6664. Acesso em: 16 jun. 2019.

PINTO, C. M. Metanálise Qualitativa como Abordagem Metodológica para Pesquisas em Letras. *Revista Atos de Pesquisa em Educação*. São Vicente do Sul: Instituto Federal Farroupilha, v. 8, nº. 3, set./dez., p. 1033-1048. 2013. Disponível em: http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4023/2491. Acesso em 14 dez. 2018.

PRADO, C. A.; BARBOSA, J. F.; LIMA, S. V. B. S. Iconicidade e sua Funcionalidade. *Nucleus*, Ituverava, v. 8, nº. 1, abr. 2011. Disponível em: http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/545/603. Acesso em 10 jul. 2018.

PUECH, C. A emergência do paradigma semiótico. *In*: *Discurso, semiologia e história.* PIOVENAZI, C.; CURCINO, L. C.; SARGENTINI, V. (org.). São Carlos: Claraluz, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artimed, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. *Ideias para ensina português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. *In*: *Teorias de Aquisição da Linguagem.* Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

QUADROS, R. M. Aquisição das Línguas de Sinais. *In*: *Estudos Surdos IV*. QUADROS, R. M.; STAMPF, M. R. (org.). Petrópolis: Arara Azul, 2009.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais I.* Florianópolis: Ed. UFDC, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetras Libras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em 6 dez. 2018.

RAMOZZI-CHIAROTTINO. Z. Epistemologia genética e a aquisição da linguagem. *In*: *Teorias de Aquisição da Linguagem*. QUADROS, Ronice M. (org.). Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAPIR, E. *Linguística como ciência:* ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SARGENTINI, V. M. O. Contribuições da Semiologia Histórica à Análise do Discurso. *In*: *Discurso, semiologia e história.* PIOVEZANI, C.; CURCINO, L. C.; SARGENTINI, Vanice (org.). São Carlos: Claraluz, 2011.

SAUSSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

SEVERO, R. T. Saussure e Benveniste: signo linguístico, referência e linguagem poética. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, nº. 44, jun., p. 239-258. 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/27467/18833. Acesso em 17 jan. 2019.

SILVA, A. S. *A Linguística Cognitiva:* uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323128700_ A_Linguistica_Cognitiva_uma_breve_introducao_a_um_novo_paradigma_em_Linguistica. Acesso em 22 jul. 2018.

SILVA, F. A. Q. *A proposta epistemológica de A. J. Greimas a partir da relação entre leitura e a estrutura profunda da significação*. 2010. 109f. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1668/1/2010_FlavioAugustoQueirozSilva. pdf. Acesso em 26 maio 2018.

SILVA, J. P. *Construção Imagética do Texto: Contribuições da Teoria da Iconicidade Verbal para uma Tradução Intermodal e Intersemiótica / Interlingual.* Orientadora: Profa. Dra. Ana Luíza G. P. Navas. 2011. Monografia (Curso de Especialização em Interpretação/Tradução em Libras–Português) - Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, I. B. O. Contribuições Saussurianas para os Estudos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais-Libras. *Cenários*, Porto Alegre, v. 2, nº. 14. 2016. Disponível em: https://seer. uniritter.edu.br/index.php?journal=cenarios&page=article&op=view&path%5B%5D=1418&p ath%5B%5D=1020. Acesso em 17 jan. 2019.

SPREAD THE SIGN. *Dicionário de língua de sinais.* Suécia: European Sign Language Center, 2018. Disponível em: https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/. Acesso em 15 nov. 2018.

TEIXEIRA, V. G. A motivação relativa na Libras. *Revista Philologus,* Ano 20, nº. 58, Supl.: Anais do VI SINEFIL, jan./abr. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/rph/ANO20/58SUP/_RPh58-Supl.pdf. Acesso em 10 abr. 2018.

TEIXEIRA, V. G. A iconicidade e arbitrariedade na Libras. *Anais.* VII SINEFIL, Campo Grande, abril, 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20Libras%20%20VANESSA.pdf. Acesso em 17 jan. 2016.

TORCHI, G. F. C. Cacos em ebulição semiótica: A composição mosaica dos aspectos de transmutação de uma escritura. *In*: TORCHI, G. F. C.; LIMBERTI, R. C. P.; MELO, Silvia Mara (org.). *Nas tramas do discurso.* Aspectos culturais e ideológicos. Florianópolis: Insular, 2017.

VELOSO, B. S. *Construções Classificadoras e Verbos de Deslocamento, Existência e Localização na Língua de Sinais Brasileira*. 2008. 159f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269085/1/Veloso_BrendaSilva_D.pdf. Acesso em 23 jan. 2019.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. *Aprender a Ver.* Tradutor: Tarcísio de Arantes Leite. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2005. Disponível em: http://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/9. Acesso em 22 jan. 2019.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e Iconicidade. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

VILHALVA, S. *Pedagogia Surda*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/105. Acesso em 20 jan. 2019.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 30, nº. 2, jul./dez., p.371-413. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0371.pdf. Acesso em13 de jun. 2018.